

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

ANDRÉ ALVES MARTIRANI

LITERATURA E CINEMA
ESCRITA LITERÁRIA E ESCRITA FÍLMICA

PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM
LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA
PUC-SP

SÃO PAULO
2012

ANDRÉ ALVES MARTIRANI

LITERATURA E CINEMA
ESCRITA LITERÁRIA E ESCRITA FÍLMICA

Dissertação apresentada em cumprimento parcial às exigências do Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, para obtenção do grau de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Bastazin.

SÃO PAULO
2012

BANCA EXAMINADORA

Dedico este trabalho a minha família e demais entes queridos. A Aline, minha filha, e Raquel minha esposa. A meus pais, Ariosto, in memorium, e Esther. A meus mestres de toda a vida e amigos que me alimentam com a energia do conhecimento e do amor.

*“A saúde é a alegria do corpo,
a alegria é a saúde da alma.”*

Autor anônimo

AGRADECIMENTOS

À Sra. Celita Procópio de Carvalho pela generosidade com que incentivou meu percurso acadêmico no bacharelado e na especialização, possibilitando minha trajetória até aqui.

Ao Governo Federal e ao Ministério da Educação que, por meio do Presidente Lula e do Ministro Sérgio Haddad tornaram possível a Bolsa de estudos com a qual fui agraciado.

Aos amigos do alto comando do Centro de Estudos Estratégicos - CEE - , general Sérgio Ernesto Alves Conforto, general Antonio Luiz Burgos, coronel Edson Souza Rodrigues pela força que me transmitem e me enchem de energia para seguir adiante.

Aos Professores da Pontifícia Universidade Católica, pela oportunidade desta formação. Ao Professor Biagio D'Angelo, pelo acolhimento inicial. Aos professores e doutores Maria Aparecida Junqueira, Maria José Gordo Palo, Juliana Silva Loyola, Maria Rosa Duarte de Oliveira, Fernando Segolín e Vera Bastazin pelos ensinamentos que todos me transmitiram.

*Ao escritor A. J. Barros, por ter me oferecido um exemplar da obra que acabou por se tornar o *corpus* desta dissertação.*

Ao Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira - INEP - que, em 2006, aplicou o Exame Nacional de Desempenho de Estudantes - ENADE - e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES - pela Bolsa de estudos à mim concedida em razão de ter obtido a melhor nota do Brasil em Comunicação Social / Cinema

Aos colegas de sala, pela amizade, apoio, incentivo e troca de experiências. A todos aqueles que, de alguma forma, direta ou indiretamente, contribuíram com o desenvolvimento desse trabalho.

MARTIRANI, André Alves. **Literatura e Cinema, Escrita Literária e Escrita Fílmica**. Dissertação de Mestrado. Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura e Crítica Literária. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brasil, 2012. 109p.

RESUMO

Esta dissertação propõe um estudo do texto *O Conceito Zero*: uma trama internacional para a independência da Amazônia, de A. J. Barros, com o propósito de verificar se a obra literária contém elementos propícios à adaptação para o cinema, isto é, qualidades específicas para uma transposição audiovisual imagética.

A estrutura da obra – personagens, espaço, tempo, ação, ponto de vista, recursos narrativos, curva dramática, entre outros elementos – será estudada sob o enfoque da teoria literária e da escrita fílmica. A partir da análise da obra, serão identificados aspectos que permitem um diálogo intercódigos.

A análise dos dados obtidos possibilita que sejam verificados pontos favoráveis à adaptação para a linguagem cinematográfica, assim como permite perceber com mais acuidade pontos que não se adequam a esse propósito.

Na sequência da análise, formalizamos apontamentos para orientar o roteiro cinematográfico e elaborar parte do roteiro em si, transpondo para a escrita fílmica uma porção da obra que se estende do início da mesma até o final do Livro I – *O Rio da Dúvida*.

Por fim, propomos um breve comentário sobre o processo para adaptação do romance.

Palavras-Chave: adaptação; cinema; roteiro, literatura; Amazônia.

MARTIRANI, André Alves. **Literature and Cinema, Literary Writing and Film Writing**. Dissertation of Master Degree. Program of Postgraduate Studies in Literature and Literary Criticism. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, Brazil, 2012. 109p.

ABSTRACT

This dissertation proposes a study of the text, *The Concept Zero*, an international plot for the independence of Amazonia, by A. J. Barros, with the purpose of determining whether the literary work has elements that would allow its adaptation to the cinema, in other words, qualities favorable for an audiovisual transposition.

The structure of the work – characters, space, time, action, point of view, narrative resources and dramatic curve, among other elements – will be studied from a literary theory and film writing approach. Based on the analysis of the work, aspects which allow a dialogue between codes will be identified.

Analysis of the data obtained allows identification of points favorable for adaptation to cinematographic language, as well as more accurate identification of points that are not suitable for this purpose.

Following the analysis, we formally indicate ideas to guide the cinematographic script and prepare part of the script itself, transposing a portion of the work that extends from its start to the end of Book I – *The River of Doubt* into film writing.

Finally, we offer a brief commentary on the process for adapting the novel.

Key words: adaptation, cinema, script, literature, Amazonia.

LITERATURA E CINEMA

ESCRITA LITERÁRIA E ESCRITA FÍLMICA

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	003
CAPÍTULO 1 – ESTUDO DA OBRA	
Elementos da Composição Narrativa.....	009
CAPÍTULO 2 – APONTAMENTOS À ADAPTAÇÃO	
Reflexões para o Trabalho de Roteiro.....	032
CAPÍTULO 3 – ROTEIRO PILOTO	
Proposta de Roteiro: Livro I – O Rio da Dúvida.....	040
CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
REFERÊNCIAS	106

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo realizar estudo literário da obra **O Conceito Zero**: uma trama internacional para a independência da Amazônia, de A. J. Barros, de forma a criar subsídios à adaptação do romance para roteiro cinematográfico de longa metragem. Nessa perspectiva, apresentamos proposta de roteiro que compreenderá o Livro I – O Rio da Dúvida. Este extrato será adaptado como amostra para uma eventual adaptação completa do romance. Avaliamos que esta parte da obra é pertinente, como exemplo pois, além de ser a parte inicial da narrativa apresenta características que se reproduzem ao longo do restante da obra.

Como ponto de partida para desenvolver esta proposta, procedemos uma análise literária da obra, com base em algumas proposições formuladas por Massaud Moisés, em *A Análise Literária*, além de conceitos formulados por autores como Mikhail Bakhtin, sobre a questão do dialogismo e Walter Benjamin, sobre Narrador. Também nos valem de algumas ideias de Tzvetan Todorov, Vladimir I. Propp e Ismail Xavier. Elegemos ainda, como apoio teórico importante, *A Arte da Adaptação*, de Linda Seger e *Uma teoria da Adaptação*, de Linda Hutcheon.

O interesse pela obra, **O Conceito Zero**, surgiu em 2008, quando cursava a Pós-Graduação Lato Sensu em Estratégia Militar para Gestão de Negócios, coordenada pelo Centro de Estudos Estratégicos da Fundação Armando Alvares Penteado – FAAP. O foco do curso centrava-se em estudos sobre a Amazônia. A temática desenvolvida não só despertou meu interesse como foi também potencializada quando tive a oportunidade de conhecer a obra em referência. Estudar o texto e conhecer o autor representaram, nesse meu percurso, oportunidade ímpar para aguçar o desejo de realizar uma pesquisa. **O Conceito Zero**, pela relevância dos vários assuntos abordados e pelo grau de detalhamento das informações, tornou-se motivação maior para o

trabalho de aproximação entre Cinema e Literatura, duas áreas de conhecimento e expressão da arte que norteiam esta investigação.

Assim, a presente pesquisa tem origem no questionamento sobre a existência de características que apontam com vigor à possibilidade de adaptação da obra para roteiro cinematográfico. O questionamento estende-se também para a passagem de um meio a outro, do literário ao cinematográfico, do imaginário ao imagético, do livro à escrita fílmica. Como isso se realiza?

Cabe notar que esta pesquisa não abrange nenhum aspecto relativo à produção do filme em si, nem a redação integral do roteiro, restringindo-se ao estudo literário da obra em referência, aos apontamentos para a redação do roteiro e à redação da parte inicial do roteiro, tão somente do Livro I – O Rio da Dúvida, que se inicia na página sete e vai até a setenta e sete.

Tudo que no livro está colocado de forma linguística, isso é, sem corpo imagético, manifestando-se como personagens, espaços, narrativa de ação, tempo psicológico, diálogos, enfim, tudo que se coloca *em* e *na* linguagem escrita quando transposto para imagem, passa pela mediação do roteiro e tende a se tornar visível ou audível por meio da voz dos atores; dos sons; do figurino; do cenário; da maquiagem; da fotografia; da montagem; da trilha sonora e dos efeitos de som e imagem. Em essência, todos aspectos cinematográficos são fornecidos pela matriz literária que traz inscrita em si o potencial para ser extrapolada e oferecer, ou mesmo ensinar, a tradução para outros códigos como neste caso, o cinematográfico: adaptação para a escrita fílmica.

... a adaptação é (e sempre foi) central para a imaginação humana em todas as culturas. Nós não apenas contamos, como também recontamos nossas histórias. ... as pessoas recontam suas histórias e as histórias de terceiros. (HUTCHEON, 2011, p.10).

Enfim, por meio do filme acabado – em sua corporeidade imagética impressa ótica, química ou, eletronicamente na película ou em arquivo digital – sua projeção alcança o público espectador pelos sentidos auditivo e visual. A visão é aqui entendida como imagens análogas ao real, e não como sinais gráficos de um código de escritura que exige conhecimento previamente convencionalizado para sua decifração, o filme como um meio que se baseia no imagético e na oralidade.

Como fazer, então, para que a obra literária que possibilita visibilidade, enseje o filme e realize mais um potencial do livro?

A adaptação cinematográfica tende a dar visibilidade e concretude ao objeto mas, ao mesmo tempo em que tende para a corporeidade visível, não fecha os campos imaginativos. Ao contrário, pode conduzir a uma abertura ainda maior. Temos assim, a adaptação como um processo de leitura, uma passagem; a redação de um segundo original, uma adaptação para um novo código.

Essas questões apontam para o problema central do processo de adaptação: a passagem do imaginário literário para o da escrita cinematográfica, ainda sem corporeidade imagética mas, avançando em direção ao visível, ao outro suporte, ao filme.

Encaminhando, ainda outros questionamentos que devem nortear nossa investigação, perguntamos:

Como fazer uma leitura cinematográfica do livro sem usá-lo apenas como meio, mas repetindo-o em sua especificidade poética, tal como devemos respeitar o cinema, que é outro meio e tem suas próprias características de linguagem?

Com o objetivo de seguir em nossa investigação, destacamos os seguintes aspectos a serem estudados no romance: gênero literário; ponto de

vista ou foco narrativo; tema; enredo; recursos narrativos – diálogos, descrição e narração; personagens, ação e curva dramática; espaço / tempo.

O cinema é uma das formas possíveis de *ler* e ampliar os significados do romance. A recriação de um meio, alimenta a circulação do conhecimento, pois o reafirma vivo. É uma forma de construir a vida da cultura.

Nem o produto nem o processo de adaptação existem num vácuo: eles pertencem a um contexto – um tempo, um espaço, uma sociedade e uma cultura. (HUTCHEON, 2011, p.17).

O fato desta pesquisa propor apontamentos à adaptação e chegar inclusive ao roteiro parcial deve-se ao nosso desejo de colocar esse livro no circuito do roteiro, o que, como já dissemos, representa para o livro, uma nova vida, em outro código. A recriação pode ser uma amplificação de potencial que o livro já tem inscrito e o cinema intensifica.

O objetivo maior dessa proposta traz consigo o propósito de facilitar condições para a redação de um roteiro cinematográfico recriado a partir da matriz literária **O Conceito Zero**.

A literatura como um todo – e este livro em particular – pode desdobrar-se em outros códigos, como por exemplo, o cinematográfico, o que não significa que ela dependa de outros meios, pois sempre terá sua existência independente deles. Assim como o cinema, no caso, não depende do livro pois pode fazer um roteiro sem se valer de obra literária nenhuma. Esse roteiro poderá ou não gerar um filme. Poderá *parar* no roteiro e nunca ser filmado. De qualquer forma, os apontamentos para o roteiro e sua parte inicial já mobilizam e o livro ganha outros espaços. Todavia, se ele vai ou não chegar a ser um roteiro completo e um filme, isso é outra questão. Aqui a grande meta é contribuir para criação do circuito.

Acho bastante sugestivo pensar a adaptação narrativa em termos de permanência de uma história, seu processo de mutação ou adequação (através da adaptação) a um dado meio cultural. As histórias não são imutáveis, ao contrário, elas também evoluem por meio da adaptação ao longo dos anos. ... as histórias viajam para diferentes culturas e mídias. (HUTCHEON, 2011, p.58).

O processo de apontamentos à adaptação deve culminar com algumas considerações resultantes de uma reflexão sobre o próprio fazer da escrita fílmica. A relação entre os códigos também deve ser objeto de reflexão. Esse roteiro cinematográfico significa parte da missão de qualquer livro literário. O livro não quer ficar preso nele mesmo, ele está posto para criar um circuito de interação entre leitores. Nessa perspectiva, o leitor não precisa ser uma pessoa, mas poderá ser um outro código que vai gerar outros leitores e/ou espectadores, que podem contar e amplificar a composição narrativa.

É um processo dialógico contínuo, conforme Mikhail Bakhtin teria dito, no qual comparamos a obra que já conhecemos àquela que estamos experienciando. (HUTCHEON, 2011, p.45 e p.46).

A hipótese de nossa investigação é de que o livro, **O Conceito Zero**, apresenta em sua estrutura um possível roteiro de cinema. Ou seja, o livro faz pulsar em sua estrutura qualidades que podem ser recriadas como roteiro de cinema.

Devemos lembrar que o romance é um objeto matriz capaz de despertar imagens associativas por meio das quais constrói-se o imaginário. Essa capacidade só a literatura tem.

... a transmissão cultural é análoga à transmissão genética, pois embora seja fundamentalmente conservadora, pode dar origem a um tipo de evolução ... As histórias são, de fato, recontadas de diferentes maneiras, através de novos materiais e em diversos espaços culturais; assim como os genes, elas se adaptam aos novos meios “em virtude” da mutação – por meio de suas “crias” ou adaptações. E as mais aptas fazem mais do que sobreviver; elas florescem. (HUTCHEON, 2011, p.59).

Ao fazer a passagem de um romance para um roteiro cinematográfico deve-se estar atento para o processo de recriação das imagens sugeridas. O cinema materializa em seu código de imagem, som e movimento o que, muitas vezes, está no texto literário como uma sugestão interpretativa que pulsa para ser percebida e reconstruída em significados quando transposta de um código para outro.

CAPÍTULO 1 – ESTUDO DA OBRA

Elementos da Composição Narrativa

O **Conceito Zero** é uma obra literária em prosa com 406 páginas distribuídas em 83 capítulos. Os capítulos, por sua vez, são divididos em 6 livros, apresentando cada um deles introdução própria:

Livro I – O RIO DA DÚVIDA.....	Capítulo 01 a 14	p. 007;
Livro II – REPÚBLICA DA AMAZÔNIA.....	Capítulo 15 a 29	p. 079;
Livro III – OS TEMPLÁRIOS.....	Capítulo 30 a 46	p. 153;
Livro IV – AS AMAZONAS.....	Capítulo 47 a 55	p. 239;
Livro V – O EL DORADO.....	Capítulo 56 a 67	p. 281;
Livro VI – O CONCEITO ZERO.....	Capítulo 68 a 83	p. 337.

Conforme já mencionado, para o propósito desse estudo, destacamos em nossa análise aspectos da composição narrativa, tais como:

- Gênero Literário;
- Ponto de Vista ou Foco Narrativo;
- Tema;
- Enredo;
- Recursos Narrativos – Diálogos, Descrição, Narração;
- Personagens / Ação / Curva Dramática;
- Espaço / Tempo.

A obra literária **O Conceito Zero** pertence ao gênero narrativo e pode ser entendida como um Romance Policial, nesse sentido, vale lembrar o que formulou Tzvetan Todorov em Tipologia do Romance Policial:

O romance policial tem suas normas; fazer ‘melhor’ do que elas pedem é ao mesmo tempo fazer ‘pior’: quem quer ‘embelezar’ o romance policial faz ‘literatura’, não romance policial. (2008, p.95).

O romance policial é um tipo de narrativa que expõe uma investigação fictícia, ou seja, a superação metódica de um enigma ou a identificação de um fato ou pessoa misteriosa. A busca de sua solução será o objetivo do agente responsável pelo esclarecimento do enigma. Ainda na referida obra, afirma Todorov:

Na base do romance de enigma encontramos uma dualidade, e é ela que nos vai guiar para decrivê-lo. Esse romance não contém uma, mas duas histórias: a história do crime e a história do inquérito. Em sua forma mais pura, essas duas histórias não têm nenhum ponto comum. (2008, p.96).

A estrutura básica de todo romance de enigma clássico advém de cada uma das duas histórias. A estrutura enfatizará, não o crime da primeira história, mas a forma de investigação do detetive, isto é, a ação passada e a forma de condução do inquérito da segunda história.

Ainda que uma abordagem sociológica não seja objeto desta pesquisa e que esta não pretenda tal enfoque, vale ressaltar que a natureza dos romances policiais está relacionada às funções da literatura de massa e às forças que operam sob na sociedade burguesa. Os problemas humanos e os crimes transformados em “mistérios”, que possam ser solucionados, representam uma tendência comportamental e ideológica típica do capitalismo.

O romance policial também demonstra que não pode haver crime perfeito, logo, ilegalismo sem punição. Na ficção romanesca, não haveria lugar para a impunidade, já que a ordem social concebe o delito como uma

anomalia, uma violação da lei. A principal função ideológica presente na literatura policial é a demonstração da estranheza do crime. Caracterizando o criminoso como um ser estranho à razão natural da ordem social, ela faz parte de uma pedagogia do poder que, por meio da diferenciação dos ilegalismos, define a delinquência. O criminoso, geralmente, é alguém que não se enquadra na ordem social, sendo por isto, necessário identificá-lo e puni-lo. Com efeito, a narrativa policial segue uma ordem de descoberta, tendo como ponto de partida um fato extraordinário.

O universo do romance policial é permeado por vários elementos: medo, mistério, investigação, curiosidade, assombro, inquietação, todos dosados de acordo com os autores e a época. Segundo idéias de Todorov (1970), por meio da palavra, o medo se torna uma tortura para a imaginação e estabelece uma relação poética entre narrador e leitor. O mundo é, dessa forma, uma fonte de inspiração literária, visto que, mistérios sempre existiram desde os primórdios da história da humanidade. A raiz metafísica deste gênero está na necessidade humana de eliminar a angústia e o sofrimento que nos domina enquanto não atingimos a compreensão de uma determinada situação de mistério. O temor diante do desconhecido e o espanto como resultado da resolução de um enigma são traços pertinentes à própria psicologia humana. Em toda investigação racionalmente conduzida, há, em germe, traços do romance policial.

Dando seguimento às ideias de Todorov (2008), o romance policial clássico busca a mais completa verossimilhança trabalhando com índices materiais. Muitos detetives, como por exemplo Sherlock Holmes, adotam métodos científicos para buscar a verdade. Em geral, o narrador lança mão de um mistério tão bem elaborado que o leitor não será capaz de desvendar sozinho. É nesse momento que o detetive entra em ação com o objetivo de resgatar a verdade. O leitor, a essa altura, está preso à narrativa na expectativa de um desfecho que o satisfaça. Como o objetivo da investigação sempre será alcançado, o detetive torna-se uma espécie de herói e o público passa a desejar que ele apareça em outras histórias, garantindo assim, a consagração da personagem.

Com estratégias cada vez mais sofisticadas, o romance policial começa a apresentar charadas com o intuito de aumentar o interesse do leitor a partir do momento em que ele se sente incapaz de desvendar o mistério sozinho. Nessa perspectiva, o romance policial começa a ser tratado como uma espécie de jogo.

Em 1928, S.S. Van Dine, o romancista criador do genial detetive Philo Vance, estabelece as regras de uma boa narrativa policial. Estamos nos referindo ao famoso “As vinte regras do Romance Policial”, artigo do *The American Magazine* (1928), no qual Van Dine conclui que o escritor deve “jogar limpo” com o leitor. Em outras palavras, a luta de intelectualidade deve acontecer em dois níveis: entre o detetive e o criminoso e entre o autor e o leitor. Nessas duas lutas, a identidade do culpado é o mistério para o qual tanto o detetive quanto o leitor devem ser conduzidos por meio de um sistemático exame de pistas. Seguem algumas das regras propostas por S.S. Van Dine (1928) no referido artigo: o leitor e o detetive devem ter as mesmas oportunidades de desvendar o mistério, no entanto, o leitor nunca deverá suplantar o autor; o herói do romance, o detetive, sempre sairá vencedor, pois se o contrário acontecer, o fato será atribuído à baixa qualidade da história, portanto, não haverá suspense, solução surpreendente ou catarse. No romance policial não pode haver intriga amorosa para não atrapalhar o processo intelectual do detetive. O romance deve ter um cadáver para causar horror e desejo de vingança. O culpado deve ser um dos personagens comuns, mas gozar de certa importância e não um assassino profissional. O culpado nunca poderá ser o detetive. A solução do mistério deve estar evidente desde o início para que uma releitura possa mostrar ao leitor o quanto ele foi desatento. As pistas devem estar todas presentes e o leitor deve se surpreender ao saber a identidade secreta do assassino. O romance deve ser verossímil, mas não cheio de descrições, já que se trata de um jogo.

De acordo com Van Dine (1928), a arte do romance policial de boa qualidade é atingir estas metas sem recorrer a truques baratos. É claro que a validade delas é bastante questionável visto que vários romances policiais clássicos e contemporâneos têm transgredido algumas dessas metas.

Outro gênero no interior do romance policial, é o chamado romance negro, que se criou nos Estados Unidos. Nele, as duas histórias se fundem; a narrativa coincide com a ação do crime. Não há narração em forma de memórias, não há mistério a ser desvendado e também não sabemos se o detetive chegará vivo ao final da história. A arquitetura da narrativa tem dois principais interesses: o de aguçar a curiosidade do leitor, garantindo que a história não seja abandonada no meio do caminho, e o de criar situações de suspense. O crime, o cadáver e certos indícios estarão presentes, mas os motivos pelos quais o assassinato foi praticado será o fio condutor da narrativa que, a partir daí, fará com que o interesse do leitor seja sustentado pela espera do que vai acontecer. Aquela imunidade que garantia a segurança do detetive no romance de enigma não será mais possível; aqui, o detetive se arrisca e tudo pode lhe acontecer.

O romance negro tem na coleção “*Série Noir*”, publicada na revista *Black Mask*, seu ápice de reconhecimento de público. As histórias transgridem algumas regras daquelas postuladas por S.S.Van Dine, como por exemplo, a existência de mais de um detetive e mais de um criminoso ou o criminoso ser um profissional que não mata por razões pessoais e, com frequência, ser um policial. Neste tipo de narrativa, há lugar para o amor, de preferência bestial, e o narrador não reserva suas surpresas para o final do último capítulo. Exploram-se situações angustiantes em que o detetive pode se envolver. Não há otimismo e a imoralidade ou amoralidade é admitida. Usa-se a linguagem coloquial, admitindo ainda palavras de baixo calão e gírias. O detetive também é falível e nem sempre há mistério. Pode ocorrer até que não haja detetive.

Desta maneira, fica perceptível a vocação do gênero à transcrição para o cinema. E assim, **O Conceito Zero** reforça sua vocação de ter continuidade em outro meio.

A narração se dá na terceira pessoa e o foco narrativo tende ao conhecimento completo, inclusive do que se passa no pensamento das personagens. Narrador onipresente e onisciente tendem à neutralidade, embora esta onisciência e neutralidade se revelem mais sobre os humores do

protagonista e de seus aliados do que sobre o antagonista e seus comparsas.

A história do livro guarda em si relação com temas que passam por meio ambiente, soberania nacional, amazônia, política, desenvolvimento e segurança nacional.

O livro se constrói com idas e vindas entre o ficcional e o não-ficcional, pois nele estão inscritos personagens e acontecimentos reais e imaginários. Assim, a obra não constitui um universo completamente ficcional, ela opera com a chave do híbrido, criando uma fusão do real com a ficção. Podemos dizer que existem elementos ficcionais dentro de um contexto histórico real, o que causa no leitor uma ilusão maior de realidade, como se a personagem ficcional existisse de verdade porque está ambientada, contextualizada no mundo real que conhecemos.

A narrativa se desenvolve por meio de uma trama internacional que pretende declarar a promulgação de uma República da Amazônia independente e separada do Brasil. Em torno dessa trama, monges templários, generais, ministros, embaixadores, empresários, agentes da *Central Intelligence Agency – CIA*, do *Federal Bureau of Investigation – FBI*, da Agência Brasileira de Inteligência – ABIN, policiais e cidadãos civis, enfim, uma enorme galeria de personagens reais e fictícios em missões paralelas movimentam a história na construção do enredo, garantindo emoção e surpresa, espionagem e mistério, sensualidade e paixão.

...nos filmes, os temas devem sempre reforçar e redimensionar a ação da história, pois nessas formas – exceto no caso dos filmes de “arte” europeus – o enredo é supremo (SEGER, 1992, p.14 / HUTCHEON, 2011, p.33).

Todavia, essa gama de temas, assim como a trama internacional só se tornam literárias pela qualidade com que o enredo é construído, ou seja organizado na sequência de fatos e acontecimentos, fazendo uso de saltos no tempo e no espaço entre outros fatores. Em relação à multiplicidade do enredos, há um plano histórico, um ficcional, um policial, um político, um de

consciência da personagem, um amoroso e, finalmente, um detetivesco, todos eles se cruzando.

Podemos dizer, em relação às referidas propostas de Van Dine que, em **O Conceito Zero** há suspense. Há uma solução surpreendente. Não há propriamente uma intriga amorosa, mas apenas uma paixão bem sucedida entre duas das personagens que compõem a tríade principal do romance mas que não é fundamental ao primeiro plano da trama. Há um cadáver que leva ao ensejo de desmascaramento e justiça. Há o antagonista que goza de certa importância, mas não deixa de ser, em última análise, uma personagem comum e não exatamente um assassino profissional, embora conte com assassinos em suas equipes de comparsas. Há uma complexa trama armada pelo antagonista que exige uma série de assassinatos e eventos criminosos e estes, talvez, possam ser atribuídos a razões também pessoais. Toda armação criminosa, porém, não é perfeita e se deixa ser vencida. A solução do mistério não se evidencia desde o início, mas vai deixando pistas e se construindo ao longo do enredo, culminando por surpreender o leitor no momento da revelação. O texto é um romance policial que investiga, mas também denuncia e alerta.

Conjecturando sobre dois tipos de romances, conforme colocado por Todorov (1970), os de enredo e os de linguagem, podemos dizer que há romances que tentam conquistar o leitor por meio das palavras, de como elas chegam ao leitor, de como dizem o que se poderia dizer de outra forma, esses são os de linguagem: fazem uso intenso da linguagem como imagem metafórica, são composição altamente elaborada que dizem *com* e *na* forma de linguagem. O outro tipo, os romances de enredo, são mais centrados nos fatos e apresentam em sua composição a surpresa, a curiosidade e o suspense. Os romances de enredo se valem mais da linguagem denotativa.

O bom escritor precisa ser tão bom na composição da linguagem como na do enredo. O escritor consciente do poder da linguagem compartilha sua experiência com o leitor e tende a ver sua obra perdurar.

Sob essa ótica, **O Conceito Zero** revela-se como um romance cuja vertente do enredo e da experiência do narrador, bastante agudos, ganham naturalmente muita força. Como decorrência praticamente natural do gênero romance, as estruturas narrativas se destacam.

Embora não busque um estilo sofisticado, nem uma arquitetura de enredo inédita, isto não impede que **O Conceito Zero** nos revele muitas passagens de encantamento. Ainda que em todo o livro ocorram entremeadas *digressões didáticas* de história e geografia do Brasil ou de curiosidades de contexto, A.J. Barros as insere sempre de uma maneira pertinente e atada ao enredo. O autor lembra, por exemplo, a viagem do presidente norte-americano Theodore Roosevelt pela Amazônia, no início do século XX, ciceroneado pelo então coronel Rondon, que deu o nome de Roosevelt ao rio que se chamava Rio da Dúvida. O narrador recorda também vários documentos de chefes de Estado que revelam a cobiça sobre a Amazônia.

De todo jeito, independentemente da habilidade com que o narrador insere estas *digressões didáticas* e como não poderia deixar de ser, elas acabam por resultar em momentos de pausa na ação e, naturalmente, retardam o ritmo narrativo. A título de exemplo de como pode ocorrer na obra uma *digressão didática*, segue uma passagem que versa sobre a cidade de Cuiabá e que aparece na obra quando o enredo se desloca para esta localidade:

Cuiabá é ainda considerada a porta de entrada da Floresta Amazônica. Goza do privilégio de estar cercada por três dos maiores ecossistemas do mundo: a Amazônia, o Cerrado e o Pantanal, e ser o centro geodésico da América do Sul.

Foi fundada em 1719, depois da descoberta de ouro às margens do rio Coxipó, e depois surgiram as ricas minas da Prainha e da Colina do Rosário, sobre a qual foi construída a igreja do Rosário, no coração de Cuiabá. Ainda hoje há quem defenda a exploração do ouro que existe embaixo da igreja.

O primeiro nome da cidade foi Arraial da Forquilha. Duas histórias explicam a mudança do nome para Cuiabá. Numa delas, contam que um português estava lavando uma cuia de garimpar ouro no rio e ela

escapou das suas mãos, sendo levada pela correnteza. O português teria dito "cuia vá", dando origem ao nome da cidade.

Seria fenômeno semelhante ao que originou o nome da cidade de Bombaim, na Índia. Consta que quando os portugueses chegaram ao local teriam dito "boa baía", expressão que os locais entenderam como Bombaim, nome que permaneceu, até recentemente quando foi mudado para Mumbai.

Ao chegar ao continente sul-americano, o europeu teve de mudar seus hábitos de alimentação porque o trigo não se deu bem aqui. Os portugueses aprenderam com os índios as vantagens da mandioca, um arbusto cuja raiz é o alimento natural da região e que deu origem a uma das mais bonitas lendas da Amazônia.

Conta essa lenda que um tuxaua, o chefe da aldeia, tinha uma filha muito bonita que um dia ficou grávida misteriosamente. Feliz porque ia ter um filho, ela foi correndo contar ao pai. O tuxaua não aceitou a situação e expulsou a filha, que foi viver sozinha numa cabana distante da aldeia, onde era visitada por amigos e parentes que lhes levavam alimentos e carinho.

Um dia nasceu uma linda menina de cor branca, à qual a mãe deu o nome de Maniva. A notícia se espalhou por todas as aldeias e os índios começaram a visitar a menina Maniva. Até o avô, que antes havia expulsado a filha, não resistiu e se encantou com a neta.

Quis a sorte porém que, ao completar três anos, a menina morresse. A mãe enterrou-a perto da cabana e dias depois começou a nascer uma planta cuja raiz era tão branca como a menina. Deram então a essa planta o nome de manioca, ou seja, a casa de Mani.

A lenda da manioca, palavra que passou a ser mandioca, traz o simbolismo místico de todas as religiões, pois representa a pureza do nascimento e a ressurreição, que renova a vida em seu elemento imaculado, o branco. Desde então, as tribos passaram a se alimentar com a alma de Mani.

Descobriram que da mandioca se faz a farinha, que depois comiam com o peixe ou com a caça. Faziam o cauim, uma bebida alcoólica, e também podiam cozinhar ou assar. É pobre em gorduras, proteínas e vitaminas, mas rica em carboidrato.

Essa é a outra versão para a origem da palavra Cuiabá, que na linguagem dos índios, significa homem que faz farinha. Todo habitante da margem do rio sabia fazer farinha da raiz da mandioca. Cuiabá formou-se na época da febre do ouro e, quando este acabou, a cidade ficou quase desabitada e também isolada do restante do país. Aproximou-se então dos países vizinhos, principalmente Bolívia e Paraguai, ganhando sotaque e costumes castelhanos. As lendas e histórias tornam a cidade diferente e fascinante. (BARROS *, 2006, p.66 e 67).

¹ Todas as citações referentes ao romance **O Conceito Zero** serão indicadas pela sigla CZ, seguidas pelo número da página.

Outras vezes a *digressão didática* traz informações relevantes para a compreensão do contexto da história. Como por exemplo, neste trecho:

Logo depois da criação da Petrobras, em 1953, o americano Walter Link, que foi o primeiro geólogo-chefe da empresa, escreveu o famoso Relatório Link, afirmando que nossa plataforma terrestre era pobre em petróleo. Apesar dos grandes rios da Amazônia, o centro da produção nacional estava no litoral, onde a escassez de energia era um impasse para sustentar o crescimento econômico.

No ano de 1956, foi aprovado o programa nuclear brasileiro, com a criação da CNEN, a Comissão Nacional de Energia Nuclear, e vem evoluindo lentamente. Mas os Estados Unidos se recusaram a cooperar e o Brasil optou pelos reatores alemães.

O plano previa a construção de oito usinas nucleares em Angra dos Reis, com vistas a atender três grandes centros urbanos: São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte.

A crise do petróleo e a alta dos juros americanos sufocaram a economia brasileira e o Brasil não teve recursos para construir todas as unidades. Das oito usinas planejadas, foram construídas apenas duas.

O boicote americano dificultou até mesmo a contratação de técnicos e cientistas e o Brasil teve de apelar para pesquisadores de todas as origens. Nessa época, o Irã estava com sua economia aquecida pelos preços do petróleo e o xá Reza Pahlevi era forte aliado dos Estados Unidos no Oriente Médio, mas também não descuidou da energia nuclear.

Da mesma forma que o Brasil, o Irã recorreu à Alemanha e iniciou o seu programa nuclear em 1968, mas com a revolução islâmica, a Alemanha se retirou e a Rússia ocupou o seu lugar.

O programa nuclear do Iraque foi conhecido após a Guerra do Golfo Pérsico, e em 1994 foi revelado o programa da Coreia do Norte. A Índia e o Paquistão desenvolveram a bomba atômica e, desde então, as Nações Unidas e principalmente os Estados Unidos começaram a fazer pressões para a suspensão de novos programas nucleares. Líbia, Iraque, Sudão, Coreia do Norte, Irã, Brasil, Argentina e outros países ficaram tolhidos em seus projetos.

A suspensão ou limitação dos programas nucleares em diversos países deixou sem futuro muitos pesquisadores e cientistas que haviam abraçado a física nuclear por vocação ou por profissão.

Surgiu então um mercado de profissionais especializados em energia nuclear que buscaram rumos diferentes. Alguns continuaram no mundo acadêmico em seus próprios países. Muitos porém ficaram frustrados e revoltados tornando-se alvo fácil do fanatismo ou do terrorismo.

Uma cuidadosa estratégia foi se aperfeiçoando para coloca-los dentro de instituições, universidades, empresas especializadas e até

mesmo usinas de enriquecimento de urânio, para outros fins que não eram apenas científicos.

O dr. Hassan era um desses recrutados. Doutorou-se, com apenas trinta anos, em fusão de átomos, e seus trabalhos chegaram a ser disputados por revistas científicas internacionais.

Assistiu à queda do xá e passou a admirar Khomeini, que elevou o país a uma categoria de independência moral e econômica, desprezando as ameaças americanas. Mas essa independência custou muito. Generais, economistas, administradores, aviadores e todos os técnicos que manejavam os aviões e tanques sofisticados, vendidos pelos Estados Unidos ao Irã, emigraram para outros países. As empresas perderam seus administradores e o Irã passou por situação difícil.

Quando Sadam Hussein invadiu o Irã, não havia quem operasse os aviões e as armas sofisticadas que o xá havia adquirido dos Estados Unidos, e Sadam matou milhões de iranianos sem porém dominar esse povo, que reagiu valentemente. Sem vencidos ou vencedores, foi firmada a paz entre Sadam e Khomeini, com grandes perdas para ambos os lados.

Mesmo sem o capital que os empresários levaram embora, sem técnicos, administradores e cientistas, tendo sofrido uma guerra que durou dez anos e ainda enfrentando o embargo dos países: ricos, o Irã acabou se recuperando lentamente e hoje é uma nova ameaça aos americanos, que podem destruir o seu país, com a mesma impiedade com que destruíram o Iraque. (CZ, p.381 - 382).

A longa digressão retarda a sequência narrativa tanto quanto as descrições dos espaços e de fluxo de consciência. Para exemplificar segue trecho de um momento de reflexão interior da personagem Maurício:

Vinte anos antes havia comprado uma gleba de terras à margem esquerda do rio Roosevelt e deu-lhe o nome de Buritizal. O Buriti é uma palmeira comum na região, de frutos amarelos, do qual se faz um refresco doce e agradável, que depois de fermentado se transforma em vinho.

Começava então a aventura de formar uma fazenda em plena selva amazônica. Ele ainda era novo, cheio de coragem, mas a formação da Buritizal fora uma epopéia cheia de perigos, aventuras e desafios. O primeiro desafio era chegar lá.

Havia uma grande preocupação com a Amazônia, e a Rodovia Transamazônica foi aberta para ligar o Atlântico a Humaitá, no Oeste do Amazonas, e daí a Manaus, podendo chegar ao Pacífico, cortando o Peru.

Veio a crise e a estrada que ligaria o Norte de Mato Grosso à Transamazônica foi aberta até perto da Buritizal, ficando porém setenta quilômetros por fazer. Não havia nessa época acesso por terra. Descobriu depois que era possível vir por Espigão do Oeste,

cruzando as terras dos índios Zorós, e chegar até o Rio Roosevelt. O rio foi seu asfalto durante vários anos.

Um misto de frustração e preocupação fazia Maurício lembrar aquela época, não muito diferente do que é ainda hoje, porém com mais dificuldades. Mas era mais novo, e a aventura, a fuga de São Paulo, o interior da floresta amazônica e os sonhos que o animavam, faziam aqueles tempos felizes.

Construiu uma pequena sede de madeira, fez uma pista de pouso e passou a ir de táxi aéreo. Costumava chegar normalmente lá pelas quatro horas da tarde. O administrador o esperava com dois cavalos arreados e eles saíam para uma cavalgada à tarde. Bandos de araras azuis e vermelhas sobrevoavam os céus por sobre as suas cabeças.

O sol costumava se pôr com muita preguiça e era hora de chegar em casa, tomar uma ducha e saborear um dos maiores prazeres que ele tinha ali: a cerveja gelada na varanda protegida dos mosquitos por telas finas, enquanto ouvia o ronronar do rio.

O direito de tomar sua cerveja, sozinho, longe de rotinas medíocres que não permitem apreciar a própria vida... Sim, aí era o lugar. Na selva e com segurança, olhando as araras passarem lá no alto, o sol se pôr, o rio ir embora para não mais voltar. (CZ, p.29 - 30).

Esses *momentos de pausa*, característicos do romance, revelam-se como necessários e em nada ofuscam o texto. Também característica do romance são as descrições, que embora bem dosadas, tal como as *digressões didáticas* e ao tempo psicológico, também resultam, inevitavelmente, em *momentos de pausa* na ação e retardam o ritmo narrativo.

O dia estava quente, o sol já tinha subido até onde podia e começava a descer. Uma pequena brisa movimentava as folhas do lado de fora da casa. A varanda era protegida com telas finas por causa dos mosquitos, principalmente o puim e o mosquito da malária, o dito anofelino, mas as telas acabavam segurando também o vento.

Maurício mandou ligar os motores, e os ventiladores de pé alto distribuídos pela casa deixaram o ambiente mais agradável. A energia da fazenda era ainda fornecida por motores a diesel. Esperava um dia construir uma pequena usina hidrelétrica para uso próprio. (CZ, p.47).

Para dar voz às personagens, o narrador faz uso do discurso direto. Como podemos ver no exemplo a seguir:

A capitã falava como se fosse uma advogada de acusação.

– Chamou a atenção o fato de que a Marinha tivesse seguido todas as orientações que o coronel Milton falou naquele dia sobre o bloqueio da foz do rio Amazonas. Foi também muito estranho que, depois das simulações das Forças Armadas por causa do código falso, as unidades da Marinha não retornassem aos seus pontos originais, ao contrário da Aeronáutica e do Exército.

O ministro da Marinha levantou-se. Estava vermelho e falou com a autoridade de chefe de Estado, como se fosse o presidente da República da Amazônia:

– É tarde. A Organização foi mais esperta que a CIA, que não conseguiu decifrar o código verdadeiro. Vocês não podem fazer mais nada. Se já não explodiram a usina, fá-lo-ão em breve. Os governadores, assim como os comandos das polícias militares dos Estados do Pará, Amazonas, Acre, Roraima, Rondônia, Tocantins e Mato Grosso, serão substituídos a um sinal meu. A Marinha já tomou posições estratégicas nas desembocaduras dos rios Amazonas, Tapajós e em Manaus.

Falava como um dos cavaleiros do apocalipse.

– A explosão da usina desviará as atenções, e a República será proclamada. Tudo já está preparado para que o governo brasileiro seja responsabilizado por mais esses danos à humanidade.

O ministro do Exército levantou-se também e falou com raiva contida.

– O senhor se engana, ministro. Lamento chamar de traidor uma pessoa com quem convivi todo esse tempo. Uma frota de submarinos nucleares americanos aproxima-se da baía de Guaiará e está pronta para ocupar a bacia Amazônica, se vocês cometerem essa loucura.

E, balançando a cabeça de um lado para o outro, como se não acreditasse no que estava acontecendo:

– Vocês estavam mesmo acreditando que o governo americano ia deixar que a Amazônia caísse em mãos de aventureiros oriundos de facções esquerdistas? Ou fosse entregue para grupos alemães? Logo que detectaram o movimento separatista, eles começaram a se aproximar da área. Assim que dessem o grito de independência, a Amazônia seria invadida. Não iriam fazer nada precipitado, mas também não hesitariam, foi o que tive de ouvir do embaixador dos Estados Unidos.

O ministro da Marinha sentiu o golpe, e o ministro do Exército continuou:

– E o senhor também se engana em outra coisa. O código real foi decifrado. Os senhores sabiam que nós e o governo americano estávamos atrás desse Franz Sauer. Conforme o doutor Maurício explicou, vocês prepararam a armadilha para ele ser preso e esperaram a sua prisão para dirigir as mensagens aos destinatários responsáveis pelas ações finais.

Esforçava-se para conter a indignação.

– Calcularam que não havia mais tempo para descobrirmos o verdadeiro, plano e os nomes dos conspiradores. Enganaram-se, porque a CIA já enviou a eles novas mensagens, no próprio código EP, em nome dessa sua organização, comunicando que o plano falhou e que poderiam ser presos. No momento estão sendo vigiados. Infelizmente, o Sauer levou muito tempo negociando com a CIA a redução da acusação, em troca de uma confissão completa e nós também só percebemos o perigo do Conceito Zero, devido às conclusões do doutor Maurício.

Voltou-se para o ministro da Aeronáutica:

– O senhor me perdoe. Tive de manter sigilo sobre isso. A descoberta do código foi decorrência de um eficiente trabalho do doutor Maurício e do tenente Rogério, mas desde aquele episódio com o roubo da mensagem da ESG, comecei a achar que nós três, os três ministros das Forças Armadas, estávamos sendo espionados. Para ser sincero, comecei a duvidar dos senhores dois. Peço desculpas se cheguei a ter essa impressão a seu respeito, mas o senhor pode ver que eu não estava totalmente errado.

Enfrentou o ministro da Marinha com um olhar firme:

– As conversas do doutor Maurício conosco eram feitas por um aparelho de telefone celular cedido pelo governo americano e com dispositivos que não permitem escutas. Ele transmitiu o código através desse aparelho e pediu ao FBI para manter em segredo a informação de que havia descoberto os fundamentos do código. Alguns episódios não estavam ainda bem explicados. (CZ, p.397-399).

Para falar das personagens que compõem a obra vale lembrar Vladimir I. Propp (1928) sobre a função do herói no conto de magia e aguçar a percepção para identificar traços importantes do romance:

O herói do conto de magia pode ser tanto o personagem que sofre a ação do antagonista-agressor (ou sofre uma carência) no momento em que se tece a intriga, como também o personagem que aceita reparar a desgraça ou atender às necessidades de outro personagem. No decorrer da ação, o herói é o personagem possuidor de um objeto mágico (ou de um auxiliar mágico), que o utiliza ou que se serve dele. (2010, p.48).

Quando analisamos **O Conceito Zero**, observamos que a figura do herói se personifica na tríade de protagonistas em “estilo detetivesco” e termina vencedora da trama. As três personagens principais que compõem esta tríade são: Maurício, Capitã Fernanda e Rogério. Temos também uma série de personagens secundários, personagens coadjuvantes e outros tantos

figurantes, além de seis animais e mais sessenta e uma outras personagens, entidades ou organizações apenas citadas.

Um dos heróis, Maurício da Costa e Silva, é um auditor da Receita Federal, personagem de raciocínio rápido, que investiga a trama internacional para declarar a República da Amazônia, a qual seria governada por um *pool* de países e empresas; seu perfil é de quem aceita desafios. Participa de várias maratonas: São Paulo, Blumenau, Nova York, Paris, e corre regularmente a São Silvestre, em São Paulo. Pratica natação, faz parte do clube de tiro ao alvo, além de praticar alguns outros *hobbies*. Revela-se como um dos mais preparados e eficientes auditores fiscais. Chefiou repartições aduaneiras e enfrentou, por vezes sozinho, alguns tipos de contrabandistas. Participa de manobras militares para apreensão de navios com contrabando, supervisiona ou coordena grupos de combate à sonegação fiscal, inclusive nos desmanches de carros roubados. Portanto, é apresentado como personagem bem preparado, inteligente e esportista. Possui uma fazenda na margem esquerda do rio Roosevelt, perto do córrego Panelas. É viúvo, tem um casal de filhos adultos. A filha, aos 18 anos, muda-se para a Europa, casa-se com um alemão e, dificilmente manda notícias. Coincidindo com o atentado no viaduto e morte do general Ribeiro, Maurício recebe uma carta dela comunicando que estava bem. Na época da morte da esposa, procurou esconder, de seus filhos, o próprio desespero para não agravar a tristeza deles. A menina não entende, e desconfia de culpa do pai pela morte da mãe, interpreta mal seu esforço para esconder sua angústia e acusa-o de não estar sentindo falta da mãe. A menina agora trabalhava numa empresa de turismo. Para o pai, o casamento da filha fora um golpe, pois não recebera nem um aviso sobre o casamento. Tem esperança de que o tempo altere as relações. O filho fez o curso de administração de empresas na Fundação Getúlio Vargas, em São Paulo e, no momento, realiza MBA em Stanford. Escreve sempre para o pai; quer voltar logo para o Brasil e participar nos trabalhos na fazenda. Assim, Maurício vive só. Cultiva, porém, a memória da sua mulher e carrega a culpa de que podia ter evitado sua morte.

O outro herói é a Capitã Fernanda, solteira, moça, morena, alta, de cabelos lisos e porte altivo. Lembra a personagem Iracema, de José de Alencar. Era a secretária e chefe do Gabinete do General Antônio Ribeiro de Castro. Segue um pequeno trecho descritivo da personagem:

Ela sabia que, quando ele punha a mão na maçaneta, ainda dava tempo para passar o batom e ajeitar o cabelo.

Ela então também sempre já estava de pé, a mesa em ordem, as gavetas trancadas, a roupa ajeitada. Gostava da sua ordenança. Era a mais eficiente de todas as pessoas que com ele trabalhara. Capitã do Exército, perita atiradora, lutava artes marciais como poucos e tinha raciocínio brilhante e rápido. Por trás daquele batom de secretária, havia uma arma segura e confiável. (CZ, p.13).

Pode-se acrescentar sobre a personagem que usava uniforme de capitã do Exército e assumia claramente as funções de auxiliar direta do general. Era disciplinada e pontual. Seu uísque preferido é Black Label. Sempre se dedicara demais à sua profissão e nunca atribuiu muita importância à sua vida pessoal. Teve alguns namorados, mas nada sério, não se lembrava de alguém ter passado em sua vida deixando marcas. Tinha a fisionomia alegre e, normalmente, apresentava-se maquiada com discrição. Elegante, não conseguia esconder as curvas femininas sob o uniforme.

O terceiro componente da tríade é Rogério, no início um simples patrulheiro, que durante a história, é promovido a sargento e logo a tenente. Tem moto e carro com chapa fria. Segue um trecho de apresentação:

Fazia a ronda do bairro e tinha por princípio que alguma coisa errada estava sempre acontecendo ou ia acontecer a qualquer momento. Sua obrigação era tentar evitar seja lá o que pudesse afetar a segurança pública.

‘Procura ver o que está errado e desconfia sempre do está certo’, aprendera nos treinamentos. (CZ, p.15).

Gosta de mulher bonita e honesta. Interessa-se pela capitã Fernanda. Descobre onde ela mora e consegue o número de seu telefone, mas não tem coragem de ligar. Rogério, não foi aprovado nas provas para ingresso no Itamaraty. É um dos maiores especialistas em informática da PM e já pegou

vários hackers. Descobriu transferências irregulares de contas e, é chamado para as investigações que envolvem computação. Está se preparando para o vestibular de Direito.

Para analisar a relação entre as personagens, vale lembrar Vladimir I. Propp (1928) sobre o inimigo do herói (conto de magia) e afinar nossas ferramentas, identificando semelhanças possíveis com a obra em referência:

Penetra agora, no conto maravilhoso, um novo personagem, que pode ser ‘chamado antagonista do herói (agressor)’. Seu papel consiste em destruir a paz da família feliz, em provocar alguma desgraça, em causar algum dano, prejuízo. O inimigo do herói pode ser tanto um dragão, como o diabo, ou bandidos, a bruxa, a madastra etc. (2010, p.28).

O antagonista, um senhor forte, com pouco mais de 50 anos, é Franz Sauer, um alemão que comanda uma ONG . Como chefe da organização secreta, articula a trama internacional que pretende declarar a independência da Amazônia. Formula o plano e comanda as ações coordenadas para efetivá-lo. Como *hobby*, pratica esqui na neve.

Não obstante os heróis e o antagonista desempenhem funções fundamentais, contamos no total com duzentos e oitenta e cinco personagens na obra, sendo que duzentos e vinte e quatro em sua corporeidade, aparecem textualmente. Além destas, temos mais sessenta e uma “personagens” incorpóreas que apenas são citadas. Todas apresentam ações para o desenvolvimento da narrativa, seja como aliadas dos heróis, seja como comparsas do antagonista.

O Conceito Zero é um romance que divide o espaço narrativo entre o urbano e a natureza, sendo grande parte reservado ao urbano e algumas menores à natureza.

Podemos notar marcas espaciais muito precisas de localidades reais nas regiões Norte, Centro-Oeste e Sudeste do Brasil, passando pelos estados do Amazonas, Pará, Acre, Rondônia, Roraima, Amapá, Mato Grosso, Distrito Federal, Rio de Janeiro e São Paulo, além de locais no Chile, EUA e Itália. Ainda que sejam claras essas marcas geográficas, o livro guarda surpresas pela construção em saltos espaciais, ou seja, mudando constantemente as ações de um lugar a outro.

A movimentação intensa entre os espaços geográficos confere à obra uma dinâmica de ações marcada por acontecimentos, algumas vezes, simultâneos.

Entre os espaços da ação está inserido, por exemplo, o interior da selva, na divisa com a Bolívia – o Real Forte Príncipe da Beira, erguido pelos portugueses no século XVIII com enormes pedras de cantaria transportadas talvez de Belém. Segue trecho em que o narrador apresenta o forte:

Sua construção teve início em 20 de junho 1776, em meio à selva amazônica, na divisa com a Bolívia, e foi concluída no ano de 1783. Ninguém conseguiu ainda explicar como os portugueses conseguiram levar as imensas pedras de cantaria até aquele ponto.

Consta que duzentos operários e quase mil escravos trabalharam na construção, que alguns acham ter sido mais difícil do que as pirâmides do Egito. Aquelas pedras vieram de longe, talvez de Belém do Pará, a 3 mil quilômetros de distância, subindo o rio Amazonas, o Madeira e depois o Guaporé.

Entre Porto Velho e Guajará-Mirim, o rio Madeira não é navegável e as pedras tinham de ser transportadas por terra. Há quem diga que algumas outras foram trazidas de Corumbá, mas ainda assim teriam de ser descarregadas em Jauru e daí seguirem por terra, numa distância de cem quilômetros, para serem novamente embarcadas. E isso era praticamente impossível naquela época.

O motor não tinha sido descoberto e os barcos eram movidos a remo. Não havia estradas, não havia os caminhões grandes de hoje, nem ferrovias, mas apenas carroções puxados por burros ou escravos. (CZ, p.19).

Ainda no tocante à questão espacial, podemos dizer que, além dos espaços enquanto localidades geográficas, há também espaços interiores das

personagens que ganham relevo. Espaço imaterial este que faz companhia a outro espaço incorpóreo criado pelas sessenta e uma personagens, entidades, organizações ou cidades citadas ao longo da narrativa, que não aparecem, mas são apenas aludidas. Como por exemplo, referencia feita à cidade de Fordlândia – empreendimento estrangeiro que resultou na abandonada cidade – conforme trecho da fala da personagem George, diretor da C.I.A.:

Fizemos monitoramento intensivo por imagens na região onde poderiam estar esses grupos. Estudamos todos os garimpos e centros de exploração de borracha abandonados. As antigas construções de Fordlândia e Belterra, também foram investigadas. (CZ, p. 402).

Ainda em relação aos espaços, podemos acrescentar que, além das localidades geográficas e, enquanto espaço imaterial, há também os locais físicos por onde as personagens se movimentam: o quarto do hotel de Maurício em Brasília; a rua específica do viaducto do atendado; o gabinete do general Ribeiro; determinada parte do parque da cidade; o quartel em Tabatinga; a varanda da Fazenda Buritizal etc. É importante observar que há muita atenção à ambientação e que o romance faz uso, à luz das formulações de Massaud Moisés, da ambientação franca, narrada pelo próprio narrador; da ambientação reflexa, na qual a voz de uma personagem descreve o espaço; e da ambientação dissimulada ou oblíqua, referente a descrição feita pelas ações das personagens.

A construção do tempo como um todo se faz principalmente pelo tempo cronológico ou histórico, o que a *priori* poderia indicar tratar-se de um romance linear, o que não corresponde à realidade, pois a narrativa é marcada por cortes e *flashes backs*. Há também o uso do tempo psicológico caracterizado conforme Massaud Moisés:

... por desobedecer o calendário e fluir no interior das personagens, como um eterno presente, um tempo-duração (no conhecido dizer de Bergson), sem começo, nem meio, nem fim. (MOISÉS, 1969, p.130).

“O tempo psicológico, porque interior, se desenvolve em círculos ou espirais, infenso a qualquer ordem, exceto a emprestada pelos próprios fluxos emocionais que lhe são por natureza vinculados.”
(MOISÉS, 1969, p.131).

Podemos notar marcas temporais capazes de indicar que – embora faça referências a outras décadas e séculos, especialmente aos anos 1990 (como veremos na citação a seguir) – a trama se passa na contemporaneidade, mais especificamente, na primeira década dos anos 2000, como mostram certas referências a história recente do Brasil. Ainda que sejam claras essas marcas, o livro guarda surpresas em alguns saltos temporais e também pelo uso do tempo psicológico. Diríamos que não se trata de um romance linear embora possa ser encontrada uma certa linearidade dorsal, quer dizer em sua linha dramática principal.

Logo depois, Collor foi aos Estados Unidos e o presidente George Bush entregou-lhe uma carta de senadores americanos para que a delimitação da reserva dos Ianomâmi fosse acelerada. Houve pressão também da ONG inglesa WWF – Fundo Mundial para a Natureza, e o Collor, então, criou, a Reserva Ianomâmi, juntamente com a Venezuela. (CZ, p. 112).

O enredo que começa em 1914, no Mato Grosso, dá um salto para o dia 4 de junho no início dos anos 2000, em Brasília. Em seguida, refere-se a Rondônia em uma situação que, em verdade, ocorre praticamente em simultaneidade a outra desenrolada em Brasília. Daí por diante, continua a se desenvolver, fazendo uso de retrospectivas, antecipações, digressões, elipses e sumários. Sem deixar de manter, no entanto, em fluxo a linha mestre de avanço da narrativa principal. Esta correnteza narrativa principal, pode-se dizer, que mantém uma característica linear subterrânea. Quer dizer, não obstante algumas manobras de tempo o enredo avança.

Há também o uso do tempo psicológico com fluxo de consciência em monólogo interior das personagens, que, como já dito, resulta, inevitavelmente, em momento de pausa na ação. Vale notar que o tempo imaginário e o tempo do discurso não são coincidentes, atravessando assim a

narrativa um tempo muito mais extenso que o tempo real de leitura, constituindo uma terceira temporalidade.

A narrativa do romance **O Conceito Zero** se passa, em sua linha dramática dorsal principal, fazendo uso principalmente da ação externa, própria da ficção linear extrospectiva – que se desenvolve pela ação exterior das personagens. No entanto, a narrativa não se limita somente à ação externa, há muitos momentos de ação interna que se passam na consciência de algumas personagens, especialmente em relação as da tríade principal. O fluxo de acontecimentos ocorre na esfera da realidade corpórea e espacial das personagens e também no âmbito imaterial de suas consciências; nesse segundo caso, característico da ficção introspectiva. Assim sendo, **O Conceito Zero** atravessa essa fronteira entre a ação interna e externa e transita na ficção extrospectiva como também na ficção introspectiva, fazendo, no entanto, uso em maior grau da ação externa.

A verossimilhança que guarda o teor de verdade possível à ação ou à história como um todo é uma característica bem marcada na obra. Tanto no fluxo maior dos acontecimentos, como nos pequenos atos, gestos e pensamentos das personagens.

No que tange à necessidade para o bom andamento do enredo pensamos que há trechos que, embora ilustrativos e esclarecedores do contexto, não se fazem necessários ao desenvolvimento da trama. Seriam dispensáveis, por assim dizer, sem prejuízo da história como um todo.

A intensidade com que se desenvolve o enredo alimenta o ritmo da narrativa; o volume e a frequência de acontecimentos conferem uma sensação de velocidade pela maneira como o ficcionista transita do plano presente da fabulação, para associações com o passado ou entrelaça ações simultâneas, transcorrendo em espaços paralelos.

No entanto, o fluxo narrativo realiza algumas pausas que conferem outro ritmo aos acontecimentos, dando destaque a momentos introspectivos das personagens que compõem a tríade e as *digressões didáticas*. Ambos os tipos de pausa caracterizam um aprofundamento da densidade uma vez que refream o fluxo narrativo e, cada qual a seu modo, se aprofundam, seja no universo interior das personagens – no caso dos momentos introspectivos – seja no contexto sócio, cultural, econômico, antropológico e/ou histórico, que envolve um determinado lugar ou situação, no caso das digressões didáticas.

Esta alternância entre um fluxo intenso e outro lento confere à narrativa uma arritmia intencional que, por vezes, parece inadequada em função de assumir um caráter de curiosidades dispensáveis, como por exemplo, quando faz uma *digressão didática* sobre o mosquito puim, em outras aparece bem colocada e dosada, incrementando a compreensão do contexto da trama.

O enredo, afora as citadas *digressões didáticas* e os movimentos de fluxos de pensamentos, não dá trégua ao leitor, tal é o volume de acontecimentos que alimenta a história orientada por personagens representando diferentes forças em torno de uma causa: a Amazônia.

Vale salientar que o enredo segue a composição formal de uma narrativa: apresentação, desenvolvimento, clímax e relaxamento (conforme formulado por Aristóteles). Não obstante o enredo guarde no todo, sua curva dramática completa, poderíamos dizer, que ocorrem, ao longo do fluxo central da narrativa, ondulações de sintonia mais fina, nas quais podemos identificar pequenos e médios clímaxes que pontuam curvas dramáticas menores contidas na curva maior, o que significa que apresentação, desenvolvimento, clímax e relaxamento ocorrem também dentro destes andamentos dramáticos menores e mesmo de sequências simples. Alguns clímaxes menores que podemos encontrar na obra são por exemplo: o atentado do viaduto em decorrência do qual morre o general Ribeiro; a cerimônia de iniciação de Maurício junto a Confraria no Real Forte Príncipe da Beira interrompida subitamente; a morte do pistoleiro na Fazenda Buritizal; o atentado à casa em Brasília; a perseguição em Belém; a ameaça de explosão da usina nuclear de

Angra I. Desta forma, fica claro que a curva principal é formada por curvas menores, isso é, curvas dramáticas médias, contendo andamentos dramáticos ainda menores que, juntos, formam uma trajetória que, em seu todo, forma a curva dramática principal.

CAPÍTULO 2 – APONTAMENTOS À ADAPTAÇÃO

Reflexões para o Trabalho de Roteiro

Com os apontamentos aqui apresentados, pretende-se subsidiar a adaptação do romance, lançando luzes sobre alguns aspectos importantes do processo, ou seja, para o trânsito entre as escritas literária e cinematográfica.

Para melhor compreensão, levantamos algumas questões específicas que apareceram no decorrer dos trabalhos de adaptação do Capítulo 3:

- Como fazer para adaptar as *digressões didáticas*, aqui entendidas como a interferência do narrador para fornecer, por exemplo, informações interessantes à compreensão do contexto, dos fatos históricos ou mesmo de algumas curiosidades que compõem a trama narrativa?
- Como adaptar o tempo psicológico, por vezes, longo o suficiente para refrear de forma excessiva o fluxo dos acontecimentos?
- Como e em que medida usar ou mesmo evitar a voz interior das personagens ou mesmo a voz de um dos narradores em *voiceover* ?
- O que manter, o que suprimir, o que recriar, o que acrescentar?
- Até que ponto deve-se ou não manter a fidelidade ao livro ou mesmo optar pela livre adaptação?

Todos os elementos da composição narrativa referidos na Introdução – gênero literário; ponto de vista; tema; enredo; recursos narrativos; personagens/ação/curva dramática e espaço/tempo; – se recriados para um roteiro têm forte chance de alcançar bons resultados. No entanto, as *digressões didáticas* e o tempos psicológico com fluxos de pensamentos dos protagonistas merecem atenção especial e necessitam ser diluídos, sintetizados ou mesmo eliminados, para permitir o bom fluxo da narrativa principal sem exceder-se na extensão do roteiro.

Quanto ao fluxo de pensamento, ainda que possamos fazer uso da voz interior e relativizar essa questão tendo-se em conta uma opção de estilo, vale lembrar:

Nós não podemos, todavia entrar na mente dos personagens enquanto estes a ouvem; eles devem incorporar visível e fisicamente suas reações para que a câmera as registre, ou então devem falar suas emoções. ... sem adentrar sua mente, podemos somente adivinhar seus pensamentos. (HUTCHEON, 2011, p.51 e p.50).

Embora os elementos da composição narrativa apontem para a possibilidade de adaptação, o ponto principal nesse livro é o enredo. Ele apresenta uma dinâmica própria principalmente pelo fluxo de acontecimentos, ou mesmo pela maneira como estão engendrados, pela natureza da trama e do gênero, pelos espaços percorridos e, principalmente, pela ação das personagens.

Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. (BENJAMIM, 2008)

Refletindo sobre a questão colocada e com vistas a equacionar a questão do tempo, vejamos algumas considerações introdutórias para a adaptação, conforme Linda Seger, em *A Arte da Adaptação* (2007):

Poucas fontes de adaptações equivalem a filmes de duas horas. As seiscentas páginas de um romance, por exemplo, serão material em demasia: já um conto ou artigo de jornal serão curtos demais. Assim, o primeiro trabalho do adaptador é descobrir como fazer para adequar o material original a parâmetros de tempo diferentes. Raramente um filme começa e termina da mesma forma que o livro que lhe serviu de base. É evidente que existem exceções. (2007, p.18).

Fica nítido que, no caso de **O Conceito Zero**, o desafio reside no âmbito do processo de condensar o material. Quatrocentas e seis páginas necessitam ser reescritas entre um mínimo de noventa e um máximo de cento

e vinte. É amplamente sabido que uma página de roteiro equivale, em média, a um minuto de projeção de filme, e o tempo comercialmente desejável de um filme está entre noventa e cento e vinte minutos, alguns casos chegando a cento e cinquenta minutos e raríssimos casos até cento e oitenta minutos.

Escrever um roteiro baseado num grande romance é acima de tudo um trabalho de simplificação. Não me refiro somente ao enredo, ... no caso particular de um romance ... repleto de tramas, e personagens secundários, cortes severos sejam indispensáveis (HUTCHEON, 2011, p.21).

Escolhas têm de ser feitas. Será necessário usar de corte e ou fusão de personagens secundários além de cortes extensos nas *digressões didáticas* e talvez em alguns tempos psicológicos dos personagens. Eventualmente, até eliminar uma ou outra sequência inteira da trama ou ainda adotar o corte de alguns temas secundários para que outros fiquem mais claros e acessíveis. Fazer alterações na matriz literária, exige uma certa dose de coragem.

Para adensar a reflexão acrescentamos algumas considerações de Ismail Xaxier:

Vai-se direto ao sentido procurado pelo filme para verificar em que grau este se aproxima (é fiel) ou se afasta do texto de origem (XAVIER, 2003, p.61).

A fidelidade ao original deixa de ser o critério maior de juízo crítico, valendo mais a apreciação do filme como nova experiência que deve ter sua forma, e os sentidos nela implicados, julgados em seu próprio direito ... O lema deve ser 'ao cineasta o que é do cineasta, ao escritor o que é do escritor' (XAVIER, 2003, p.62).

Embora a expressão “comercialmente desejável” possa soar com um sentido negativo, devemos nos preocupar, na elaboração do roteiro, em atender algumas necessidades comerciais. Assim como o livro além de ser um bem cultural é também um bem comercial, o roteiro também o deve ser para que possa conseguir percorrer um circuito na sociedade e alcançar um público. Enfim, completar o processo de comunicação e expressão de uma

linguagem específica (a cinematográfica) e ter chances de ganhar importância para um número expressivo de pessoas. A adaptação deve se adequar sim em alguma medida, aos parâmetros comerciais, isto é ser flexível, mas nunca subserviente, garantindo assim a integridade, a essência e o sentido da obra e, simultaneamente, conseguindo que o material se torne acessível e atrativo ao público.

Esses meios e regras viabilizam e depois canalizam as expectativas narrativas e comunicam o significado narrativo “a alguém” em “algum contexto” e são criados “por alguém” com esse intuito. Há, em poucas palavras, um contexto comunicativo mais amplo que deve ser considerado por qualquer teoria da adaptação. (HUTCHEON, 2011, p.51 e p.52).

Algumas adequações são de ordem bastante prática. A extensão, por exemplo, conforme já apontado, é a primeira adequação *sine qua non* imposta. O bom senso, o equilíbrio, o distanciamento, listas de cenas, de locações, de personagens e critérios objetivos para orientar as escolhas serão bons companheiros no auxílio às tomadas de decisões.

Ao conteúdo ficcional, no caso de **O Conceito Zero**, parece-nos desnecessário acrescentar apelos “comerciais”, pois a obra já oferece – pelo fluxo dos acontecimentos, pela natureza dos episódios, pela composição da tríade de protagonistas – aspectos abundantes neste sentido. As adequações se limitam às de perfil práticos como extensão e viabilidade econômico financeira realista.

Lembramos algumas formulações feitas por Linda Seger:

Só existe um tipo de adaptação impossível: aquela na qual o escritor e o produtor não tenham licença criativa, pois mudanças são absolutamente essenciais para se fazer a transição de uma mídia para outra.

... Essas mudanças podem ser difíceis para o escritor do texto original,

... No entanto, nem todas as adaptações seguem fielmente o original. De fato, se os adaptadores nutrissem um respeito

exagerado por cada palavra ou cada vírgula da literatura que lhes serve de base, não seriam capazes de traduzir o material para a linguagem do cinema.

Salvo as obrigações assumidas em contrato, não existe nenhuma regra que diga que você não pode usar sua imaginação ao trabalhar o material original. Na verdade, a adaptação é um novo original, onde o adaptador busca o equilíbrio entre preservar o espírito do original e criar uma nova forma. (2007, p.25 e 26).

As mudanças que se fazem necessárias para a adaptação de **O Conceito Zero** são decorrentes da condensação que se impõe. A própria natureza do ato de condensar envolve a perda de material que todavia nem sempre é fundamental para o cinema.

... o que está envolvido na adaptação pode ser um processo de apropriação, de tomada de posse da história de outra pessoa, que é filtrada, de certo modo, por sua própria sensibilidade, interesse e talento. Portanto, os adaptadores são primeiramente intérpretes, depois criadores. (HUTCHEON, 2011, p.43).

Para aprofundar essa questão, vejamos ainda algumas considerações de Ismail Xavier:

... as observações que o crítico pode fazer sobre alterações no enredo, ou sobre aspectos da forma narrativa, pois essas alterações se instalam no campo em que literatura e cinema se interceptam, encontram uma esfera comum de operações que pode ser descrita com as mesmas noções (XAVIER, 2003, p.64).

Uma única história pode ser contada de vários modos; ou seja, uma única fábula pode ser construída por meio de inúmeras tramas, com formas distintas de dispor os dados, de organizar o tempo. (XAVIER, 2003, p.65).

Em verdade, o que um filme, um romance ou um peça me oferecem é a trama, pois não posso me relacionar senão com a disposição do relato tal como ele me é dado. É a partir daquilo que me oferece – a trama – que deduzo a fábula, que refaço a vida das personagens em minha cabeça. E não o contrário. (XAVIER, 2003, p.66).

Podemos dizer que existem dois eixos principais transversais, um de direção e outro de dimensão: o de direção, age no sentido de fazer avançar a história, o desenrolar dos acontecimentos; o dimensional age no

aprofundamento de certos momentos e freiam o fluxo dos acontecimentos, forçando uma pausa no tempo.

No eixo dimensional, as *digressões didáticas* deverão ser as primeiras a passar por análise para sofrer cortes expressivos ou até mesmo integrais. Os tempos psicológicos das personagens Maurício, Capitã Fernanda e Rogério devem ser preservados em parte. Uma maneira bem efetiva de abreviar esses tempos é fazer uso das vozes interiores das personagens e ainda do narrador em *voice over* coisas que devemos avaliar com atenção.

... afinal, o narrador faz sua voz audível de modo escancarado ou se esconde ... Faz com que saibamos mais do que as personagens? Ou menos do que elas?

... da distinção entre narradores que se escondem atrás do seu ofício de narrar e querem dar a impressão de que a história evolui por si mesma como se fosse autônoma, e narradores que são ‘intrusos’, que avançam suas opiniões, interpelam seu leitor/espectador.” (XAVIER, 2003, p.69 e p.70).

Ainda neste eixo da dimensão, as descrições de toda sorte de cenários e aparência de personagens constituem outro ponto que devemos deter atenção, sabendo dosá-los ao estritamente necessário.

No eixo da direção, deve-se analisar se há ocorrência de eventos com função repetida e se o corte de algum ou alguns deles é possível. Alguns pontos que merecem atenção especial são a quantidade de atentados; de personagens secundários e de figurantes; de deslocamentos aéreos; de fortes e cidades visitadas. Ainda no eixo da direção, temos de refletir sobre a ideia de reordenar e colocar em alinhamento linear o tempo e o fluxo dos acontecimentos, especialmente na parte inicial, definindo bem começo, meio e fim e fortalecendo a linha dramática da história principal. A possibilidade de adotar em grau elevado esta diretriz deve ser analisada como uma possível conduta da adaptação, pois o público aprecia histórias bem contadas.

Em geral, as adaptações, especialmente de romances longos, sugerem que o trabalho do adaptador é o de subtrair e contrair; isto é chamado de “arte cirúrgica” ... precisou cortar personagens centrais ... foi necessário acelerar a ação ... encontrar clímaxes principais ... explicar certos temas e detalhes do enredo, pois não havia tanto tempo para o público registrar as informações quanto na leitura dos romances. (HUTCHEON, 2011, p.43 e p.44).

Todas as sequências de ação, todas as descrições de espaços e personagens, todos os tempos psicológicos, todos os diálogos, todas as digressões didáticas, enfim, tudo é aproveitável. A pergunta que se coloca: o que é essencial nesta trama? Muita coisa embora aproveitável deverá ser eliminada pela imposição da natureza do ato de condensar. O que é imprescindível? Essa é a resposta que se deve buscar. Lembrando que condensar não necessariamente envolve eliminar, mas dizer com menos palavras, sintetizar, contar em menos tempo, o que, aliás, é próprio do processo artístico.

Podemos dizer que, no caso de **O Conceito Zero**, temos uma tríade de personagens principais que despertam, atraem e centralizam a simpatia do leitor, o que já é um início positivo pois, enquanto espectadores, despendemos uma energia emocional considerável, desejando o sucesso das personagens: gostamos de torcer pelos protagonistas. O público fica confuso se não tiver por quem torcer. Como via de regra, por exemplo, os norte-americanos – no cinema comercial – não gostam que as personagens principais morram ou sejam mal sucedidas no final. A preferência é pelo final feliz. Já os personagens australianos são diferentes: decidem atravessar o deserto e morrem pelo caminho. O herói brasileiro certamente tem seu próprio caráter.

O roteiro enquanto tal, deve apontar com acuidade para o cinematográfico, mas, na verdade, ele se realiza, em sua materialidade, como uma escrita impressa, ainda que visando a composição cinematográfica ou filmica.

Nem o ato de olhar e interpretar marcas pretas – palavras ou notas – numa página branca, nem o de perceber e interpretar uma representação direta de uma história no palco ou na tela são de modo algum passivos; ambos são imaginativa, cognitiva e emocionalmente ativos. (HUTCHEON, 2011, p.48).

O roteiro, como escrita cinematográfica, é uma peça intermediária, uma interface entre dois meios, uma ponte intersemiótica entre a literatura e o cinema, sem ser a rigor, nem cinema nem literatura. É um produto de mediação, porém ainda não imagético, pois seu corpo impresso permanece no campo do imaginário.

O roteiro é uma interface porque é o produto de um diálogo entre o resultado da adaptação – o filme – cujo código é cinematográfico e o original literário, portanto com matriz linguística. Nesse sentido, o roteiro é o meio, um produto de mediação.

CAPÍTULO 3 – ROTEIRO CINEMATOGRAFICO

ROTEIRO PILOTO

Proposta de Roteiro: Livro I – O Rio da Dúvida

A M A Z Ô N I A Z E R O

Roteiro Cinematográfico
Original de André Martirani

Livre adaptação do Livro I – O Rio da Dúvida
da obra O Conceito Zero
de A.J. Barros
2006

1 **EXT. MATO GROSSO RIO DA DÚVIDA BARCO - DIA**

A proa em detalhe e a embarcação sulcando as águas do rio da Dúvida. Ano 1914.

2 **INT. MATO GROSSO RIO DA DÚVIDA BARCO CONVÉS - DIA**

Vemos Theodore Roosevelt escrevendo em seu diário.

THEODORE ROOSEVELT (voz interior)

No dia 27 de fevereiro de 1914, logo após o meio-dia, começamos a sulcar as águas do rio da Dúvida com destino ao desconhecido.

Ignorávamos se dentro de uma semana estaríamos no Ji-Paraná; se em seis meses, no rio Madeira; ou em que lugar iríamos para dali a três meses. Eis porque o rio se denominava rio da Dúvida.

CÂNDIDO RONDON (lendo)

De ordem do governo brasileiro e considerando que este ignorado curso d'água é evidentemente um grande rio, fica denominado "Rio Roosevelt".

3 **EXT. MATO GROSSO RIO DA DÚVIDA BARCO - DIA**

A embarcação sulcando as águas do rio da Dúvida / Rio Roosevelt.

LETREIROS INICIAIS.

4 **INT. BRASÍLIA ABIN GABINETE GENERAL RIBEIRO - ANOITECER**

General Ribeiro, fardado, remexendo arquivos em seu computador, papéis, fotos, textos e mapas de suas investigações. Podemos notar organização e método, arquivos catalogados. Dentre os temas investigados notamos: políticos; movimentos sociais; guerrilhas nas fronteiras; contrabando; tráfico de drogas especialmente na região da Amazônia, onde os guerrilheiros do Peru e da Colômbia se misturam ao tráfico.

*General Ribeiro se detém no material do
Episódio 01 - Itupiranga: Rio Tocantins, Comandante da Varig.*

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Comandante da Varig quando ia de Manaus para Brasília, ouviu pelo rádio um avião da FAB dar ordens para outro avião se identificar e pousar numa pista perto de Itupiranga, à margem do Rio Tocantins, no Pará. Como as coordenadas indicadas pela FAB não estavam no Pan-Rotas. Relatou o episódio ao Departamento de Aviação Civil-DAC e essa informação veio parar na Abin. Nenhum avião da FAB esteve naquela região, nem registros de qualquer comunicado feito pela Aeronáutica. As coordenadas eram de uma pista clandestina, provavelmente usada por traficantes, nela estavam os destroços de um avião roubado. Havia sinais de luta.

*General Ribeiro se volta para um segundo conjunto de material.
Episódio 02 - Mineração São Francisco. Laboratório de Cocaína – Pablo Escobar*

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Perto das terras da Mineração São Francisco, numa estrada abandonada que liga a cidade de Colniza, no Mato Grosso, com Humaitá, no Amazonas, a Polícia Federal recebeu denúncia de que ali funcionava um laboratório de cocaína do grupo de Pablo Escobar. Segundo a denúncia, ia ser feita a entrega de uma tonelada de cocaína, com pagamento em dólares e os traficantes chegariam com o dinheiro em dois aviões Learjet. No dia indicado, a Polícia Federal armou uma operação de guerra para prender a quadrilha, contando com a ajuda das polícias militar e civil de Mato Grosso. Quando chegaram ao local, os traficantes estavam mortos. Parece que houve luta entre grupos e a polícia encontrou a droga e o laboratório incinerados.

*General Ribeiro se volta para um terceiro conjunto de material.
Episódio 03 - Manaus. Lancha explodiu no porto de Manaus*

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Uma lancha explode no porto de Manaus, com dois cientistas que iriam estudar a flora amazônica. Logo depois, uma fonte anônima informa à imprensa que esses cientistas tinham feito treinamento de guerrilha em Cuba. Não se sabe quem explodiu a lancha e quem passou a informação à imprensa, mas a fonte estava certa. Os cientistas e a lancha tinham documentos falsos.

General Ribeiro se volta para um quarto e último conjunto de material. Episódio 04 - Roraima: Reserva Ianomâmi. Avião com falsos Federais

GENERAL RIBEIRO (voz interior lendo)

Em Roraima, um avião com seis agentes da Polícia Federal desceu no aeroporto de Boa Vista para abastecer. Sua missão era destruir pistas clandestinas de pouso dentro da Reserva Ianomâmi na fronteira com a Venezuela e que serviam para o tráfico. Enquanto abasteciam, chegou uma patrulha do Exército, que cercou o avião e prendeu seus passageiros. O avião havia sido roubado e os federais eram falsos. A informação fora dada pessoalmente por um agente do Serviço Secreto do Exército, que desapareceu logo em seguida.

General Ribeiro pensa sobre as informações coletadas, tentando estabelecer uma lógica entre elas, aparentemente desconexas entre si.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Todos estes fatos mostram uma lógica, pela lei da geometria, conhecendo-se dois pontos, traça-se uma linha reta até o infinito. A sequência de episódios não pode ser mera coincidência. Mas o que seria então? Quais pontos seguir? Tudo leva a crer que alguém está se apoderando do resultado de operações ilícitas, principalmente do tráfico de drogas. É possível que um grupo organizado esteja ajudando a prender traficantes, e então ficando com o dinheiro deles. Há de ser alguma espécie de Confraria. Será possível? Nenhum dos órgãos de segurança ou de informações sabe de uma Confraria, camuflada no meio da selva. Se for isso, seria como um presente dos céus para os propósitos do Exército de criar a "Resistência". A Confraria apodera-se do dinheiro, das armas, dos aviões de traficantes e contrabandistas, e entrega os traficantes e contrabandistas à polícia. Com isso, ela consegue auferir volumosa receita para cobrir suas despesas e formar um exército particular. Não posso ter certeza, mas deve ser uma organização patriótica. Mas por que então não procuram auxílio do governo? Será que esse grupo tem informações que comprometem pessoas ou órgãos oficiais?

Assustou-se, de início com os rumos que aquilo pudesse tomar.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Uma atitude dessas não é ética e é ilícita. A defesa do país deve assentar-se sobre bases morais. Será que devo acionar os órgãos de segurança para investigar a fundo essa tal Confraria? O Comando Militar da Amazônia deve ter meios de chegar até ela. Mas, por precaução, é melhor eu próprio tentar contato, sem alertar outros órgãos ou instituições.

Pensativo começa a arrumar sua mesa e guardar as coisas.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Não será fácil, já estou há tempos fazendo perguntas aqui e ali, essa organização, seja lá o que for, não aparece. Não posso desanimar, eles têm de saber que o meu interesse é apenas ajudá-los. Creio que não devo me atrever a levar estas preocupações a escalões mais altos. O instinto me pede cautela. Algumas linhas de raciocínio podem tomar direções bastante perturbadoras. E se o Ministério da Defesa não acreditar em minhas suspeitas? Podem não me tomar a sério e, nesse caso, eu serei substituído em meu posto e certamente interromperão as iniciativas que já venho adotando sigilosamente para esclarecer estas dúvidas que me corroem. Não me importo com o cargo. Talvez seja mesmo o momento de parar, mas o instinto me alerta de que alguma coisa muito séria poderá ocorrer e é preciso continuar investigando.

General Antonio Ribeiro preparando-se para sair de seu gabinete. Verifica se tomou todas as cautelas que o seu serviço exige. Pousa a mão na maçaneta da porta e olha de novo a mesa, os arquivos, a disposição dos objetos, o cesto de lixo, os papéis pelo chão, e medita se não havia deixado de tomar alguma providência. Olha o relógio. Já eram oito horas da noite.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

E se aquele sujeito não aceitar a missão? Já tinha trabalhado muito para o governo, sabia que era hora de parar e cuidar da própria vida, de seus negócios, pensar mais na família. Neste ponto, afinal, parece que estamos no mesmo barco.

Sentiu um pouco de apreensão, como se adivinhasse algum perigo.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

É, parar e viver a vida em paz! Bem que eu queria, mas é preciso descobrir que tipo de articulação é esta que está sendo feita e quem está por trás disso. É preciso salvar o Brasil.

Compreendeu, de repente, que não passava de um sonhador.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Sou mesmo um sonhador, quem mais está preocupado com o país?

5 EXT. BRASÍLIA CATEDRAL - MANHÃ

É semana da Páscoa. General Ribeiro vestido à paisana se aproxima da entrada da Catedral.

6 **INT. BRASÍLIA CATEDRAL - MANHÃ**

General Ribeiro já dentro da Catedral andando em direção ao confessionário.

7 **INT. BRASÍLIA CATEDRAL CONFESSONÁRIO- MANHÃ**

Entra no confessionário e nota que não havia padre.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Estranho! Aquela senhora acabou de se confessar aqui!

Não demora muito e aparece outro padre. General Ribeiro estranha.

Parecia beneditino, o capuz escuro lhe escondia o rosto, mas deu para ver o olhar penetrante e firme de um representante de Deus. O novo padre faz o sinal-da-cruz e diz com voz calma, estudada e misteriosa.

MONGE 01 CATEDRAL BRASÍLIA

Meu filho, Deus sempre dá respostas para perguntas bem feitas.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Um monge? Encapuzado? Palavras estranhas para começar uma confissão. Será o contato que venho buscando?

GENERAL RIBEIRO

Mas existem perguntas bem intencionadas para as quais está difícil uma resposta.

A "confissão" continua e não ouvimos mais o que eles falam.

8 **EXT. BRASÍLIA CATEDRAL - MANHÃ**

General Ribeiro sai da Catedral em estado de graça.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Foi a melhor confissão de minha vida, tenho certeza que confessei com mestre da Confraria, não deve nem ser padre, mas que importa? Com tão poucas palavras e no tempo de uma confissão normal recebi as explicações que buscava e estabeleci os meios de contato. A Confraria fazendo trabalho policial, sem custos para o governo e ao mesmo tempo defendendo a integridade nacional.

9 **INT. BRASÍLIA ABIN GABINETE GENERAL - ENTARDECER**

General Ribeiro, fardado, remexe papéis e fotografias de suas investigações.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Isso se encaixa muito bem dentro da filosofia de "Resistência". O Exército tem consciência de que não pode suportar ataques de potências como os Estados Unidos e a Otan.

Enquanto pensa, ajeita-se para sair.

GENERAL RIBEIRO (voz interior)

Mas a guerra do Iraque, onde grupos de insurgentes continuam resistindo até hoje e enfrentando os melhores exércitos do mundo, renova os planos de criar grupos de resistência como no Iraque ou no Vietnã, para desencorajar o inimigo.

Em pé diante da porta, com a mão na maçaneta, sorri satisfeito, respira fundo, abre a porta e sai. Sempre leva uma pasta pequena de documentos de dissimulação.

10 **INT. BRASÍLIA ABIN ANTE-SALA GABINETE GENERAL - ENTARDECER**

A sua secretária e chefe do Gabinete, Capitã Fernanda, já esta pronta, de pé, a mesa em ordem, as gavetas trancadas, a roupa ajeitada. O general Ribeiro passa e a capitã Fernanda o acompanha Saem os dois.

11 **EXT. BRASÍLIA ABIN FRENTE RUA - ENTARDECER**

General Ribeiro e a Capitã Fernanda deixam o prédio da Agência Brasileira de Informações - ABIN -, eles entram no carro oficial que os aguardava, o Tenente Costa é o motorista, o carro sai. Passam pelos controles de praxe da portaria e tomam a avenida.

12 **EXT. BRASÍLIA CABINE CARRO GENERAL RIBEIRO - ENTARDECER**

O carro toma a avenida, passa por debaixo do viaduto e retorna em direção à cidade. Desviam como se fossem ao setor das embaixadas, seguem e quando se aproximam de um outro viaduto avistam o enorme caminhão que vinha na contramão, em alta velocidade.

Eles mantêm a direita e o caminhão, uma betoneira de misturar concreto para construção, aumenta a velocidade e dirige-se diretamente contra eles. Já estavam praticamente em cima do viaduto, e no espaço entre o meio-fio e o guard-rail não cabia o carro. O Tenente Costa não viu outro jeito se não passar para a esquerda e deixar que a betoneira transitasse pela contramão. Na hora que vai mudar de pista, outro caminhão aparece da rua de acesso ao viaduto e ocupa a pista, então ele retorna para a pista da direita. Iam bater de frente com a betoneira que vinha em cima deles.

CAPITÃ FERNANDA

Pule general.

Dizendo isso, abre a porta do carro e joga-se sobre o passeio agarrando-se nas plantas que o ornamentam.

O Tenente Costa dá uma freada e, com isso, tenta aproveitar um vazio que se abre entre os caminhões, mas o carro derrapa ficando de transversal, a betoneira pega-o em cheio de lado e joga-o para o alto.

A Capitã Fernanda agarrada às plantas, vê o carro voar, fazer uma cambalhota e cair com as rodas para cima, bem em frente a betoneira que continuou acelerada, arrastando-o pela avenida. Alguns poucos carros que vinham pela rua não conseguem desviar e chocam-se uns com os outros.

A betoneira parecia blindada e nada aconteceu com ela que parou a uns vinte metros da posição da Capitã Fernanda, mal parou e um motorista aparentemente assustado pulou da cabine e saiu correndo por uma rua lateral.

Nesse instante, o carro do general explode e o incêndio espalha-se.

A capitã arrasta-se, rolando pelo barranco que dá no viaduto. Ela estava a ponto de desmaiar, mas com um enorme esforço controla-se.

13

EXT. BRASÍLIA VIADUTO DO ATENTADO 01 - ENTARDECER

Olhou bem a cena e percebe que o motorista do caminhão que batera contra o carro do general sai correndo no meio das árvores e foge para os lados da Av. W3, onde há mais movimento.

Começa a correr para tentar alcançá-lo, mas ele tinha ganhado distância e mostrava estar bem treinado. Ela também estava em forma e sai no calção do motorista.

O motorista consegue atravessar a área aberta da praça e chega até a rua ao lado. A Capitã Fernanda acelera e passa a correr com maior velocidade.

Aparece uma viatura da Polícia Militar que se aproxima do motorista. "

A viatura para perto do motorista, descem dois policiais com as armas apontadas como se fossem prendê-lo, mas o que a Capitã vê é o motorista entrar rapidamente na viatura como se já a esperasse.

Os policiais voltam as armas em direção a Capitã Fernanda e começam a atirar, mas ela joga-se de lado e rola pela grama ainda seca pelo sol que acabara de se pôr. A viatura dá meia-volta e passa para o outro lado da avenida. Sai em velocidade.

CAPITÃ FERNANDA (voz interior)

O que faço agora? Aqueles policiais podem não saber que eu pulei do carro, apesar do uniforme. Podem ter imaginado que eu era apenas uma espectadora casual, mas o motorista irá informá-los. Com certeza eles voltaram para me eliminar. Não posso ficar aqui.

14 **EXT. BRASÍLIA VIADUTO DO ATENTADO 01 – ENTARDECER**

O patrulheiro Rogério faz a ronda do bairro. Ele vê o acidente e imediatamente chama a ambulância e Corpo de Bombeiros.

Vê quando um oficial fardado abre a porta e pula, rola pelo barranco agarrando-se nos arbustos que formavam o pequeno jardim. Vê também o choque. Vê o motorista pular da cabine do caminhão e o oficial fardado, que pôde identificar como uma mulher, correr atrás dele. Ia também correr para ajudar a oficial, quando vê o carro da PM chegando e os policiais militares saindo da viatura com armas na mão.

ROGÉRIO (voz interior)

Que coisa mais maluca, os idiotas estão atirando numa oficial do Exército e ainda estão levando o motorista do caminhão?!

Liga a sirene e as luzes pisca-pisca e entra numa rua de ligação com a avenida. Nota que a viatura da PM recolhe o motorista e sai em velocidade, desviando se dele.

Coloca a viatura na frente da oficial, protegendo-a contra qualquer ação que pudesse vir da rua. Desce do carro.

ROGÉRIO

A senhora está ferida? Sou o sargento Rogério, da Polícia Militar.

CAPITÃ FERNANDA

Estou um pouco dolorida. Não sei se me machuquei ao pular do carro ou se fui atingida. Precisamos sair daqui com urgência. Esta é uma situação de perigo desconhecido. Sou capitã do Exército. Por favor, leve-me urgente para o hospital.

Ele a ajuda a entrar na viatura. O uniforme tinha uma pequena mancha vermelha. Se afastam uns duzentos metros e ouvem uma grande explosão. Objetos voam e a confusão é grande.

ROGÉRIO

Mas que diabos! Nunca tinha visto nada igual.

CAPITÃ FERNANDA (voz interior)

Fácil de entender. Devia haver uma bomba preparada para explodir alguns minutos depois do atentado e impedir a perícia do veículo. Acho que tive sorte em tentar correr atrás do motorista, quando ele saiu do caminhão. Se ficasse para atender os feridos, com certeza estaria morta agora.

Ela pega o telefone celular e fez uma ligação.

CAPITÃ FERNANDA

Coronel Medeiros, é a capitã Fernanda. Tenho notícias tristes. O veículo do general Ribeiro de Castro chocou-se com um caminhão e explodiu. Temo que ele e o tenente Costa, que dirigia o carro, tenham morrido. Consegui pular antes do choque e neste momento estou numa viatura da polícia na avenida W-3 indo para o Hospital de Base. Estou ferida mas parece que não é nada grave. O patrulheiro que está me levando ao hospital se chama sargento Rogério e disse que já chamou o Corpo de Bombeiros e ambulâncias. A chapa do veículo em que estou é BRP 8544.

ROGÉRIO

Caramba, nesse estado e ainda anotou a chapa do meu carro? Quem fez isso vai tentar de novo e é assim que devo pensar daqui para a frente.

15

O patrulheiro chama a Central pelo rádio.

ROGÉRIO

Necessito que haja atendimento preferencial no Hospital de Base, levo uma oficial do Exército vítima de violência. Os fatos são muito graves e preciso de apoio imediato. Acabo de entrar na W 3 e estou com as sirenes ligadas e em alta velocidade. Apoio urgente, insisto.

PM AGENTE GOLEIRO DO TIME

Estou bem perto de você, ô pica pau. Estou vendo o seu carro passar. Fique tranquilo. Estou na sua cola. Estou a uma quadra na sua frente, vou sair e abrir caminho. Siga-me.

A capitã fica emocionada com aquela solidariedade e sente um pouco de remorsos por duvidar, às vezes, da eficiência da polícia.

16

EXT. BRASÍLIA HOSPITAL DE BASE – ANOITECER

Chegam na frente do hospital, lá estão os médicos de plantão na porta e enfermeiros com uma maca. Para a viatura em frente a porta e a capitã é logo recolhida.

Um oficial graduado se apresenta ao patrulheiro.

CORONEL MEDEIROS

Sargento, sou o coronel Medeiros. O senhor cumpriu seu trabalho com eficiência, nós estamos agradecidos, doravante o Exército cuidará da capitã.

ROGÉRIO

Desculpe, coronel, mas tenho de concluir o meu trabalho. A capitã foi ferida em circunstâncias extremamente suspeitas e não posso deixá-la por enquanto. Já comuniquei meus superiores e recebi ordens para não sair de perto dela até que seja internada e haja efetiva segurança. O senhor me desculpe, mas parece que o senhor está sozinho e também pode precisar de ajuda. Estou aqui com mais duas viaturas e os colegas são de confiança. De qualquer forma, preciso preencher alguns papéis para fazer meu relatório.

O coronel olha-o com surpresa e nada diz.

17 INT. BRASÍLIA HOSPITAL DE BASE SALA CIRURGIA - NOITE

A capitã foi imediatamente internada e levada para uma sala de cirurgia.

O patrulheiro posta-se ao lado da porta da sala de cirurgia, enquanto o coronel fica circulando pelo corredor. O coronel fala algumas vezes ao telefone e, após certo tempo, chama o patrulheiro para conversar um pouco afastado da sala de cirurgia.

18 INT. BRASÍLIA HOSPITAL DE BASE CORREDOR CIRURGIA - NOITE**CORONEL MEDEIROS**

Sargento, não há dúvidas de que o senhor presenciou um atentado no qual morreram dois oficiais do Exército. Uma das vítimas era um general. O motorista era oficial da área de segurança. A capitã teve sorte em conseguir saltar do carro e ainda estar viva. Sem dúvida quem fez isso vai querer completar o trabalho, e o senhor também pode correr risco de vida. Assim então, para sua segurança, é melhor que o senhor diga a quem perguntar que foi acidente causado por motorista descontrolado.

ROGÉRIO

Bem que eu estava desconfiando.

CORONEL MEDEIROS

Quanto à segurança da capitã, o pessoal especializado da Polícia do Exército já está no hospital. Agradeço o esforço que o senhor fez para salvar e proteger a vida dela e o elevado espírito de profissionalismo que esta demonstrando. Já passei para o comando o seu nome, com as suas credenciais, e o Exército vai oficiar aos seus superiores solicitando que seja promovido. Também será agraciado com medalha de bravura, uma pela sua corpação e outra que será entregue pelo Exército Nacional.

O sargento fica mudo e, ainda meio confuso, diz:

ROGÉRIO

Cumprirei as ordens. Mas, se o senhor me permite, gostaria de ficar até ter notícias da capitã.

19 **EXT. BRASÍLIA HOSPITAL DE BASE - NOITE**

Um grupo de militares do Exército, comandado por um tenente, ocupa posições estratégicas do lado de fora do hospital.

20 **INT. BRASÍLIA HOSPITAL DE BASE CORREDOR CIRURGIA - NOITE**

Não demora muito e o médico-chefe da equipe que a atendeu sai da sala de cirurgia, com a fisionomia tranquila.

MÉDICO HOSP. BASE 01 CAPITÃ

Ela esta muito bem. Sofreu apenas esfolamento sem gravidade, mas está muito agitada e tive de lhe dar um sedativo. Assim que passar o efeito da medicação, ela vai para um quarto já reservado.

21 **EXT. RONDÔNIA REAL FORTE QUARTEL 17A BIS HOTEL DE TRÂNSITO - NOITE**

Falta vinte minutos para a meia-noite. O vulto de Maurício sai do hotel de trânsito, se esgueira como um fugitivo procurando ocultar-se nas sombras que a lua projeta das construções.

A iluminação do quartel e do vilarejo, que fica ao lado, estava apagada. Vulto de Maurício procura tomar cuidado para não ser visto ou ouvido, caminha na direção do portão de entrada do forte.

22 **EXT. RONDÔNIA REAL FORTE PONTE ELEVADIÇA - NOITE**

O vulto de Maurício parado diante do portão onde antes existia a ponte elevadiça, que era o único acesso ao interior do forte.

O silêncio da noite, um ou outro pio de coruja, movimentos de lagartixas fugidias, sapos coaxando e sombras esquisitas de dar arrepios.

MAURÍCIO (voz interior)

Por que tinham de marcar essa cerimônia dentro de um poço escuro e no centro de uma fortaleza da Idade Média abandonada?

Não consegue evitar o calafrio que estremece sue corpo. O vulto de Maurício segue em frente.

MAURÍCIO (voz interior)

Meu Deus! O que será que me aguarda aí dentro? Confraria, cerimônia de batismo, túneis subterrâneos, ruínas em meio à selva amazônica. Não posso desistir agora. Tenho de enfrentar seja lá o que for.

23 EXT. RONDÔNIA REAL FORTE BEIRA DO POÇO - NOITE

O vulto de Maurício chega à beira do poço, um buraco quadrado, com um metro de cada lado. A tampa de ferro, que durante o dia estava fechada, fora aberta. Uma escada feita de cordas estava enganchada num dos lados da tampa e desaparecia naquele buraco escuro. Agacha-se, experimenta as cordas que formam a escada, põe o pé no primeiro degrau, força mais um pouco para ver se aguenta o seu corpo e começa a descer.

24 EXT. RONDÔNIA REAL FORTE ESCADA DO POÇO - NOITE

De vez em quando para e força a corda para ter certeza de que não arrebentará no degrau seguinte. Desce uns dois metros, quando sente que o espaço do buraco aumenta.

MAURÍCIO (voz interior)

Devo ter chegado à sala.

Continua descendo. A escada de cordas fica mais solta e logo ele sente o piso. Um arrepio corre pelo seu corpo ao pisar no chão frio. A escuridão é intensa e ruídos estranhos começam a surgir do fundo da terra.

MAURÍCIO (voz interior)

Seriam os túneis? Ou será que este salão tem mais mistérios do que a escuridão consegue inventar?

Fica parado ao lado da corda. Tem a sensação de estar no meio de uma sala quadrada, mas não vê nada. Os olhos vão se acostumando à escuridão. De repente, parece ouvir um farfalhar.

MAURÍCIO (voz interior)

Era só o que faltava. Morcegos.

A umidade aumenta o frio que sente.

25 INT. RONDÔNIA REAL FORTE POÇO - NOITE

Uma vela começa a clarear o ambiente. O que vê o deixa assustado. Recua alguns passos, a vela grossa, como um círio pascal apoiado no chão, mostra um grupo de pessoas vestidas como monges da Idade Média. Parecem mais treze anjos da morte do que membros de uma Confraria.

O monge do centro ficava mais afastado, porque o enorme círio iluminava melhor o lugar onde estava. Seis monges de cada lado, como na última refeição de Cristo em Jerusalém. Na frente das vestes, há uma cruz semelhante à cruz dos Cruzados. Parecem-se um pouco, com os Cavaleiros da Ordem dos Templários. As mãos enfiadas dentro das largas mangas dos seus trajes e a cabeça baixa não querendo mostrar os rostos. Maurício não conteve o arrepio.

O silêncio é rompido com um canto gregoriano. Os monges passam a andar ao redor do círio entoando o 'Magnificat'. Maurício continua de pé, no mesmo lugar e faz imenso esforço para não demonstrar fraqueza. O peso do canto gregoriano, àquela hora da noite, em plena selva amazônica, dentro de ruínas de um forte abandonado e uma luz de vela desenhando figuras nas paredes de pedra, lembram cenas de castelo mal assombrado.

Maurício mantém a sua aparência de calma e segurança.

Há harmonia no canto e as vozes agradam. Logo os monges vão se ajeitando de novo em seus lugares, repetindo:

MONGES (Todos os 13)

"Magnificat anima mea Dominum et exultavit spiritus meus"

(A minha alma engrandece o Senhor e o meu espírito exulta ...)

Até que ficam em silêncio e o clima de tensão volta ao ambiente. Uma voz serena, clara e até mesmo simpática atravessa a escuridão.

MONGE CONFRADE 01

Aproxime-se , por favor, mas fique um pouco distante da luz da vela.

Maurício caminha devagar e, quando sente que a escuridão se acabava, pára. Olha para os monges e nota que todos eles têm uma pequena barba branca.

MAURÍCIO (voz interior)

"Deve ser para disfarçar mais ainda o rosto."

MONGE CONFRADE 01

Doutor Maurício da Costa e Silva, eu presumo.

Preparado para esse questionário ele responde.

MAURÍCIO

Sim, senhor, Maurício da Costa e Silva.

MONGE CONFRADE 01

Sabe por que está aqui?

Responde em voz também clara e segura.

MAURÍCIO

Para a cerimônia do batismo, para a iniciação.

MONGE CONFRADE 01

Sabe por que foi escolhido?

MAURÍCIO

Com todo o respeito, senhor, ignoro.

MONGE CONFRADE 01

Mas o senhor fez o Caminho de Santiago de Compostela no Ano Santo de 1997, confessou-se e comungou durante a sua peregrinação. O batismo é concedido àqueles que estão em estado de purificação. O senhor foi batizado em criança, quando não tinha a compreensão da grandeza do Cristianismo e da Busca. Depois de adulto e culto, o senhor fez uma das peregrinações mais emblemáticas da história da espiritualidade. O que o senhor estava buscando no Caminho?

MAURÍCIO

O Santo Graal.

A resposta pegou-os desprevenidos. Os monges se ajoelham, logo em seguida à pronúncia do Graal, e ficam em silêncio. Maurício continua onde estava, de pé, e meio arrependido do seu atrevimento. Alguns instantes depois, os monges se levantaram e aquele que o estava interrogando pergunta.

MONGE CONFRADE 01

Foi por isso então que o senhor passou por San Juan de la Peña? Por causa do Santo Graal, o Cálice usado por Nosso Senhor Jesus Cristo na última ceia e no qual José de Arimatéia recolheu o sangue do Senhor depois de crucificado. As pessoas condenadas à morte não podiam ter a cerimônia do enterro. Seus corpos deviam ficar expostos ao ar livre até que restassem apenas os ossos. José de Arimatéia pediu a Pilatos o Corpo do Senhor, envolveu-o num lençol branco e o enterrou no sepulcro que havia preparado para si mesmo, numa rocha. José de Arimatéia era um rico cavaleiro a serviço de Pilatos e estava sempre entre os amigos de Cristo. Era membro do Sinédrio que o condenou, mas ficou com os demais membros, não concordando com aquela injustiça.

Maurício tenta entender o motivo daquela aula de história do cristianismo.

MONGE CONFRADE 01

Se Arimatéia não era seguidor de Cristo, por que então estava com o Cálice? Responda.

MAURÍCIO *(tom educado, mas já meio aborrecido)*

Desconheço, senhor.

MONGE CONFRADE 01

Em reconhecimento aos serviços prestados, Pilatos permitiu que José de Arimatéia enterrasse o Corpo do Senhor e ainda entregou-lhe um recipiente que os judeus haviam dado a Cristo e que fora usado para a oferenda durante a Santa Ceia. José de Arimatéia saiu do palácio de Pilatos e recolheu o corpo de Cristo. Ao envolvê-lo no Sudário, saíram algumas gotas de sangue. Como estava com o Cálice, recolheu o Sangue do Senhor e o guardou. José de Arimatéia entregou o Santo Cálice e o Santo Sudário a São Pedro. O Cálice Sagrado foi mais tarde para Roma, porém no século III, o papa Sisto II pediu a São Lourenço, que era seu tesoureiro, para levá-lo para a casa de seus pais, na Espanha, perto de Huesca, por causa das perseguições aos cristãos. Os descendentes de São Lourenço guardaram o Cálice sagrado até o século VI e depois o entregaram ao bispo de Huesca. Dessa cidade, o Santo Graal foi levado para San Juan de la Peña. Quando os hereges muçulmanos invadiram os Pirineus, o Cálice foi levado para Sirera e mais tarde para Valência, onde existe hoje um cálice que dizem ser o Santo Graal. O senhor acredita que o cálice de Valência é o Santo Graal?

MAURÍCIO *(tom seco)*

Não estive em Valência, senhor.

MONGE CONFRADE 01

O senhor foi eleito e aceitou fazer parte da Ordem, mas para isso preciso também que revele os seus conhecimentos cristãos. Para entrar para a Ordem é preciso estar preparado não só em seu estado de pureza, mas também nos conhecimentos que disciplinam a vida do verdadeiro cristão. O reconhecimento dessas virtudes é dado por meio do Batismo, não o batismo que teve em criança, mas o batismo da Ordem, porque ela tem a sua "Busca". Tendo sido eleito, o senhor já foi reconhecido pelas suas qualidades de inteligência, habilidades pessoais, coragem, lealdade, patriotismo, cultura, idealismo e outras virtudes que o qualificam como um dos peregrinos da "Busca". Mas é preciso que o senhor professe perante este cabido e perante o Crucifixo de Cristo a sua vocação e preste o juramento da Ordem, que não poderá ser rompido sob pena de ser considerado herege e condenado, como nos tempos da Idade Média, para a salvação da sua alma.

A custo Maurício disfarça o susto. O Monge continua como se o estivesse exorcizando.

MONGE CONFRADE 01

O seu batismo está preparado, conforme as regras de Santo Hipólito. A Fé surgiu com o cristianismo. E é a Fé que nos leva a crer que um Deus Verdadeiro criou a humanidade à sua imagem e semelhança e, depois, para salvá-la, sacrificou seu único Filho para que a humanidade compreendesse que a salvação está na prática da caridade, da humanidade e do sofrimento. Mas antes de colocar a roupa branca, o senhor precisa dar testemunho de um fato importante que prove que o senhor realmente alcançou a purificação que buscou no Caminho de Santiago. Essa única oportunidade que é dada aos iniciados deve ser relatada de joelhos, com o rosto voltado para o chão. A Ordem tem todos os comprovantes de que o senhor seguiu os trâmites do Caminho, inclusive cópia da Compostelana, o certificado que recebeu em Santiago como prova de ter feito essa sagrada peregrinação.

O monge fica uns segundos de silêncio e diz em tom de acusação.

MONGE CONFRADE 01

Mas falta um documento.

Maurício fica quieto esperando a resposta, porque o monge faz a pergunta como já sabendo a resposta.

MONGE CONFRADE 01

Trata-se da fotografia que o senhor tirou do túmulo de Santiago, no interior da Basílica, quando terminou a peregrinação. Agora, portanto, ajoelhe-se como lhe falei e informe. O senhor tem essa fotografia? E se a tem, onde está? Ou nos informe por que não a tem.

Maurício olha estupefato para o monge, que abaixa a cabeça e fez sinal com a mão para que ele se ajoelhe. Maurício abaixa a cabeça.

MAURÍCIO *(voz relutante)*

Houve um pequeno descuido da minha parte e as fotos não saíram.

Naquele mesmo instante, o monge da extrema direita avança para a vela acesa e a apaga. Faz-se silêncio durante alguns segundos.

MONGE CONFRADE 01

O Caminho de Santiago é uma peregrinação e deve ser feita com fé e respeito. O senhor perdeu o começo da missa solene de Roncesvalles, porque chegou cansado e foi beber cerveja num bar. O senhor não passou diante da estátua de Rolando no alto dos Pirineus. O seu Caminho foi incompleto. O senhor não sabia o que buscava. mas o senhor ainda é um candidato. Volte a fazer o Caminho com o mesmo espírito dos templários que ajudavam e protegiam os peregrinos que iam visitar o Santo Sepulcro. Não perca tempo.

Maurício ouve o farfalhar dos monges que se afastavam.

MAURÍCIO *(voz interior)*

Era incrível, mas como ele sabia tudo isso? Apesar de ridícula, essa história das fotografias mostrava que fora muito investigado. Teve uma espécie de intuição de aquilo era uma farsa, pois estava evidente que tudo havia sido preparado para simular a sua aceitação na Ordem, mas eles não o queriam.

Mas por que não queriam? Alguma coisa estava errada e era preciso descobrir isso porque alguém agora sabia ou suspeitava de que ele estava entrando para a Ordem para descobrir os seus segredos. E por que essa indicação de que "ainda é um candidato"? Por que fazer o Caminho de novo? Por que a urgência?

Maurício fica ali parado alguns minutos.

26 **EXT. RONDÔNIA REAL FORTE ESCADA DO POÇO - NOITE**

Maurício se aproxima da escada de cordas. Procura subir o mais depressa possível.

27 **EXT. RONDÔNIA REAL FORTE BEIRA DO POÇO - NOITE**

*Chega em cima e sai para o ar fresco da noite.
No céu escuro, há um pedaço de lua amarela.*

MAURÍCIO (voz interior)

Por onde será que iam sair aqueles sujeitos? Será que existem mesmo túneis? Será que existe uma sala embaixo daquela em que ele esteve, conforme lhe falaram?

Ouvimos os ruídos da natureza e mais fortemente o barulho das águas do Guaporé, Maurício se apressa.

28 EXT. RONDÔNIA REAL FORTE QUARTEL 17A BIS HOTEL - NOITE

Maurício chega ao hotel do batalhão.

29 EXT. RONDÔNIA REAL FORTE QUARTEL 17A BIS HOTEL - MANHÃ

Maurício já está desperto, os outros ainda estão dormindo. Maurício ouve um despertador tocar durante longo tempo e pouco depois o capitão Batista aparece assustado. O guarda de plantão e soldados sonolentos aparecem para a ordem do dia. O capitão está confuso e furioso. Ele vê Maurício que caminhava solitário em frente do forte e vai até lá.

CAPITÃO BATISTA

O senhor está bem? Não entendo o que aconteceu. Se não fosse o meu despertador, tinha perdido a hora. mas o quartel todo está atrasado. Vou dar a eles uma lição de como deve ser um soldado brasileiro num batalhão de fronteira.

30 EXT. RONDÔNIA PISTA DE POUSO REAL FORTE - MANHÃ

Maurício despede-se do comandante do batalhão. O piloto drena o tanque de gasolina para retirar a água que se acumula nos tanques da aeronave, olha os pneus e entra.

31 INT. CABINE AVIÃO VOO FORTE > FAZ.BURITIZAL - MANHÃ

Fecha a porta, coloca o cinto de segurança e olha para trás. Aparenta também ter dormido muito.

PILOTO AVIÃO SÊNECA

Vamos para a fazenda, doutor?

MAURÍCIO

Sim, comandante, para a Buritizal.

Liga os motores, testa os flaps, examina todos os instrumentos do painel, espera alguns minutos para aquecer os motores e taxieia para a cabeceira da pista.

Anuncia a decolagem e acelera. O avião pega velocidade e sobe mansamente, deixando sob suas asas o harmonioso desenho do Real Forte Príncipe da Beira.

A manhã estava bonita. Embaixo, foi-se esticando o Rio Guaporé, o avião sobrevoou a pequena cidade de Costa Marques.

Maurício no avião relembra os fatos dos últimos meses.

32 INT. FLASHBACK 01 BRASÍLIA RECEITA FEDERAL GAB. SECRETÁRIO - DIA

Maurício é conduzido ao gabinete do secretário; pede licença e entra. Um militar cheio de estrelas ocupa uma das cadeiras em torno da mesa oval e grande. Logo ao entrar, estranha que o general não se levanta para sair. O secretário fez as apresentações.

SECRETÁRIO DA RECEITA FEDERAL

Estávamos falando sobre o senhor. Apresento-lhe o general Antonio Ribeiro de Castro, chefe da Abin.

Já estava articulando quais desculpas daria para não aceitar fosse lá o que fosse. Compreende também que está diante de alguma coisa que deve ser sigilosa.

O general o encara docemente e, com uma voz cordial é objetivo.

GENERAL RIBEIRO

Desculpe se pedi ao senhor secretário para convocá-lo oficialmente. Preferia que esse nosso primeiro contato fosse em sua repartição. Nós estudamos a metodologia que o senhor propõe para o controle da produção industrial e chegamos à conclusão de que esse seu método pode ser muito útil no combate à fabricação ilícita de armas.

Maurício faz um cumprimento sóbrio e fica em silêncio.

GENERAL RIBEIRO

Pelo o que estou sabendo o senhor foi convocado por três dias. Podemos continuar essa nossa entrevista em meu gabinete. Mando buscá-lo no hotel às nove horas da manhã, assim, o senhor já teria tido tempo para correr os seus dez quilômetros no Parque da Cidade, como faz sempre quando vem a Brasília.

33 EXT. FLASHBACK 01 BRASÍLIA PARQUE - MANHÃ

Seis e meia. Manhã bonita de maio. O sol colore o horizonte de muitas cores. Muitas pessoas já estão no parque, fazendo exercícios.

34 **EXT. FLASHBACK 01 BRASÍLIA HOTEL HALL - MANHÃ**

Nove horas Maurício no hall do hotel, esperando. Um carro cinza, um Gol, estaciona e uma moça alta, morena, de cabelos lisos, porte altivo que lembra a Iracema de José de Alencar, entra no hotel e vai dirigir-se à recepção. Avalia o ambiente discretamente, volta-se para ele e vai logo perguntando.

CAPITÃ FERNANDA

Doutor Maurício? Bom dia. Estou incumbida de levá-lo até a Universidade.

Ela estende a mão e ele retribui o cumprimento.

MAURÍCIO

Bom dia, "professora".

Dirigiram-se para o carro.

35 **EXT. FLASHBACK 01 BRASÍLIA W3 CARRO GOL FERNANDA - MANHÃ**

A motorista toma a direção da estrada de Unai, como se fosse para a Esaf. Maurício nota que estavam sendo seguidos a distância. A motorista faz alguns contornos e volta para a W3.

36 **EXT. FLASHBACK 01 BRASÍLIA SETOR MILITAR GOL FERNANDA - MANHÃ**

Logo saem da W3 e se dirigem para o setor militar.

37 **EXT. FLASHBACK 01 BRASÍLIA SETOR POLICIAL GOL FERNANDA - MANHÃ**

Chegam ao setor policial, cumprem os protocolos de controle da portaria e entram numa grande área com ruas internas asfaltadas.

38 **EXT. FLASHBACK 01 BRASÍLIA ABIN FRENTE DO PRÉDIO - MANHÃ**

O carro chega ao prédio da Abin.

39 **EXT. FLASHBACK 01 BRASÍLIA ABIN ANTE-SALA GABINETE GENERAL - MANHÃ**

Sobem até o segundo andar e um policial abre a porta que dá para uma antessala, depois da qual estava o gabinete do chefe da Agência Brasileira de Informações. A "professora", capitã Fernanda, senta-se atrás de uma escrivaninha, tira o telefone do gancho e avisa que chegaram. Têm permissão para entrar e ela abre a porta.

40 **INT. FLASHBACK 01 BRASÍLIA ABIN GABINETE GENERAL – MANHÃ**

Maurício entra. O general olha para as folhas de papel sobre a mesa, ajeita-as, levanta-se e cumprimentou-o. Pergunta o general com humor que não tinha demonstrado na véspera.

GENERAL RIBEIRO

Bom dia, Doutor Maurício, parece que o senhor deu uma canseira no nosso homem hoje, heim? O senhor não quer concorrer nas Olimpíadas do Exército?

Maurício responde o cumprimento e alfineta o general.

MAURÍCIO

Ele corre bem, manteve distância média de vinte metros, mesmo quando eu quis testá-lo na subida do quilômetro seis. Do parque até o hotel, fiquei na dúvida se o segurança era o da bicicleta ou aquele distraído da praça das Fontes.

O general ri e concorda.

GENERAL RIBEIRO

Esse é um dos motivos pelos quais o senhor está aqui. Tem preparo físico e é perspicaz.

MAURÍCIO (voz interior)

"Comentário estranho, para quem estava procurando auditor fiscal para dar aulas de controle industrial",

Maurício pensa, mas finge que não entendeu a frase, e comenta.

MAURÍCIO

Só esse parque já justifica morar em Brasília. Correr no maior parque urbano da América Latina, até o cansaço fica mais leve.

Passam-se alguns segundos e o general começa.

GENERAL RIBEIRO

Acho que o senhor percebeu que o nosso assunto, na verdade, não era sobre fabricação ilegal de armas. É muito mais sério. Trata-se de matéria de segurança nacional e é assunto que vem sendo conduzido com muito sigilo.

Aguarda a reação de Maurício que permanece impassível.

GENERAL RIBEIRO

Certos assuntos são, às vezes, tão graves que é preciso elevado grau de certeza. E o assunto que vou tratar com o senhor é um deles. Nós precisamos que o senhor nos ajude a ter esse grau de certeza. Porém, se o senhor aceitar essa tarefa, tudo será feito como se fosse uma espécie de voluntariado. O senhor terá condições, terá apoio, mas não será trabalho oficial.

Maurício continua em silêncio. Está inquieto e parece que o general percebe isso. Com um sorriso meio irônico, continua.

GENERAL RIBEIRO

O senhor tem todo o perfil de quem aceita desafios. Veja só. Maratona de São Paulo, no ano de 1995, em 4 horas e 25 minutos. Blumenau o senhor fez em 4 horas e 35 minutos, no dia 27 de julho de 1996. No ano seguinte, correu a Maratona de Nova York, quase no mesmo tempo, e no último 5 de abril, o senhor foi correr a Maratona de Paris, fazendo o percurso em 4 horas e 15 minutos. Vem correndo regularmente a São Silvestre, num tempo médio de uma hora e vinte minutos, nos últimos dez anos.

Maurício começa a ficar vermelho com aquela invasão da sua vida privada. O general finge que não notou a sua reação e continua.

GENERAL RIBEIRO

Pratica natação, faz parte do clube de tiro ao alvo e alguns outros hobbies. Em seu trabalho na receita Federal, o senhor tem sido um dos mais preparados e eficientes auditores fiscais. Já chefiou repartições aduaneiras e enfrentou, às vezes sozinho, contrabandistas, participou de manobras militares para apreensão de navios com contrabando, tem supervisionado ou coordenado grupos de combate à sonegação fiscal, inclusive nos desmanches de carros roubados.

Sem esconder a ironia, tenta justificar-se.

GENERAL RIBEIRO

Peço-lhe para não ficar indignado com as informações que temos a seu respeito. Afinal, precisávamos conhecê-lo bem e sua ficha pessoal se revelou motivadora.

GENERAL RIBEIRO

Nunca corri uma maratona. Sempre achei que a Maratona de Nova York era coisa para se ver na televisão. Aliás, só fui saber que o mundo tem tantas maratonas depois que li a sua ficha. Nós estamos precisando de uma pessoa que nem precisa de tantos predicados, mas o senhor tem uma fazenda num lugar que passou a despertar preocupação para a segurança nacional.

Maurício sente a boca seca. O general percebe o seu desconforto e pede à "professora" que traga água e café.

Ela está agora em uniforme de capitã do Exército e assumia claramente as funções de auxiliar direta do general.

GENERAL RIBEIRO

As investigações e pesquisas levam a crer que o Brasil está prestes a perder mais da metade do seu território. O nosso pacífico Brasil pode ter pela primeira vez um grande derramamento de sangue.

Pára, meio decepcionado porque suas palavras não causaram o impacto que imaginara, mas logo continua.

GENERAL RIBEIRO

Aparentemente, quem está planejando isso parece que está pensando que não haverá reação por parte do governo brasileiro. Essa nossa imagem de povo pacífico, que proclamou a independência, proclamou a República e costuma fazer revoluções sem grandes reações, pode estar levando pessoas a enganar. Tenho certeza de que o senhor já ouviu falar muito da internacionalização da Amazônia. Aliás, todos os dias saem artigos sobre ONGs e internacionalização, mas parece que ninguém se importa. E o mais desalentador nessa situação é que não existe um inimigo declarado.

Maurício tem a impressão de que o general entende as dúvidas que começam a se avolumar em seu cérebro, porque muda o tom de voz.

GENERAL RIBEIRO

O importante, para nossa conversa de hoje, é que existem fundadas suspeitas de um complô internacional para reduzir as dimensões do Brasil àquelas definidas pelo Tratado de Tordesilhas.

O general abre uma pasta com alguns papéis.

GENERAL RIBEIRO

Esse material já é do conhecimento de todos nós, mas acho que todo o brasileiro devia ler essas frases no café-da-manhã, pelo menos uma vez por semana.

Segura a folha e lê em voz firme.

GENERAL RIBEIRO

"Diversos restaurantes populares, de fast-food, nos Estados Unidos, utilizam toalhas descartáveis em suas mesas. Nelas se lê com muita frequência o mesmo que os ingleses colocam em adesivos nos seus carros: 'Lute pelas florestas. Queime um brasileiro.'"

Maurício não resiste.

MAURÍCIO

Como é? Queime um brasileiro?!...

O general passa a ter certeza de que o pegara desprevenido. Mas continua.

GENERAL RIBEIRO

Aqui temos outro estudo que circula na internet, datado de novembro de 2003. E, portanto, trabalho recente, que repete essa notícia de que os carros de Londres e outras cidades europeias traziam o adesivo plástico dizendo: "Lute pela floresta... Queime um brasileiro". No início dos anos noventa, os ambientalistas acusavam o Brasil de "inimigo número um do planeta".

O general pega outra folha de papel e entrega a Maurício.

GENERAL RIBEIRO

Isso é extrato de um seminário na Escola Superior de Guerra, onde foram discutidas as declarações feitas por líderes mundiais, a respeito da Amazônia.

Maurício pega a folha que lhe foi estendida e lê.

MAURÍCIO *(lendo)*

Em 1981, o Conselho Mundial das Igrejas declarou que "a Amazônia é patrimônio da Humanidade, e que sua posse por países é meramente circunstancial".

Em 1983, Margareth Thatcher "aconselhou as nações carentes de dinheiro a venderem seus territórios e fábricas".

Em 1984, o vice-presidente Al Gore dos EUA declarou que "a Amazônia não é deles, é de todos nós".

Em 1985, o presidente Mitterrand declarou: "O Brasil deve aceitar a Soberania relativa sobre a Amazônia".

Mikhail Gorbachev: "O Brasil deve delegar parte dos seus direitos sobre a Amazônia".

O primeiro-ministro inglês Major Asseverou: "A Amazônia pode ensejar operações diretas sobre ela".

O general Patrick Hugles, dos EUA, também disse: "Caso o Brasil no uso da Amazônia puser em risco o meio ambiente nos EUA, estamos prontos para interromper".

Maurício devolve a folha ao general e o olha sem demonstrar o que estava sentindo.

GENERAL RIBEIRO

Veja mais esta, por favor.

"A Amazônia deve ser intocável, pois constitui-se no banco de reservas florestais da Humanidade." [Congresso de Ecologistas Alemães, 1990].

"Só a internacionalização pode salvar a Amazônia" [Grupo dos Cem, 1989, Cidade do México].

"A destruição da Amazônia seria a destruição do Mundo." [Parlamento Italiano, 1989].

"A Amazônia é um patrimônio da Humanidade. A posse dessa imensa área pelos países mencionados [Brasil, Venezuela, Colômbia, Peru e Equador] é meramente circunstancial." [Conselho Mundial das Igrejas Cristãs reunidas em Genebra, 1992].

"É nosso dever garantir a preservação do território da Amazônia e de seus habitantes aborígenes para o desfrute pelas grandes civilizações europeias, cujas áreas naturais estejam reduzidas a um limite crítico." [Conselho Mundial das Igrejas Cristãs reunidas em Genebra, 1992].

Maurício faz um pequeno comentário.

MAURÍCIO

Acho que o senhor tem razão quando fala que essas notícias circulam pela imprensa sem despertar a devida preocupação que deviam causar. O que estranha é que os brasileiros não sabem disso, ou, se sabem, não acreditam ou até mesmo podem estar anestesiados em relação ao que pode acontecer com este país que parece que já não tem mais dono.

O general sorri discretamente e joga mais pimenta no assunto.

GENERAL RIBEIRO

Imaginem o que os Estados Unidos não fariam se alguém dissesse que vai invadir o Alasca porque a extração de óleo está ameaçando o Polo Norte. É mais ou menos o que disse o senador Cristovam Buarque, quando ele respondeu a uma pergunta sobre o desmatamento da Amazônia.

MAURÍCIO

Sim. Aliás uma resposta inteligente. Não só a Amazônia seria patrimônio da humanidade, mas também as reservas de petróleo e até a cidade de Nova York, onde está a sede da ONU. E alerta ainda que o arsenal atômico dos Estados Unidos pode provocar danos milhares de vezes maiores do que essas queimadas da Amazônia.

O general acha melhor entrar em outro campo, para mostrar que essa preocupação não era nova.

GENERAL RIBEIRO

O senhor conhece a expedição Roosevelt, não?

E sem esperar responde.

GENERAL RIBEIRO

Pois bem. Existem dúvidas de que aquela expedição, que foi chamada de expedição científica, era simplesmente uma aventura do presidente Theodore Roosevelt no interior da Amazônia.

MAURÍCIO

Pelo que o senhor disse até agora posso presumir que não existe certeza ainda de onde surgem essas ameaças. Não é meio especulativo fazer referência a uma viagem feita há quase meio século?

GENERAL RIBEIRO

Eis aí um detalhe interessante. Já naquela época, o governo brasileiro olhou essa viagem de Roosevelt com certa suspeita. Essa expedição, de início, se chamava "Expedição Científica Roosevelt". As bagagens dessa expedição tinham essa inscrição. Ao chegar ao Brasil, no entanto, as bagagens foram substituídas por outras nas quais estavam impressos os dizeres Expedição Científica Roosevelt-Rondon". Outra curiosidade é que, a pretexto de fazer pesquisas para o Museu Metropolitano de Nova York, o presidente Roosevelt e sua equipe fizeram uma verdadeira matança de animais da região, inclusive de espécies hoje desaparecidas ou em extinção. Veja o que ele mesmo escreveu no livro, com o título de "Nas Selvas do Brasil", em 1914, traduzido por Luiz Guimarães Junior.

O general abre a página 316 do livro traduzido para o português e lê em voz alta:

GENERAL RIBEIRO (lendo)

"Cherrie e Miller coligiram para mais de 2.500 aves, cerca de 500 mamíferos..."

MAURÍCIO

O senhor está dando a entender que o governo americano simulou uma viagem de Theodore Roosevelt ao Brasil, com caráter de espionagem?

GENERAL RIBEIRO

Mas, nesse caso, o senhor está supondo que, além do livro "Através das Selvas do Brasil", ele teria feito relatórios confidenciais dos quais nós não temos conhecimento?

MAURÍCIO

Mas, se o marechal Rondon, que na época era coronel, chefiou essa expedição em território brasileiro, com certeza ele deve ter notado alguma coisa, pois era homem culto, patriota, um positivista estudioso de Augusto Conte e Benjamim Constant. Será que Rondon não fez também um relatório, assim como Roosevelt?

GENERAL RIBEIRO

As dúvidas antecedem as preocupações. Rondon foi indicado para o Prêmio Nobel da Paz pelo próprio Einstein, que ficou impressionado com a obra desse grande brasileiro. Mas não deram o prêmio a Rondon.

O general mostra outro documento.

GENERAL RIBEIRO

Veja o senhor que há relatos de que o presidente Theodore Roosevelt já havia antes tentado tomar o Acre e só não conseguiu porque o presidente Epitácio Pessoa foi duro. Os americanos sempre tiveram interesse em dominar aquela região. O próprio Roosevelt deixou escapar a possibilidade de ligação da bacia do Prata com a bacia Amazônica, quando descreve as riquezas naturais do país, na página 198. Ali ele fala da ligação dos rios Paraguai, Madeira e Amazonas.

MAURÍCIO

O senhor quer dizer então que Roosevelt...

O general não dá tempo para Maurício concluir seu raciocínio.

GENERAL RIBEIRO

Sim, sim. O Acre era um grande produtor de borracha. Roosevelt criou então o consórcio internacional chamado de "Bolivian Syndicate of New York" com a intenção de ocupar o Acre. Encontrou resistência do governo brasileiro e...

Maurício interrompe-o.

MAURÍCIO

E, aí, o governo deu um jeito de mudar o roteiro de sua viagem, afastando-o do Acre, porque ainda estava desconfiado de suas intenções. Certo?

O general balançou a cabeça afirmativamente.

GENERAL RIBEIRO

O Acre na verdade pertencia à Bolívia desde 1867. No entanto, desde o século 19 acabou invadido por brasileiros que exploravam os seringais. A Bolívia perdeu o controle da área e o assunto foi resolvido em 1903, pouco antes da viagem de Roosevelt.

MAURÍCIO

Nada diplomata esse Roosevelt. Podia ter esperado um pouco mais.

GENERAL RIBEIRO

Não sei se foi erro de diplomacia ou pressa. O senhor vai acabar verificando que a Inglaterra também estava querendo entrar ali, mas é bom estar lembrado de que o Brasil não tomou o Acre da Bolívia, mas pagou caro por ele. Foram dois milhões de libras esterlinas para a Bolívia, mais 110 mil libras para esse sindicato, um pedaço de Mato Grosso e ainda a obrigação de construir a Madeira-Mamoré e deixar os bolivianos saírem pelo rio Amazonas até o Atlântico, o que, se fosse feito, já caracterizaria a internacionalização dos rios amazônicos.

GENERAL RIBEIRO

Como o próprio Roosevelt escrevera em seu livro, o coronel Rondon havia descoberto um rio que nascia no Planalto Central do Brasil, perto de Vilhena, em Rondônia, mas que ainda não tinha sido explorado. Rondon não sabia se esse rio era afluente do Ji-Paraná, também chamado de Machado, ou se desaguava no rio Tapajós. Denominou-o então de rio da Dúvida.

Quando chegou ao Brasil, foi recebido pelo ministro do Exterior, Lauro Muller, que sugeriu que a expedição explorasse o rio da Dúvida. Lauro Muller disse a Roosevelt que o governo brasileiro tinha interesse na exploração e no desenvolvimento do interior da Amazônia e essa expedição seria de muita valia para tornar o Brasil conhecido no exterior.

Praticamente, o governo brasileiro induziu Roosevelt a explorar esse rio completamente ignorado pelos geógrafos.

MAURÍCIO

Li o livro do presidente Roosevelt e ele mesmo diz que o seu propósito inicial era subir o Paraguai, pegar um afluente do rio Amazonas, provavelmente o Madeira e chegar a Manaus. Estaria ele querendo repetir a expedição de Raposo Tavares? E o senhor acha então que o governo brasileiro desviou intencionalmente o trajeto de Roosevelt, jogando-o numa aventura perigosa para afastá-lo do que seria nossa principal fonte de riqueza na época, os seringais da Amazônia?

GENERAL RIBEIRO

Nós estamos falando de fatos ocorridos há quase cem anos, em 1913 e 14. O ministro das Relações Exteriores era o general Lauro Muller, hábil estrategista e homem de muitos méritos e títulos, como o de doutor em Direito pela Universidade de Harvard.

MAURÍCIO

Mas, se isso realmente ocorreu, foi um grande golpe da diplomacia brasileira. O pessoal veio de lá com certas intenções e aqui o governo brasileiro os tirou de seu projeto original empurrando-os para uma missão meramente topográfica ou geográfica. Ora, ora... Mas, por outro lado, se isso aconteceu realmente, ou, pelo menos, se eles acreditarem que foi isso que aconteceu, será que não querem agora voltar à cena, ainda que para recuperar a moral?

Maurício cala, com receio de se aventurar em conclusões perigosas.

GENERAL RIBEIRO

Naquela época, eles tinham tantas riquezas naturais como as nossas e o que lhes interessava era a borracha. Mas hoje eles já gastaram ou, se não gastaram, não querem mais gastar as suas riquezas naturais e talvez queiram reeditar o passado, com um final mais feliz... para eles. Lembre-se de que estávamos no auge do ciclo da borracha e tínhamos acabado de comprar o Acre. Temos de ter a percepção histórica daquela época. O momento era estranho para um presidente dos Estados Unidos aparecer naquela região ... Entendo que o senhor esteja meio confuso. Mas não posso falar sobre esse tema com qualquer pessoa, mesmo sendo pessoas dos órgãos de segurança do governo. Suponho que o secretário da Receita não esteja acreditando que o senhor veio dar aulas de auditoria para oficiais do Exército. Mas ele não tem a mínima noção dos assuntos que estamos tratando. É bom que o senhor registre isso.

MAURÍCIO

No entanto, até agora não sei ainda o que devo fazer.

GENERAL RIBEIRO

Sei que estou falando com um homem esclarecido e cheio de recursos. A primeira coisa a fazer é estudar tudo sobre essas ONGs que invadiram a Amazônia. O Brasil tem aproximadamente 250 mil ONGs.

MAURÍCIO

Duzentos e cinquenta mil ONGs? mas o que faz essa gente?

GENERAL RIBEIRO

Só na Amazônia devem existir perto de mil. É preciso investigar suas origens, seus responsáveis, de onde vêm as centenas de milhões de dólares que recolhem de todos os cantos do mundo e como gastam essas fortunas. Principalmente, quais são suas intenções.

MAURÍCIO

Devo então estudar as ONGs?

GENERAL RIBEIRO

Tudo o que se referir à Amazônia. Conhece aquelas placas de estradas de ferro: "Pare, olhe, escute"? Comece a prestar atenção em todas as notícias, em todas as pessoas, em todos os movimentos que julgar estranhos. O senhor tem meios de fazer muitas pesquisas que nos serão úteis. A capitã Fernanda lhe dirá como se comunicar conosco.

MAURÍCIO

Está me parecendo um tanto empírico.

GENERAL RIBEIRO

O senhor tem qualidades que até mesmo a CIA demoraria anos para transmitir a um agente. Podem surgir imprevistos e não basta apenas a cultura profissional.

MAURÍCIO

Imprevistos?

GENERAL RIBEIRO *(voz mais pausada)*

Não sabemos com quem estamos lidando. Quando uma ideia alcança o íntimo de um grupo, a razão cede lugar à ideologia, ao fanatismo, e as pessoas que se opõem a ela; são vistas como inimigos da humanidade. É nesse sentido que é preciso tomar cuidado, Estamos formando um grupo de pessoas de alto nível. Às vezes a gente faz alguns descredenciamentos... Bem, contamos com o senhor. Existem algumas fortalezas construídas por Portugal para se defender dos espanhóis. Não sei por que, mas algo me diz que é preciso estudar esses fortes, não apenas pelo seu lado estratégico ou arquitetônico, mas principalmente o que a gente não vê. Não posso fazer isso sem despertar suspeitas. Gostaria que o senhor cuidasse disso.

41 **EXT. FLASHBACK 02 BRASÍLIA EMBAIXADA EUA CAMPO DE GOLFE - DIA**

O General Ribeiro e Embaixador EUA jogam golfe. Quando o general consegue colocar a bola no buraco com a terceira tacada, deixa escapar uma frase estranha.

GENERAL RIBEIRO

Bonita jogada. Ultimamente coisas estranhas poderiam fazer o jogo ficar mais difícil.

EMBAIXADOR EUA

Num jogo mais duro não se pode escolher parceiros errados.

GENERAL RIBEIRO

Acho que nossos treinamentos precisam aumentar rapidamente. Pressinto que em breve teremos um jogo difícil e não gostaria de vê-lo do outro lado. O senhor joga muito bem.

EMBAIXADOR EUA

Conforme o jogo, a vitória depende da equipe. Quanto mais difícil o jogo, mais importante passa a ser essa escolha.

42 **EXT. MATO GROSSO RIO ROOSEVELT POSSE DO CHUVISCO – TARDE**

Descendo o rio Roosevelt, pouco antes da Buritizal, encontra-se do lado direito uma pequena casa de madeira em ruínas. É uma posse antiga, chamada de Chuvisco. A casa fica à beira do rio e atrás dela existe uma pastagem abandonada, parcialmente tomada pela juquira. O rio alarga-se depois de uma curva em frente à casa e forma adiante a corredeira do Chuvisco, já perto da Buritizal. O sol se põe na margem oposta e forma um dos mais belos entardeceres da região.

43 **EXT. MATO GROSSO RIO ROOSEVELT POSSE DO CHUVISCO POMAR – TARDE**

O Homem (Pistoleiro 01 Chuvisco) esgueira-se para dentro do antigo pomar, protegido pela vegetação. Ele não quer ser visto. Leva um pequeno bote inflável para atravessar o rio e também a sua "motosserra", naquela caixa, ele esconde uma arma poderosa, sofisticada, e as munições, além do fuzil. Paciente, enquanto aprecia a paisagem, pensa no melhor lugar para passar para o lado de lá do rio e procurar outro abrigo a uma distância conveniente da sede da Buritizal. Não passa muito tempo e tem a impressão de ouvir o ronco de um motor.

Logo o ruído aumenta, um avião vai chegando, aproxima-se da pista e desce.

PISTOLEIRO 01 CHUVISCO (voz interior)

Estranho.

Não é um Sêneca, é outro tipo de bimotor, pouco maior. Não é bege. Não entende de avião, mas sabe que não é aquele. Há algo errado.

PISTOLEIRO 01 CHUVISCO (voz interior)

Será que o alvo mudou de avião?

Passadas umas duas horas, ouve o ronco de outro avião.

44 **INT. CABINE AVIÃO VOO FORTE > FAZ.BURITIZAL – TARDE**

O Sêneca sobrevoa a Buritizal e Maurício vê lá de cima o gado branco e manso sobre as pastagens verdes e o rio Roosevelt.

MAURÍCIO (voz interior)

Certo dia me falou sobre a Confraria. Disse que ele precisava aproximar-se dessa Confraria. A Abin estabelecera contato com a Confraria, mas não era conveniente o envolvimento das Forças Armadas. E assim aconteceu de eu ser convidado a participar de uma cerimônia que me daria as credenciais de confiança dessa organização.

Mas alguma coisa saiu errado. Aquela história de que não ter as fotografias do túmulo de São Tiago não cola. Alguma coisa séria aconteceu e estou disposto a ir a Brasília atrás de explicações.

(MORE)

MAURÍCIO (voz interior) (CONT'D)

Quanto mais me envolvo nesse assunto, mais aumenta a sensação de perigo que tive desde o início.

O Sêneca aproxima-se da pista e já ia descendo, quando o comandante pergunta:

COMANDANTE PILOTO 01 AVIÃO SÊNeca

O senhor estava esperando visita? Tem um avião perto da sede.

Maurício olha preocupado para a pista.

MAURÍCIO

Não desça agora. Chame pelo rádio e pergunte quem é.

O comandante faz um voo rasante pela pista e volta a subir. Um avião Baron estava estacionado perto da sede. O comandante chama pelo rádio:

COMANDANTE PILOTO 01 AVIÃO SÊNeca

Buritizal, Buritizal, na escuta Buritizal?

JORGE (voz pelo rádio)

Sim, comandante. Buritizal na escuta. Aqui é Jorge.

COMANDANTE PILOTO 01 AVIÃO SÊNeca

Bom dia, Jorge. Tem um avião aí, você pode dizer quem é?

45 **INT. MATO GROSSO FAZ.BURITIZAL SALA RÁDIO - TARDE****JORGE**

Olha, comandante, parece que é um pessoal de Goiânia. Eles vieram ver terras aqui na região e pousaram na fazenda. Tem uma mulher que é amiga do doutor. Ela disse que é professora de uma escola chamada Esaf, em Brasília. São duas pessoas apenas. O piloto é o dono do avião e é ele quem diz estar interessado em terras.

46 **INT. CABINE AVIÃO VOO FORTE > FAZ.BURITIZAL - TARDE****COMANDANTE PILOTO 01 AVIÃO SÊNeca**

Vamos descer.

47 **EXT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL PISTA DE POUSO - TARDE**

O comandante faz a volta e coloca a pista pelo lado esquerdo onde tem visão mais completa. Logo se alinha com a cabeceira que se estica por mil e duzentos metros até a margem esquerda do rio Roosevelt. O avião vai descendo e alcança o chão, via reduzindo a velocidade e pára perto do outro. O administrador chega logo em seguida. Maurício cumprimenta-o e pergunta.

MAURÍCIO

Jorge, aqueles dois "cerqueiros" estão por perto?

JORGE

Sim doutor. Assim que o avião deles pousou, mandei chamá-los e estão atentos a qualquer situação estranha. Pode ficar sossegado.

MAURÍCIO

Ótimo. Mas por que você agiu assim, alguma suspeita?

JORGE

O comprador de terras não entende de terras e acho que a mulher não tem jeito de professora.

Maurício ri.

48 **EXT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL SEDE - TARDE**

Maurício se dirige para a casa.

49 **INT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL SALA SEDE - ENTARDECER**

Entra e a capitã Fernanda o cumprimenta:

CAPITÃ FERNANDA

Desculpe invadir sua privacidade, doutor Maurício, mas eu tinha de vir falar com o senhor. Deixe-me apresentar-lhe o tenente Alexandre, que trabalha conosco.

Ela parece cansada, envelhecida. Os olhos vermelhos.

MAURÍCIO

Bom dia, capitã. É um prazer recebê-la aqui no meu *resort* particular. Bom dia tenente. Foram bem atendidos?

CAPITÃ FERNANDA

Oh! Sim. O senhor tem uma boa casa num lugar maravilhoso. Não à toa que quer se aposentar e viver por aqui.

Maurício pede licença para guardar sua maleta de viagem e volta logo em seguida. O comandante vai para o alojamento, leva consigo o piloto da capitã. A empregada, depois que serve o café, se retira e fecha a porta. Dessa forma, a casa está sem outras pessoas. Maurício não diz nada, apenas olha curiosamente para a capitã, a espera de que ela tome a iniciativa da conversa.

CAPITÃ FERNANDA

O senhor está sabendo a respeito do general?

MAURÍCIO

Não, o que houve?

O rosto da capitã avermelha e ela apenas consegue articular numa voz trêmula.

CAPITÃ FERNANDA

O general morreu. Foi assassinado.

A capitã começa a chorar.

MAURÍCIO

Não é possível. O general Antonio Ribeiro de Castro, chefe da Agência Brasileira de informações morto, assassinado. Estava imaginando que a senhora não iria deslocar-se de Brasília até aqui num voo dissimulado se não tivesse alguma coisa séria para contar.

A capitã se recompôs e Maurício olha para a televisão.

MAURÍCIO *(se desculpando)*

O vento desregulou a antena parabólica e eu não tive pressa de mandar consertá-la. Desde que voltei de Brasília estou neste mato, sem notícias.

Ela parece embaraçada. Mostra uma fragilidade.

CAPITÃ FERNANDA *(com relutância)*

Foi horrível. ...

Deixamos de ouvir o som. A capitã Fernanda segue explicando o atentado e gesticulando.

50 **EXT. FLASHBACK 03 BRASÍLIA VIADUTO DO ATENTADO 01 - ENTARDECER**

Visão da capitã Fernanda do Atentado 01. Ela pulando do carro, a viatura da PM ajudando o assassino, outro carro patrulha da Polícia Militar socorrendo-a. Saindo do hospital.

51 **INT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL SALA SEDE - ENTARDECER**

Capitã Fernanda e Maurício seguem conversando.

CAPITÃ FERNANDA

... Sofri apenas ferimentos leves. Na verdade, seria até preferível que eu não viesse. Mas temo que estamos correndo risco de vida e o senhor também. A operação na qual o senhor foi envolvido parece que acelerou os acontecimentos. Não creio que haja tempo e precisamos conversar.

MAURÍCIO

Qual o segredo que o general levou para o túmulo?

Foi muito estranho este acidente. Ele devia saber alguma coisa muito séria e os adversários o mataram. Agora precisamos ganhar o jogo sozinhos, mas antes temos de saber que jogo é esse.

52 **EXT. MATO GROSSO RIO ROOSEVELT CHUVISCO POMAR - ENTARDECER**

Já estava para escurecer o Pistoleiro 01 está no mesmo lugar planejando o seu trabalho quando vê um vulto do outro lado do rio, veio certamente da sede e fica em posição de cuidadosa vigilância justamente no lugar onde planeja chegar na outra margem.

PISTOLEIRO 01 CHUVISCO (voz interior)

Droga.

O vulto do outro lado levanta-se de repente, olha para o lugar onde está o Pistoleiro 01 com atenção. O Pistoleiro 01 fica o mais imóvel que pode. A vegetação do pomar é bastante espessa e o vulto do outro lado não o vê. A área é grande e coberta de arbustos.

53 **EXT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL PISTA - ENTARDECER**

A noite está estrelada, uma lua enorme esbanja claridade e nem parece que é noite. O administrador vai para a ponta mais afastada da pista e deixa outro empregado de sua confiança mais perto da casa. Ali podiam conversar à vontade, sem perigo e sem que fossem ouvidos.

CAPITÃ FERNANDA

O senhor não me falou da Confraria.

MAURÍCIO

Fui reprovado. Chegaram das sombras e desapareceram nas sombras depois de uma pequena sabatina. Mas agora entendo o que houve. Sem o general, eles também ficaram inseguros. E agora capitã, como ficamos? Era o general que estava bem informado sobre essa questão da Amazônia. Era o general que tinha os contatos com a Confraria. Foi o general que me aproximou deles e eu seria um elemento de ligação entre a Abin e a força de resistência amazônica que iria aproveitar a organização dessa Confraria. Mas o general morreu.

A lua está alta e se vê a figura de São Jorge matando o dragão o céu está estrelado. aumentava a intensidade dos receios. Caminham mais um pouco em silêncio.

MAURÍCIO

Nunca indaguei como o general descobriu esses assuntos e por que o próprio governo não se encarrega dele de uma vez por todas. Mas acho que já é hora de colocarmos as cartas na mesa.

CAPITÃ FERNANDA

Não tenho o conhecimento e a certeza que o general tinha, mas vou tentar resumir.

Maurício aguarda em silêncio.

CAPITÃ FERNANDA

O general era adido militar na Alemanha e tomou conhecimento de que havia verbas disponíveis para a constituição de ONGs com a finalidade de salvar a Amazônia. Mas salvar de que e de quem? Um dia ele me confessou que fez essa pergunta a si próprio e resolveu aprofundar-se no assunto. Acho que o resto o senhor já sabe.

A capitã emociona-se ao falar do general, mas logo se recupera.

CAPITÃ FERNANDA

Há consenso nos sistemas de defesa dos países que não integram as grandes potências de que nenhum outro país tem condições de suportar um ataque frontal de forças americanas ou europeias, e a Argentina, o Iraque e a Iugoslávia são exemplos.

MAURÍCIO

De fato. É difícil entender que os países mais ricos gastem centenas de bilhões de dólares para destruir outro país e aleguem que é tudo pela democracia e pela paz. Matam e esfaļam homens, mulheres, crianças, trazendo horríveis sofrimentos ao ser humano.

Maurício surpreende-se com a força do seu desencanto com o chamado mundo civilizado.

CAPITĀ FERNANDA

Também penso como o senhor, mas as Forças Armadas Brasileiras precisam enxergar isso aí de forma bem objetiva. O fato é: se os Estados Unidos estiverem pretendendo invadir a Amazônia, nós temos condições de enfrentá-los? Temos receio de que não teremos como enfrentá-los. Mas estamos procurando estudar meios de dissuasão, um tipo de resistência para desanimar pretensões. O povo iraquiano está ensinando alguma coisa. Da mesma maneira que a Resistência Francesa foi minando o exército alemão, os iraquianos criaram uma força de resistência num país de campo aberto e está causando muitos danos aos invasores.

MAURÍCIO

A Confraria pode então ser o núcleo importante dessa resistência. Até aí, a senhora não trouxe novidade. O que me incomoda é que o general não tenha alertado o governo. Não seria mais fácil?

A capitā fica em silêncio, como se estivesse em dúvidas sobre o que falar.

CAPITĀ FERNANDA

O senhor quer dizer que as Forças Armadas deveriam informar pessoas que até a pouco lutavam contra a ordem constitucional para entregar o Brasil aos comunistas? O senhor quer dizer que as Forças Armadas deveriam confiar em pessoas que lutaram contra as Forças Armadas?

MAURÍCIO

Mas isso é surpreendente. Não tinha ainda visto por esse lado. O presidente da República é o chefe supremo das Forças Armadas, conforme está na Constituição. Mas por outro lado, o governo hoje é composto por aquelas pessoas que ontem eram inimigas declaradas das Forças Armadas e não obedeciam nem à Constituição e nem às leis do País, e então um agora não confia no outro.

Maurício começou a suar.

MAURÍCIO

Parece que estamos sem saída. Nosso Exército reconhece que não tem condições de enfrentar o Exército do país inimigo e ainda por cima não confia no governo do seu próprio país.

Não resiste a um pouco de sarcasmo.

MAURÍCIO

Mas graças a Deus, temos a Ordem dos Templários da Amazônia.

CAPITÃ FERNANDA *(tom misto de ironia e tristeza)*

Infelizmente, o nosso rei Artur morreu.

Volta ao normal.

CAPITÃ FERNANDA *(preocupada)*

Temos também a impressão de que, se as Forças Armadas ou outro órgão oficial do governo aparecer ostensivamente, estaremos fazendo o jogo de quem está por trás disso. Há consenso de que esses grupos, sejam eles quais forem, querem que o Brasil provoque um debate internacional sobre a Amazônia.

MAURÍCIO

As Forças Armadas receiam então uma polêmica internacional sobre a Amazônia?

CAPITÃ FERNANDA

Não podemos fazer uma acusação internacional contra essas invasões disfarçadas e contra essa intromissão em nossos territórios. Primeiro, porque até agora nenhum país ou organização de países assumiu essa invasão. Depois, porque há razões para se acreditar que esses grupos estão querendo justamente isso, ou seja, que o Brasil provoque um debate internacional sobre a Amazônia. Não podemos fazer o jogo deles.

MAURÍCIO

Mas é a coisa mais estapafúrdia que já ouvi. Não podemos nem mesmo nos defender?

CAPITÃ FERNANDA

A estratégia deles foi muito bem planejada, porque, afinal, todas essas ocupações estão sendo feitas com o propósito de salvar a humanidade e, para salvar a humanidade, é preciso que se salve antes o planeta, que passou de repente a depender da Amazônia. O senhor ficou pensativo. Posso ler seus pensamentos?

MAURÍCIO

Pelo que sei, existem outras pessoas que foram escolhidas como eu para constituir uma espécie de Agência de Espionagem da Amazônia, se me permite a brincadeira. A senhora por acaso conhece essas pessoas? Chegou a visitá-las também?

Ela não responde de imediato.

MAURÍCIO

Então, a descoberta da Confraria foi importante para completar o sistema de "resistência" e essa espionagem do tipo que me incumbiram...

CAPITÃ FERNANDA

O senhor compreendeu. Foi uma pena o que aconteceu na Confraria.

MAURÍCIO

Mas então, posso concluir que as Forças Armadas estão já há algum tempo...

CAPITÃ FERNANDA

Não estamos dormindo, se é isso que o senhor quer dizer.

MAURÍCIO

Mas, por falar em dormir...

Iniciam retorno para a sede.

54 **EXT. MATO GROSSO RIO ROOSEVELT CHUVISCO POMAR – ENTARDECER**

O Pistoleiro 01 cuidadosamente, para não fazer movimento na vegetação, abre a caixa e pega o rifle que estava desmontado. Junta as peças e coloca a luneta de mira.

A distância não é grande, uns trezentos metros, não tem como errar. Coloca o silenciador. Carrega a arma e agacha atrás da pedra que estava no meio da moita. De joelhos, coloca o cotovelo esquerdo sobre o pequeno maciço de pedra, mira com segurança. O alvo estava parado atrás de um arbusto e com o pescoço levantado como se quisesse vê-lo. Fixa a linha reta imaginária traçada pela mira até o centro da testa, na junção do nariz com os dois olhos. Está totalmente concentrado para o momento do tiro, quando é tomado por uma súbita sensação de perigo. Vira-se imediatamente e leva a primeira pancada na cabeça. Outra pancada com uma espécie de cano de ferro tira o rifle de suas mãos e ele se vê repentinamente indefeso diante de uma figura misteriosa, vestida como cavaleiro da Idade Média, com uma grande cruz vermelha no peito e um sabre no mão.

PISTOLEIRO 01 CHUVISCO

Quem é você?

Pergunta assustado. Mal pergunta e o sabre já o está atravessando na altura do estômago, logo abaixo dos coletes à prova de bala, como se o adversário soubesse que estava de coletes protetores. Olha ainda aquela figura que se parecia com o anjo da morte, sente a dor aguda na barriga e quer gritar, quando o outro retira o sabre, mas a boca se enche de sangue. Tenta apoiar-se na pedra para se levantar, quando a ponta do sabre entra em seu pescoço e não sente mais nada. Tudo muito rápido. O monge fica imóvel por alguns minutos, protegido pelo matagal onde o morto estava antes. Imponente, alto, forte, olha para a sede da Buritizal e depois para o outro lado do rio onde está o vigia e esconde-se quietamente até escurecer.

55 **EXT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL PISTA DE POUSO - MANHÃ**

Seis horas da manhã. Maurício aparece para correr na pista. O administrador com um cão o estava esperando. A capitã vem chegando para junto deles.

JORGE

Doutor, ontem à noite, o vigia que eu pus em frente do Chuvisco me avisou pelo rádio portátil que teve a impressão de ver alguma coisa estranha perto da casa. Ele não sabe o que foi, mas não havia vento e num certo momento os arbustos no pomar se mexeram como se alguém estivesse lá.

MAURÍCIO

Ele viu alguma coisa?

JORGE

Não, não viu. Pode ter sido algum animal. Achei melhor não sair daqui sem falar com o senhor, mas pretendo ir lá confirmar o que houve. Ele me informou ontem mesmo pelo rádio, mas, como não houve mais nada suspeito e ele mantinha contato permanente, achei melhor aguardar o amanhecer.

MAURÍCIO

Capitã, vou com o Jorge ver o que houve. A senhora pode ficar na sede.

CAPITÃ FERNANDA

Desculpe, doutor, mas vou com o senhor. Se há alguma coisa diferente, preciso saber o que é. O tenente Alexandre pode ficar aqui.

O vigia Gordo e Zeca chegam junto.

JORGE

Já está tudo pronto, doutor. Foi o Gordo que ficou em frente o Chuvisco. O Zeca ficou do lado de baixo da sede e vai ficar aqui tomando conta dos aviões.

MAURÍCIO

Então vamos.

56 EXT. MATO GROSSO RIO ROOSEVELT FAZ.BURITIZAL CHUVISCO – MANHÃ

Entram na voadeira, Maurício, a capitã, o administrador, o vigia Gordo e o barqueiro e um cão. A voadeira se distancia do píer em frente a sede, e segue para o Chuvisco. As águas estão baixas e o rio se estreita em uma garganta que é o único lugar seguro para passar. O barqueiro quando chega perto da corredeira, acelera o motor, e a voadeira sobe, balançando de um lado para o outro até alcançar o largo do rio. Há muitas pedras e outras corredeiras menores se formam. Usam coletes salva-vidas, e a capitã segura as bordas do barco. O barqueiro vai desviando das pedras e das corredeiras mais perigosas, aumenta a velocidade.

57 EXT. MATO GROSSO RIO ROOSEVELT POSSE DO CHUVISCO – MANHÃ

Logo alcançam o remanso da curva e aparece a casa do Chuvisco. O barco aproxima-se do banco de areia que era usado como ancoradouro. O vigia Gordo pula e arrasta a voadeira até poder amarrá-la num pau fncado na areia para esse fim.

Todos olham com atenção em volta, mas parece não haver nada estranho. O cão pula do barco, alegre, pensando que vai para uma caçada. Via farejando e pulando na areia procurando rastros e cheiros.

Jorge pergunta ao vigia Gordo em que lugar ele pensava ter visto o movimento e o vigia Gordo indica o pomar. O cachorro vai na frente e começa a latir, atraído pelo cheiro estranho.

58 EXT. MATO GROSSO RIO ROOSEVELT CHUVISCO POMAR – MANHÃ

Seguem o latido do cachorro e encontram o corpo estendido no chão e já cheio de formiga. O cheiro indica que ele seta morto desde a noite anterior.

A capitã pega o lenço e tapa o nariz enquanto diz.

CAPITÃ FERNANDA

Foi assassinado. Golpe de instrumento pontudo no peito e na garganta.

Olha para o vigia Gordo.

CAPITÃ FERNANDA

Onde estava o senhor quando viu o movimento?

O vigia indica o lugar, logo depois do rio, perto de um atravessador de gado que a Fazenda utiliza. Ela olha o lugar e comenta como se falasse para si mesma.

CAPITÃ FERNANDA

Ele ia matar o vigia. Pelos vestígios do local onde ele se encontra caído, dá para perceber que tinha escolhido essa pedra para apoiar o rifle. Seria um tiro silencioso e fatal, com mira, para não precisar dar dois tiros.

O administrador Jorge já esta revirando as armas e a mochila do morto.

JORGE

Barbaridade, o que é isso?

Isso é um rifle? Parece um canhão manual. E esse outro negócio aqui?

Maurício aproxima-se e pega o fuzil. É uma arma pesada. Vira-se para a capitã e pergunta.

MAURÍCIO

Você conhece esta arma.

CAPITÃ FERNANDA

Esse é o famoso fuzil americano calibre cinquenta. É a mais poderosa arma de uso portátil. Pode derrubar um avião a jato a mil e quinhentos metros de distância. Essa arma ficou famosa depois de um programa da rede de televisão mostrando que era fácil exportá-la para terroristas de todo o mundo.

Fala com voz trêmula.

CAPITÃ FERNANDA

Mas essa outra arma... Meu Deus é um morteiro portátil, calibre sessenta milímetros, de origem francesa, pesa nove quilos e pode alcançar pouco mais de mil metros...

Começa a gaguejar e não consegue mais falar. Está pálida, transtornada. Tenta dizer alguma coisa, mas a voz não sai, está abalada, trêmula e não consegue mesmo articular as palavras. Ele grita para ela, pega o seu braço e a chacoalha chamando-a:

MAURÍCIO

Capitã, capitã!

Ela desperta do seu estupor e olha para ele com olhar apoplético.

MAURÍCIO *(tom ríspido)*

Capitã, melhor a senhora acordar. Alguém veio aqui para fazer um estrago e é muita coincidência a senhora ter chegado junto. Não quero acusá-la de nada, mas houve um assassinato aqui e acho que a senhora pode ajudar a esclarecer. Havia dois sujeitos. O que eles queriam aqui? Qual era o plano deles? Roubar avião? Seriam traficantes de droga? Por que então deixaram esse fuzil?

Ela balança a cabeça de um lado para o outro também como se não compreendesse, se mostra bastante assustada.

MAURÍCIO

A senhora não esclareceu o que veio fazer aqui. Aquelas histórias de ontem não me convenceram. A senhora não veio aqui me visitar ou falar coisas desnecessárias, mas precisava de uma pista segura para pousar, não é? Para quê? Quem a senhora está procurando? Aqui não tem mais ninguém num raio de 200 quilômetros que possa interessar ao seu Exército. Madeiros, beiradeiros, seringueiros...

Uma ideia estapafúrdia toma conta do seu cérebro.

MAURÍCIO

Os seringueiros!... A Associação dos Seringueiros de Água Branca. A senhora veio buscar a irmã Tereza. Sim, a irmã Tereza era um dos agentes do general.

Olha para o morro e para as armas.

MAURÍCIO

É isso. Agora eu entendo aquela história de "descredenciamento" que o general falou. O antigo agente de vocês era a irmã Tereza. Ela era a única pessoa na região que podia ajudá-los discretamente porque tinha como obter informações através dos seringueiros que andam por centenas de quilômetros por esses rios e florestas. Mas ela deve ter cometido alguma indiscrição e podia correr perigo se continuasse na área. Diga logo se é isso ou não, pois diante do que aconteceu aqui, se ela ainda estiver viva, pode estar correndo perigo.

A capitã gagueja.

CAPITÃ FERNANDA

Sim.

Maurício vira-se rapidamente para Jorge o administrador.

MAURÍCIO

Jorge! Vamos embora, precisamos correr.

59 **EXT. MATO GROSSO RIO ROOSEVELT POSSE DO CHUVISCO - MORNING**
A voadeira desce o rio com velocidade.

60 **EXT. MATO GROSSO RIO ROOSEVELT FAZ.BURITIZAL CHUVISCO - MANHÃ**
A caminhonete sobe na balsa. Ajeitam o rebocador, atravessam o rio. Passa-se uma hora. Maurício está aflito. Jorge o administrador está no volante. Está com sua pistola 765 e com a Taurus 38.

61 **INT. CABINE CAMINHONETE - MANHÃ**
Jorge desenvolve a velocidade que a estrada permite. Todos estão tensos e evitam falar. Maurício tenta por ordem nas ideias. A estrada está boa e a caminhoneta corre bem.

MAURÍCIO

Já faz seis anos que a irmã Tereza chegara ali e foi conquistando o carinho de toda aquela gente. É pessoa culta e eu gosto de parar na associação, quando vou para Colniza. Falamos de literatura e história das religiões.

Quando fiz o Caminho de Santiago, trouxe-lhe um terço com o crucifixo de Santiago. Era a espada de São Tiago, uma cruz semelhante à dos templários. Confraria, Santiago de Compostela.

Jorge entra numa curva à direita.

62 **EXT. MATO GROSSO PONTE NA ESTRADA PARA ÁGUA BRANCA - DIA**
No leito antigo da estrada há uma pequena ponte de madeira quase ao nível da água e a estrada fica intransitável na época das chuvas. Há um desvio para construir outra ponte, onde os barrancos do riacho são mais altos.
A altura da ponte até o leito do riacho tem agora mais de três metros. O instinto de sobrevivência o alerta.

MAURÍCIO

Pare, Jorge, pare, pare!

Jorge faz uma freada perigosa, quase em cima da ponte, e assustado, pergunta.

JORGE

O senhor viu alguma coisa?

MAURÍCIO

Não há tempo para explicar.

Dê marcha à ré. Vamos cruzar o vau do rio, que está seco. Vamos, não perca tempo e nem pergunte mais nada. Falamos depois sobre isso.

A capitã olha para ele também com cara de espanto.

MAURÍCIO

Essa ponte é muito alta, capitã. Na volta a gente confirma os meus receios.

63 EXT. MATO GROSSO ÁGUA BRANCA CASA IRMÃ TEREZA - DIA

Logo depois chegam a Água Branca e vão direto para a casa da irmã Tereza. A senhora que toma conta da casa diz.

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Ela não está. Saiu com dois padres que vieram buscá-la para ajudar um doente que eles tinham confessado.

MAURÍCIO *(incrédulo)*

Dois padres?

MAURÍCIO

Usavam batina, algum uniforme?

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Sim. Aqui padre não usa aquelas roupas porque é muito quente. Não sei como eles não morreram de calor.

MAURÍCIO

Usavam alguma coisa na cabeça, tipo chapéu feito com a mesma roupa da batina?

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Pois estou falando para o senhor. Estavam muito encapotados.

Maurício fica mais calmo. A capitã está séria, parece não entender o que está acontecendo, mas não quer perguntar nada.

MAURÍCIO

Veio mais gente atrás dela?

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Sim, veio a polícia, com quatro soldados. Eu disse a eles que ela tinha saído com dois padres e eles ficaram muito nervosos. Queriam ver a casa da irmã e eu não tive coragem de falar não. Eles estavam muito bravos e armados.

MAURÍCIO

Vamos entrar na casa. A senhora pode abrir para nós?

64 INT. MATO GROSSO ÁGUA BRANCA CASA IRMÃ TEREZA - DIA

A casa é de madeira, simples, uma biblioteca com livros de diversos assuntos, em sua maioria de medicina e saúde. Alguns instrumentos cirúrgicos. Os móveis estão todos revirados, as gavetas jogadas pelo chão, o colchão rasgado como se quisessem procurar alguma coisa escondida.

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Que horror!

Diz e se benze a todo momento.

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Nunca imaginei que a polícia fosse fazer isso. O que será que eles têm contra a coitada da irmã Tereza? Ela é uma santa. O senhor nem imagina a falta que ela fez quando ficou aqueles dias fora para se tratar.

MAURÍCIO (surpreso)

Ela ficou algum tempo fora, para tratamento de saúde?

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Sim. Voltou pálida, ficou uns tempos sem poder tomar sol e até véu ela usava. É uma pena que o senhor não vem muito aqui.

MAURÍCIO

Faz tempo isso? Quero dizer, quando foi que ela ficou doente e ficou fora?

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Faz três meses mais ou menos. Não faz muito tempo não. Ela ficou um mês fora. Foi uma tristeza para todos nós.

MAURÍCIO

Não sabia disso. Passei por aqui uns quarenta dias e ela tinha saído. Parece que a senhora tinha ido com ela, não sei para onde.

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Pois é. O senhor avisou pelo rádio que estava vindo, mas aí ela teve de levar remédio para o seu Godoy, que mora uns dez quilômetros descendo o rio. Ela não quis ir sozinha e me levou. Mas nem precisava ter ido porque, graças a Deus, o seu Godoy não tinha nada.

Maurício olha em volta. A casa tem sala, dois quartos e uma cozinha que serve de copa. Os dois quartos têm banheiros privativos. Há outro quarto, mais amplo e com a cama apropriada onde fica a enfermaria.

Tudo está revirado, mas todos os pertences da irmã estão ali. Até mesmo sua maleta com instrumentos cirúrgicos, remédios, avental, luvas e coisas que ela precisava para fazer partos ou curativos estão lá. Tudo esparramado, mas lá.

MAURÍCIO

Estranho. Se ela foi atender doente, porque não levou os equipamentos?

Em cima da mesa está o rádio que ela usa para se comunicar. Um rádio Kenwood de frequência variável.

MAURÍCIO

A irmã fazia e recebia muitos chamados?

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Olha, às vezes recebia sim. Hoje mesmo estava no rádio e quando entrei ela desligou depressa e me olhou de um jeito esquisito, meio com raiva, como nunca tinha feito antes. Depois disse que era o padrego, mas tive a impressão de que ouvi o rádio dizer Pacheco. Eu não perguntei nada, porque não gosto de saber da vida dos outros.

MAURÍCIO

O terço que eu trouxe de Compostela com a cruz de Santiago está pendurado na estante.

Maurício acha estranho. E relembra.

65 INT. MATO GROSSO ÁGUA BRANCA CASA IRMÃ TEREZA FLASH BACK 04- DIA

Maurício e Irmã Tereza. Ela recebe o terço fica emocionada e diz.

IRMÃ TEREZA (em flash back)

Sou devota de São Tiago, o apóstolo dos trovões, e nunca me separarei deste terço, tem um valor inestimável, pois foi trazido por você um autêntico peregrino que fez o Caminho no ano do Jubileu e visitou o túmulo do santo.

66 **INT. MATO GROSSO ÁGUA BRANCA CASA IRMÃ TEREZA - DIA**

Maurício volta da lembrança.

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Achei também que depois da doença ela ficou de memória fraca. Nem se lembrava mais do terço. Eu tive de lembrá-la de que era presente do senhor.

Maurício pega o terço e o guarda no bolso.

MAURÍCIO

Ela deve ter recebido alguma informação pelo rádio e saiu precipitadamente, sem condições de pegar o terço.

Maurício nota ainda que há lá livros novos sobre a Amazônia. Há dois ou três volumes sobre as fortalezas construídas pelos portugueses para proteger as terras que tinham tomado da Espanha durante o período da unificação da coroa na Península Ibérica.

MAURÍCIO

Não sabia desse interesse da irmã pela história dessas fortalezas. pelo menos, antes só falava de Goethe, Júlio Verne e autores europeus. E depois de invadirem a casa, para onde foram os policiais?

CASEIRA IRMÃ TEREZA

Ah! Não sei. Saíram fazendo poeira na estrada, quase atropelando quem estava na estrada. Já vi polícia ruim, mas igual àqueles é difícil.

A capitã está atenta e observa todos os objetos da casa com olhar investigativo, mas não diz nada. Depois de certo tempo.

MAURÍCIO

Acho que podemos ir. Pelo que presumo, a irmã está bem, mas acho que talvez ela não volte mais por aqui.

67 **INT. CABINE CAMINHONETE - DIA**

Maurício, capitã em silêncio. O administrador também em silêncio continua dirigindo, sem fazer perguntas. Já passam do meio-dia e o sol está alto e quente. As pequenas folhas verdes da braquiária nascendo naqueles pastos secos.

68 **EXT. MATO GROSSO PONTE NA ESTRADA PARA ÁGUA BRANCA - DIA**

Param um pouco antes da ponte que Maurício não quis atravessar e descem. Cauteloso, Maurício olha com cuidado a mata, o movimento das aves e rastros no chão, aproxima-se e a examina com cuidado. Desce o barranco e de lá debaixo fez sinal para a capitã e indica os cortes em forma de V, nas colunas de madeira que sustentam a estrutura de madeira que liga as duas margens. Os cortes estão feitos pouco abaixo do nível da água, para que não serem notados.

CAPITÃ FERNANDA

Como o senhor adivinhou isto?

MAURÍCIO

O instinto de perigo. A bem da verdade, já não confio muito nessas pontes de madeira que fazem por aqui.

CAPITÃ FERNANDA

Mas o senhor agiu como se tivesse certeza de que podiam ter preparado essa armadilha para nós. Mas como iam saber que nós iríamos passar por aqui hoje?

MAURÍCIO

Quase não consegui dormir a noite passada. O atentado contra o general, aqueles malucos da Confraria, a sua chegada aqui, as coisas não batiam. Como os acontecimentos de hoje, então, fiquei vendo hipóteses e fantasmas em quase tudo. Esta é a única estrada para sair da Buritizal.

CAPITÃ FERNANDA

O senhor acha então que eles criaram esta armadilha...

MAURÍCIO

Quando vínhamos para cá, estive pensando no que faria para dificultar nossa fuga, se estivesse no lugar deles. Fui pensando nos pontos de risco e, por sorte, no último minuto tive a percepção do perigo que podia ser esta ponte.

A capitã examina a ponte pensativamente, olha para ele, quer falar alguma coisa, mas fica calada.

Voltam para a caminhoneta e ele abre a porta para ela.

69 **INT. CABINE CAMINHONETE - DIA**

Segue a viagem.

70 **EXT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL MARGEM DO RIO - DIA**

Chegam a margem do rio. O rebocador está lá esperando por eles.

71 **INT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL SALA DE JANTAR SEDE - TARDE**

Passa das duas da tarde e o almoço está pronto. A empregada traz uma latinha de cerveja e um copo gelado. Com estudados gestos, abre a latinha e derrama a cerveja.

MAURÍCIO

Sabe capitã, o primeiro gole é o melhor. Quanto mais longo mais saborosa.

Ela sorri. O dia está quente.

CAPITÃ FERNANDA

O assassinato na outra margem, logo no dia em que cheguei, a história da ponte cortada para que nós caíssemos, o desaparecimento da irmã Tereza. Onde será que isso vai parar?

72 **EXT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL VARANDA SEDE - TARDE**

Já após o almoço. Maurício vai esticar-se na rede. Balançando a rede mansamente, fica observando o horizonte separado entre o verde e o azul e deixa o pensamento andar à solta.

73 **EXT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL SEDE - TARDE**

A capitã via sentar-se, à sombra, do lado de fora da casa, para apreciar a brisa e a paisagem, e permanece um tempo.

Maurício aparece saindo da casa e encontra a capitã.

MAURÍCIO

Bonita paisagem, não é, capitã?

CAPITÃ FERNANDA

Sim, muito bonito, tudo isso. É uma natureza rica, forte e ao mesmo tempo frágil. É assim em todo o Brasil. Somos ricos, fortes e frágeis.

MAURÍCIO

A senhora virou filósofa. Mas é preciso pensar na frente. Veja essas águas. Elas só vão para a frente. Nunca voltam, nem olham para trás.

Ela sorri e devolve.

CAPITÃ FERNANDA

Agora é o senhor que está filosofando.

MAURÍCIO

Vamos dar uma volta na pista.

Dirigem-se para a pista.

74 **EXT. MATO GROSSO FAZENDA BURITIZAL PISTA DE POUSO - TARDE**

Maurício e Capitã conversam.

MAURÍCIO

A situação está exigindo um exercício de lógica. Temos alguns fatos que, ao que parece, estão todos ligados pelos mesmos motivos. O atentado contra o general, a minha rejeição na Confraria, essa morte no Chuvisco e o caso da irmã Tereza, que foi levada por dois padres antes da chegada de alguns policiais, que também estavam a sua procura.

CAPITÃ FERNANDA

Será que foi a Confraria que matou o homem ali no Chuvisco e também levou a irmã Tereza? O senhor não acha que os policiais eram falsos?

MAURÍCIO

A senhora chegou às mesmas conclusões que eu.

CAPITÃ FERNANDA

Nesse caso, então, o assassino do Chuvisco sabia que eu vinha até aqui. Mas como ele poderia saber, se eu não contei a ninguém que vinha para cá?

MAURÍCIO

Não. Não acredito que ele soubesse que a senhora estava aqui. Acho que foi coincidência. O mais lógico é que eles queriam se livrar de mim. Mas que perigo posso representar para eles? Mal entrei nesse assunto.

CAPITÃ FERNANDA

Mas e a Confraria? Como será que sabiam desse assassino e da irmã Tereza? Será que, desde o momento em que o senhor foi contatado para entrar para essa organização, eles começaram a protegê-lo aqui na região? Quanto ao senhor, até que isso faz alguma lógica? Mas e a irmã? Como sabiam dela?

MAURÍCIO

O problema, senhora capitã, é que essa organização de assassinos sabia que eu havia sido, vamos dizer assim, agenciado pelo general e também sabia a respeito da irmã Tereza, e tentaram liquidar-nos. Nesse caso, mais gente está em perigo.

CAPITÃ FERNANDA (*apreensiva*)

Nossos contatos correm perigo.

MAURÍCIO

O problema é mais sério. Acredito que essa organização só poderia saber a meu respeito se tiver espiões entre vocês. E, em reciprocidade, essa Confraria só poderia saber a respeito desse assassino, se também tiver algum espião entre eles. Houve muita precisão na morte do sujeito lá no Chuvisco. Ou foi muita coincidência, ou ele estava sendo seguido.

Pensa um pouco.

MAURÍCIO

Vou aumentar a segurança esta noite, mas amanhã a senhora deve voltar para Brasília. Eu tenho algumas coisas para resolver aqui e depois vou para lá também. Os fatos estão se precipitando.

75 **EXT. MATO GROSSO CUIABÁ EM FRENTE A CATEDRAL - DIA**

Bem em frente a catedral, nos primeiros degraus da calçada onde começa a escadaria que dá acesso à nave da igreja, um homem de calça jeans e camisa bege de manga comprida faz sinal a um táxi que passa. O motorista pára e o passageiro entra no carro.

76 **INT. CABINE TÁXI CUIABÁ - DIA****MOTORISTA TÁXI CUIABÁ**

Bom dia. O senhor vai para node?

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Bom dia. Por favor, me leve até a Secretaria da Cultura, preciso fazer uma pesquisa sobre Lourenço Marques.

MOTORISTA TÁXI CUIABÁ

Entendido. O senhor marcou alguma entrevista?

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Sim. Com o doutor Oswaldo Cruz, às onze horas.

Satisfeito, o motorista rodeia a igreja e toma a direção de Santo Antonio de Leverger, porto fluvial e aéreo a trinta quilômetros de Cuiabá.

77 EXT. MATO GROSSO STO ANTONIO DE LEVERGER PORTO - ENTARDECER

Seis homens, com idade entre 30 e 50 anos, já estão no barco de aluguel, para turistas, que iam pescar perto do rio São Lourenço. O barco está preparado com caniços e todos os apetrechos para pesca. O táxi pára perto do barco e o passageiro desce.

78 EXT. MATO GROSSO STO ANTONIO DE L. PONTO TÁXI - ENTARDECER

O Motorista Táxi Cuiabá estaciona num ponto de táxis e entrega as chaves para outro motorista que o estava aguardando.

79 EXT. MATO GROSSO STO ANTONIO DE LEVERGER PORTO - ENTARDECER

O Motorista Táxi Cuiabá entra noutra lancha, onde mais dois homens olham ao redor como se estivessem esperando por algum perigo. Com o Motorista Táxi Cuiabá, passam a ser três os que assumem postura de vigilância. Em seguida o barco sai e a lancha começa discretamente a acompanhá-lo. O sol foi se pondo como uma bola de fogo.

80 INT. CABINE BARCO STO.ANT.LEVERGER - ENTARDECER

Os passageiros estão sentados em torno da mesa que fica no centro do barco. Se trata de um grupo heterogêneo há alguns de cor mais clara e outros mais escuros, uns de origem europeia e outros que parecem ter nascido na Bolívia, ou Peru ou mesmo em Mato Grosso. Sentados à volta daquela mesa, conversam distraídos e com o maço de baralho no centro, dão a impressão de serem um grupo de pescadores em férias, enquanto o barco desce lentamente as águas do rio Cuiabá.

O passageiro chegou por último, Homem Cuiabá Chefe, aparenta 50 anos, tem a cor mais clara, rosto arredondado, com as bochechas meio largas. Levanta-se para pegar no isopor uma latinha de refrigerante e volta a sentar-se. Conversavam animadamente. O Homem Cuiabá Chefe, pega o maço de cartas, embaralha-as com maestria e as distribui.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Nossos planos não tiveram o êxito esperado. Eliminamos o cabeça, mas deixamos escapar uma pessoa perigosa, inteligente e que hoje coordena os planos do inimigo. Tudo havia sido meticulosamente planejado. Houve exercícios práticos com estudos de velocidade, rapidez, impacto no caminhão e a fuga do motorista. Infelizmente, não contávamos com a intuição de perigo e a rapidez dos seus reflexos. Ela precisa ser eliminada com urgência enquanto estão ainda abalados com a falta do seu chefe.

Espera algum comentário, mas o grupo continua em silêncio.

HOMEM CUIABÁ CHEFE *(tom grave)*

Há outro problema. E isso pode ter sido falha de nossos serviços de informações. Quando começamos a intensificar nossas ações sobre a Amazônia, a área militar passou a desconfiar. Formaram um grupo de pessoas experientes, que começou a receber e a transmitir informações sigilosas a respeito da Amazônia. Alguns dos nossos companheiros passaram a ser observados, assim como alguma de nossas iniciativas mereceram atenção que não esperávamos.

Pega uma carta, ajeita os óculos e continua.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Quem organizou esse grupo para nos espionar foi o general-chefe da Abin. Apesar dos riscos, tivemos de eliminá-lo, porque ele vinha agenciando pessoas para substituir outras das quais já estavam desconfiando. Um desses novos recrutados é um funcionário da Receita Federal, um certo Maurício. É preparado, inteligente e esportista. Tem uma fazenda na margem esquerda do rio Roosevelt, perto do córrego Panelas.

Deixa o silêncio tomar conta do ambiente e fica olhando para as cartas que tem na mão.

HOMEM BARCO CUIABÁ 01

Então esse general da Abin já tinha uma rede de espiões na Amazônia para tentar nos descobrir?

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Sabíamos que os órgãos de informação das Forças Armadas tinham preocupações a respeito, mas parece que esse general não passava adiante as informações que tinha. Parece que ele não confiava nem mesmo em seus superiores.

HOMEM BARCO CUIABÁ 01

Esse sujeito da Receita é uma ameaça?

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Ele conhece bem a Amazônia. Não temos certeza ainda sobre o nível de informações que o general lhe passou. No entanto, não temos dúvidas de que tudo o que o general sabia ele passou para a tal capitã. Os dois precisam ser eliminados.

Dá um descanso, pega outra carta do baralho, toma água e continua falando como se estivesse prestando atenção no jogo.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Ali perto da fazenda desse Maurício, havia uma agente do general. Uma freira que estava há anos na região. Como ela passou a ser um desses informantes do general, não sabemos. Mas ela fundou uma associação de seringueiros e passou a ser chamada para vários locais para atender doentes e com isso subia e descia aqueles rios, vendo e ouvindo.

Outro dos participantes toma um pouco de Coca-Cola, pega uma carta.

HOMEM BARCO CUIABÁ 02

Muito artiloso esse general. mas você disse que havia uma freira. Não existe mais?

Há um pequeno momento de tensão no ambiente.

HOMEM CUIABÁ CHEFE *(tom de prudência)*

Nós já sabíamos que o general estava formando essa rede de espionagem. Quando desconfiávamos de alguém, acontecia um acidente de carro ou mordida de cobra, porque não podemos correr riscos. No caso dessa irmã, achamos que podíamos tirar proveito da situação. Há questão de alguns meses a irmã Tereza foi substituída por pessoa de nossa confiança. Uma antiga agente da KGB. Depois da queda do comunismo, o mercado de agentes ficou inflacionado e formamos equipes especializadas. Estamos proclamando a independência de um país e isso não acontece sem ações mais cirúrgicas. Num dia em que a freira foi atender um doente, ela foi substituída. Sua maneira de falar, seus hábitos, um curso de enfermagem e uma operação plástica cuidaram para que ninguém desconfiasse.

O chefe olha para o grupo, toma um pouco do guaraná.

HOMEM CUIABÁ CHEFE *(tom de frieza)*

Nossa agente passou a ter alguma cobertura. Por exemplo, sempre que alguém, com um senso crítico melhor, fosse passar por lá, como por exemplo esse Maurício, ela era informada e então saía para atender algum doente e evitava encontrar-se com pessoas que podiam estranhá-la.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

A irmã Tereza tem resistido, mas já deu algumas informações úteis. É cedo ainda para eliminá-la. Recentemente soubemos que o general ia substituí-la. Não sabemos o que levou a promover essa substituição, mas o fato é que a nossa agente precisava sair de lá. Ela já fizera um bom trabalho e estava designada para outra missão.

O barco já está bem afastado de Santo Antonio do Leverger e não há risco de alguém desconfiar do grupo, que não precisa mais fingir que estava jogando. Alguns ainda têm cartas nas mãos, mas olham o chefe com atenção.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Mandamos quatro dos nossos melhores profissionais com uniforme da Polícia Militar para buscá-la, mas, quando lá chegaram, souberam que dois padres a tinham levado.

HOMEM BARCO CUIABÁ 03

Dois padres? Naquele mato?

HOMEM CUIABÁ CHEFE

De fato, coisas estranhas aconteceram. O agente que devia ter eliminado esse Maurício deve ter também falhado na missão, porque ele e a capitã estiveram na casa da freira depois dos nossos agentes. Temos acompanhado todos os passos dessa capitã e tínhamos notícia de que ela ia fazer um voo num avião da FAB com prefixos de avião particular, mas não imaginávamos que fosse procurar esse doutor Maurício.

Todos estão atentos ao relato.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Receio que nossa estratégia tenha de sofrer alguma alteração. O apoio que recebemos de organizações do exterior foi tão grande que penso hoje que subestimamos o adversário. Será mesmo que o general era o "cabeça"? Por outro lado, a reação do governo foi muito estudada.

Olha para as pastagens ainda secas que se estendem além da margem do rio Cuiabá.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Já passei para o Comando-Geral que a reação do governo me preocupou. A morte do general-chefe da Abin não mereceu destaque maior do que de um acidente de carro. Nossa ideia era que o governo reagisse com a acusação de que grupos estrangeiros interessados na Amazônia tinham matado o general, porque ele estava montando a estratégia de defesa da área. Isso não aconteceu, mas por que será que isso não aconteceu? Precisamos de resposta.

Não há motivo para pressa e fala com intervalos de tempo para que o grupo pensasse.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Os senhores poderão pensar que estamos entrando no campo da fantasia. Mas vejam isso.

Mostra um pequeno desenho, pouco maior que uma carta de baralho, onde se vê um cavaleiro montado num cavalo branco, empunhando a espada e vestido com capa branca na qual se via a cruz dos Cavaleiros da Ordem do Templo, os temidos templários da Idade Média. A cruz está representada no desenho em vermelho, com quatro braços de igual tamanho saindo do centro e aumentando para cada lado em curva. Embaixo do cavaleiro estava escrito OTAM.

Ele espera que o folheto passe de mão em mão e o último o entregar de volta.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

O Comando-Geral nos enviou este cartão com instruções para confirmar a existência de um grupo com essas características. Este desenho foi encontrado no gabinete do general, logo depois do atentado. Pode até ter sido feito por ele mesmo e que estivesse articulando a criação de grupos de resistência à proclamação da independência.

HOMEM BARCO CUIABÁ 04

Seria possível admitir que criaram uma sociedade secreta e deram-lhe a sigla de OTAM para demonstrar seu desagrado ao fato de a Otan, a Organização do Atlântico Norte, formada pela Europa e pelos Estados Unidos, incluir em seus estatutos a hipótese de invasão da Amazônia?

HOMEM CUIABÁ CHEFE

OTAM pode significar Ordem dos Templários da Amazônia. É mais um obstáculo que temos de identificar e eliminar. Se for o que pensamos, pode ser um grupo perigoso com autonomia para agir e isso explica alguns reveses que já sofremos.

HOMEM BARCO CUIABÁ 05

Voltando ao assunto da freira, pelo que entendi, nós sequestramos a verdadeira freira e a substituímos por uma agente nossa. No entanto, essa nossa agente foi levada, por engano, por dois padres que aparentemente pertencem a essa confraria. É isso?

HOMEM CUIABÁ CHEFE

O senhor entendeu bem. A situação ficou complicada. Quando substituímos a irmã Tereza, esse doutor Maurício ainda não tinha sido recrutado. Tivemos a confirmação disso há poucos dias e deduzimos que o general ia retirá-la. Procuramos agir com rapidez, mas não chegamos a tempo.

HOMEM BARCO CUIABÁ 05

Pode-se concluir então que houve dupla falha na ação. A nossa agente está em mãos da Abin e o novo agente da Abin está vivo e agora mais alerta.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Diria que eles não sabem que a verdadeira irmã Tereza está em nosso poder. Por outro lado, a nossa agente está muito bem. Sabemos da sua localização e será fácil resgatá-la. Talvez ela mesma encontre um jeito de se livrar, porque é habilidosa. Quanto a esse Maurício, já traçamos um plano e acredito que, em breve, ele e outros obstáculos serão eliminados.

81 EXT. MATO GROSSO RIO CUIABÁ COM RIO SÃO LOURENÇO – ENTARDECER

O grupo fica em silêncio, enquanto o barco vai descendo o rio Cuiabá até alcançar o rio São Lourenço, no qual entra.

82 **EXT. MATO GROSSO RIO SÃO LOURENÇO - ENTARDECER**

O barco chega a um pesqueiro.

83 **EXT. MATO GROSSO RIO SÃO LOURENÇO MARGEM CASA PESQUEIRO - ANOITECER**

A casa de madeira, é alta, de dois andares, sobre o barranco, oferece uma bonita paisagem para quem sobe ou desce o rio. A lancha vem mais atrás e espera que os tripulantes e passageiros desçam e subam para a casa. Atraca meio afastada e dois tripulantes descem bem armados e se postam em lugares estratégicos. O terceiro ficou dentro dela.

84 **EXT. MATO GROSSO RIO SÃO LOURENÇO MATA CASA PESQUEIRO - NOITE**

É noite fechada. Os dois vultos se arrastam com cuidado, na mata que rodeia o pesqueiro. Usam óculos para enxergar à noite e movem-se silenciosamente, sem pressa, tateando o terreno e movendo-se lentamente, param de vez em quando para estudar o lugar e localizar o alvo. É época de seca e há muitos gravetos quebradiços.

A cem metros da lancha, um dos tripulantes olha ao redor com muita atenção. mantém a arma na cintura e se comunica com seu colega por meio de "walk-talk". Evita a claridade das lâmpadas externas, prefere ficar no escuro, onde é menos notado e ainda mantém a vista acostumada com a escuridão. A lua minguante não consegue se livrar das nuvens e as poucas estrelas estão sem brilho para clarear.

Os dois vultos param. Avistam o segundo vigilante, no outro lado da casa, embaixo de uma árvore, também afastado da claridade. Um deles recua com lentidão alguns metros, faz um pequeno desvio e vai se arrastando em sua direção. Têm de ficar afastados da casa, por causa de possíveis animais de guarda e porque o reflexo da luz em suas lentes de visão noturna poderia denunciá-los.

85 **INT. MATO GROSSO CASA PESQUEIRO - NOITE**

Dentro da casa, há uma mesa posta para o jantar. Já estão com roupas mais leves e logo jantam. O caseiro e a mulher acabam de arrumar, lavando os pratos e deixando a cozinha limpa. A casa estava toda em ordem.

CASEIRO PESQUEIRO

Senhor, vou preparar as varas de pescar para saírem à noite.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Não há necessidade. Hoje todos nós estamos cansados. Vamos jogar um pouco de baralho e logo vamos dormir. Vocês podem ir dormir também porque sairemos amanhã cedo.

CASEIRO PESQUEIRO

Os senhores não precisam de mais nada? Se precisarem de nós, é só chamar. Moramos logo depois do pomar.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Está tudo bem. Se precisar, a gente chama. Boa noite e obrigado.

CASEIRO PESQUEIRO

Boa noite, doutor.

O chefe espera que ele saia e observa quando ele atravessa o pomar em direção à sua casa.

86 EXT. MATO GROSSO RIO SÃO LOURENÇO MATA CASA PESQUEIRO - NOITE

O vulto que se afastava vê o caseiro atravessar o pomar e dirigir-se para a sua casa. O caseiro chama os cachorros, que o seguem latindo alegres. Os cães estão distraídos e fazem barulho. O vulto entra no meio do pomar, aproveitando a escuridão. As árvores frutíferas lhe dão proteção e ele nota que o vigia ficou desatento a esse setor, enganado pelo barulho que o caseiro e os cães estão fazendo.

87 INT. MATO GROSSO CASA PESQUEIRO - NOITE

O chefe dirige-se aos outros.

HOMEM CUIABÁ CHEFE (tom firme)

Na verdade, nossas preocupações não são apenas aquelas que já discutimos na vinda. Temos outro assunto que considero mais sério e temos de resolvê-lo hoje.

Os outros estranham essa comunicação feita assim de maneira abrupta e continuam em seus lugares, aguardando a informação. O chefe olha firme para eles declara.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Existe um traidor entre nós.

A palavra "traição" cai como uma bomba. Olham perplexos para o chefe.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Como os senhores sabem, decisões como o acidente contra o general e a capitã, a eliminação desse Maurício e o sequestro da irmã Tereza, sempre são tomadas em um número de três pessoas, ou seja, eu e mais dois. No caso do general e da capitã, não houve problema. Entretanto, no caso da irmã e o doutor Maurício, essa tal de Confraria foi informada por alguém.

Há um movimento estranho e perturbador no meio do grupo.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Adianto o seguinte. No caso da irmã Tereza, eu, o agente Loro e o agente Piauí, tomamos a decisão, os agentes Esquilo e Jaú, também sabiam. Presumo que bastava um deles avisar o inimigo para ele proteger os dois ao mesmo tempo. Sem dúvida que, sabendo eles que a irmã Tereza ou o doutor Maurício seria eliminado, imediatamente o inimigo protegeria esses seus dois membros.

E antes que algum deles faça alguma conjectura, ele acrescenta.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Portanto, excluídos os agentes Loro e Piauí, existem quatro pessoas suspeitas aqui, já que eu não cometi essa traição.

Todos continuam em silêncio.

88 EXT. MATO GROSSO RIO SÃO LOURENÇO MATA CASA PESQUEIRO – NOITE

O vulto está a uns trinta metro do vigia. Colada ao seu uniforme de campanha está uma carabina fina, que ele pega cuidadosamente porque já está armada e preparada para o tiro. O vigia recebe a bala na nuca e fica ainda um pouco encostado na árvore. Depois começa a descer vagarosamente enquanto o "Walk-Talk" o chama.

O vulto que está para trás vê quando o caseiro sai e entra no pomar. Também pega sua carabina. Aponta e espera. Quando vê que o vigia do outro lado começa a escorregar pelo tronco da árvore, também dispara.

Vira então a carabina para a lancha e aguarda. O terceiro vigia começa a estranhar que seus colegas não respondem aos seus chamados e sai de dentro da lancha. Assim que aparece, uma bala o atinge e ele escorrega de volta para a cabine.

O vulto encosta a carabina no tronco de uma árvore e pega do bolso uma pequena caixa que emite sinais luminosos, como um pisca-pisca.

89 INT. MATO GROSSO CASA PESQUEIRO – NOITE

Dentro da casa, a sessão continua. O chefe faz uma revelação.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Assim que desconfiamos que essa organização era um tipo de polícia paralela que poderia prejudicar os nossos interesses na Amazônia, procuramos saber quem estava financiando e que organização era essa. A descoberta foi surpreendente. Acreditem ou não, parece que existe mesmo uma Confraria que tem disciplina militar e organização evangélica. Há um mestre, que estaria na condição de Cristo, ou do papa, os doze apóstolos e os discípulos. Essa Ordem tem semelhança com a Ordem dos Templários, da Idade Média, e se julga no direito de roubar e matar para proteger o seu Graal, que é a Amazônia.

HOMEM BARCO CUIABÁ 06

Mas quem sustenta essa gente?

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Eles se alimentam do tráfico de drogas. Os senhores vão me perguntar: são traficantes? Não, não são.

Nota a curiosidade do grupo.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

E isso aumenta os riscos para os nossos planos. Não se sabe como, mas eles são informados do lugar onde é feita a entrega da droga e aparecem no momento do pagamento. Então chegam de surpresa, prendem e amarram os traficantes, queimam a droga e avisam a polícia. Com esse dinheiro, compram armas, veículos, aviões, compram pessoas.

Dá tempo para os demais pensarem e, como ninguém pergunta nada, continua.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Poderíamos denunciar essa organização e tentar pôr o governo contra ela. Não seria fácil. O assunto foi discutido e chegamos à conclusão de que os Estados Unidos, a Europa e o governo brasileiro, enfim, todos órgãos que combatem o tráfico de droga, apoiariam a Confraria. Com isso, ela se fortaleceria e os nossos planos poderiam ser desvendados. É um risco. Precisamos aperfeiçoar as nossas iniciativas e destruir as cabeças, com urgência.

Faz uma pequena pausa, toma um pouco de água e continua.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Essa é a questão. Precisamos aperfeiçoar as nossas iniciativas. Subestimamos o inimigo. Uma organização militar não deixa nunca de pensar na informação e a informação militar se busca com espionagem.

Pequena pausa e mais sério continua.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Infelizmente chegamos à conclusão de que essa Confraria tem um espião que atua entre nós e está sentado nesta mesa.

Todos se mexem inquietos e não escondem a ansiedade.

HOMEM BARCO CUIABÁ 01

Traidor aqui dentro do grupo?

O chefe fica um instante em silêncio, como se fosse dar a sentença final e continua a explicação.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

Há questão de alguns meses a Confraria teve conhecimento de uma grande transação e preparou uma armadilha para o momento da entrega da mercadoria. Ficaram com o dinheiro e destruíram a carga. Mas prenderam também vários integrantes que entregaram à polícia da Colômbia. Só não entregaram o chefe desse grupo de traficantes que era pessoa importante no tráfico em seu país. Não tínhamos explicação dos motivos pelos quais ele foi solto e voltou às suas atividades, enquanto os demais foram presos. Acontece que tínhamos suspeitas de vazamento de informações entre nós e começamos a fazer ilações. Viemos a descobrir que esse traficante é o irmão mais novo de um dos nossos.

E sem dar tempo para novas manifestações.

HOMEM CUIABÁ CHEFE

O agente Esquilo é colombiano e irmão do traficante solto. Sem dúvida alguma, a traição foi o preço da liberdade do irmão.

Nem acaba de dizer isso e os outros apontam suas armas para o colombiano.

HOMEM CUIABÁ CHEFE *(com frieza)*

A sentença para a traição sempre foi a pena de morte e o julgamento já está feito. A execução será fora da casa e o corpo jogado no rio.

90 **EXT. MATO GROSSO RIO SÃO LOURENÇO MATA CASA PESQUEIRO - NOITE**

Neste momento o vulto aperta o botão da parte inferior da pequena caixa que emite sinais luminosos e no mesmo instante uma pequena explosão rompe o zíper da bolsa, que o colombiano havia deixado perto da mesa, e gases começam a sair. O gás espalha-se imediatamente e eles não têm tempo de se proteger. Em poucos segundos estão todos dormindo.

91 **EXT. MATO GROSSO CASA PESQUEIRO - NOITE**

Os cachorros começam a latir e o caseiro vem correndo. Os dois vultos põe máscaras e entram na casa ...

92 **INT. MATO GROSSO CASA PESQUEIRO - NOITE**

... revistam malas e roupas, pegam tudo o que podem, inclusive documentos, e saem carregando o colombiano, chamado de Esquilo. O caseiro pára assustado e a mulher começa a chorar desesperada achando que ia morrer. Um dos vultos diz apenas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No tocante à integração entre o Estudo da Obra feito no capítulo 1, os Apontamentos à Adaptação formulados no capítulo 2 e suas relações com a aplicação na prática da redação do roteiro do Livro I no capítulo 3, podemos dizer que, ao longo dos trabalhos práticos, percebemos que apenas cortes no eixo dimensional não se mostram suficientes para a condensação necessária, é preciso igualmente proceder cortes no eixo da direção, ou seja, no eixo da sequência e da quantidade de acontecimentos do desenrolar da trama. Durante este processo, pensamos que o uso de um narrador em *voice over* para fazer determinadas amarrações, aliado ou não às vozes interiores dos protagonistas, deve ser altamente considerado como uma maneira efetiva de solucionar questões de condensação.

No que tange ao enredo, avaliamos que há a necessidade de se eliminar algumas passagens, sequências menores que reforçam ideias já colocadas, enfim certas ênfases e certos aprofundamentos que podem ser suprimidos ou abreviados sem perda da compreensão da história central e caminhando no sentido de simplificar a compreensão que, por sí, já é bastante complexa. Não obstante às colocações acima, avaliamos, no entanto, que o momento adequado para se proceder esta grande limpeza no eixo da direção e a possível inserção do narrador em *voice over* será com o olhar debruçado sobre o todo da trama por ocasião de uma eventual futura feitura da adaptação integral do romance, não sendo isso porém propositura desta pesquisa, mas apenas apontamentos para tal.

Os cortes no eixo da direção, no enredo e conseqüentemente de alguns diálogos, de alguns personagens secundários e espaços também, são necessários e devem ser somados aos cortes que atuam no eixo dimensional, nas *digressões didáticas*, nos tempos psicológicos de fluxos de pensamentos, nos excessos literários de descrição, entre outros pontos. Compondo, isto tudo, temos um conjunto de diretrizes para a concretização do intuito de conseguir mostrar uma história complexa de modo simples e sintetizado, sem perda do conteúdo essencial.

... a adaptação, do ponto de vista do adaptador, é um ato de apropriação ou recuperação, e isso sempre envolve um processo duplo de interpretação e criação de algo novo. (HUTCHEON, 2011, p.45).

Concluimos pois, que a fidelidade ao original literário deve ser relativa, deve se ater mais em contar a fábula central. Já a maneira como é contada esta fábula central, se mostra como o terreno mais propício para a liberdade de recriação no novo código. Em suma, pensamos que o ideal é ser fiel à essência e criativo na maneira de contar.

Talvez devêssemos pensar o fracasso de certas adaptações não em termos de fidelidade a um texto anterior, mas de falta de criatividade e habilidade para tornar o texto adaptado algo que pertence ao seu adaptador e que é, portanto, autônomo. (HUTCHEON, 2011, p.45).

Como vimos, ao longo desta proposta de trabalho, partimos da análise literária do romance *O Conceito Zero* e chegamos à elaboração do roteiro piloto do Livro I – *O Rio da Dúvida*. Neste processo observamos que a estrutura narrativa da obra em referência guarda uma grande força literária que estimula a capacidade imaginativa em dimensão tal que o leitor é fortemente levado a construir mentalmente as imagens oriundas do texto e de sua construção. O romance *O Conceito Zero* enseja a possibilidade de adaptação para o cinema que, se levada a cabo, poderá ampliar a visibilidade desta obra literária abrindo-a para outro código, tornando imagético aquilo que na literatura tende a permanecer volátil no imaginário. Uma recriação para projetar novos caminhos imaginativos, não só os abertos pelo livro, mas também outros propiciados pelo cinema.

REFERÊNCIAS - LITERÁRIAS

ALBUQUERQUE, Paulo Medeiros e. **Os maiores detetives de todos os tempos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1973.

ARISTÓTELES, **Poética** / Aristóteles. Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1993.

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARTHES, Roland. **Roland Barthes por Roland Barthes**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Magia e Técnica, Arte e Política**. Tradução Sergio P. Rouanet. São Paulo: Brasiliense, (1985) 11^a reimpressão 2008.

CALVINO, Italo. **Fábula Italianas**: coletadas na tradição popular nos últimos cem anos e transcritas a partir de diferentes dialetos. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CAMARGO, Luís. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Lê, 1995.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos Tradicionais do Brasil** / [compilado por] Luís da Câmara Cascudo; São Paulo: Global, 2000.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os Signos** / Gilles Deleuze. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.

DINE, S.S. Van. pseudônimo para WRIGHT, Willard Huntington. **As vinte regras para se escrever um bom romance policial**. Originalmente publicada in American Magazine, Springfield-Ohio, 1928.

MENDES, André. **O amor e o diabo em Angela Lago**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

PLAZA , Julio. **Tradução Intersemiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

POUND, Ezra. **ABC da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 2005.

PROPP, Vladimir Iakolevitch. **Morfologia do Conto Maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, (1928) 2010.

REIMÃO, Sandra Lúcia. **O que é romance policial**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TODOROV, Tzvetan. **Tipologia do romance policial**. In: As estruturas narrativas. São Paulo: Perspectiva, 1970.

REFERÊNCIAS - DRAMATURGIA E CINEMA

- CARRIÈRE, Jean-Claude & BONITZER, Pascal . **Prática do Roteiro Cinematográfico**. Tradução de Teresa de Almeida. São Paulo: JSN, 1946.
- COMPARATO, Doc. **Da criação ao Roteiro**. Rio de Janeiro: Roco, 1995.
- FIELD, Syd. **Manual do Roteiro**, Os Fundamentos do Texto Cinematográfico. Tradução de Alvaro Ramos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- FIELD, Syd. **Os Exercícios do Roteirista**. Tradução de Alvaro Ramos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.
- FIELD, Syd. **4 Roteiros**. Tradução de Alvaro Ramos. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997.
- HUTCHEON, Linda. **Uma Teoria da Adaptação**. Florianópolis: UFSC, 2011.
- KUSNET, Eugênio. **Ator e Método**. São Paulo: Hucitec. Rio de Janeiro: Funarte, 2003.
- MARQUEZ, Gabriel García. **Como Contar um Conto**. Tradução de Eric Nepomuceno. Escola Internacional de Cinema e Televisão de San Antonio de los Baños. Rio de Janeiro: Casa Jorge Editorial, 1997.
- MEISNER, Sanford. **On Acting**. New York e Toronto: Vintage Books, 1987.
- SEGER, Linda. **A Arte da Adaptação**, como Transformar Fatos e Ficção em Filme. São Paulo: Bossa Nova Editora, 2007.
- VOGLER , Christopher. **A Jornada do Escritor**, Estruturas Místicas para Contadores de Histórias e Roteiristas. Tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Ampersand, 1992.
- XAVIER, Ismail. Do texto ao filme: a trama, a cena e a construção do olhar no cinema. **In: Literatura, Cinema e Televisão**. São Paulo: Senac, 2003.

REFERÊNCIAS - GEOPOLÍTICAS

BARRETO, Carlos Alberto Lima Menna, 1929-1995, **A Farsa Ianomâmi**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

BARROS, A. J.. **O Conceito Zero**, uma trama internacional para a independência da Amazônia. São Paulo: Geração Editorial, 2006.

BEAUFRE, André. **Introdução à Estratégica**. Tradução Luiz de Alencar Araripe. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1998.

CARASCO, Lorenzo. **Máfia Verde**, o ambientalismo a serviço do governo mundial. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2008.

LINO, Geraldo Luís; CARASCO, Lorenzo; COSTA, Nilder. **A Hora das Hidrovias**, estradas para o futuro do Brasil. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2008.

LINO, Geraldo Luís; CARASCO, Lorenzo; COSTA, Nilder; PALACIOS, Sílvia. **Máfia Verde 2**, ambientalismo, novo colonialismo. Rio de Janeiro: Capax Dei, 2005.

MATTOS, Carlos de Meira. **Geopolítica e Modernidade**, a geopolítica brasileira. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 2002.

MEIRELLES FILHO, João Carlos. **Livro de Ouro da Amazônia**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SUNZI / SUN TZU. **A Arte da Guerra**, Sunzi. Tradução e edição Adam Sun. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2006.